



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO - PRPG**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES - PPGCR**

**SAMUEL LOPES DOS SANTOS**

**HOMOSSEXUALIDADES NA IGREJA CATÓLICA NA PARAÍBA: um olhar para a  
existência da 'homosacralidade'**

**JOÃO PESSOA - PB**

**2023**

**SAMUEL LOPES DOS SANTOS**

**HOMOSSEXUALIDADES NA IGREJA CATÓLICA NA PARAÍBA: um olhar para a  
existência da ‘homosacralidade’**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões, como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências das Religiões.

**Linha de Pesquisa:** Religião, Cultura e Sistemas Simbólicos.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Rita Cristiana Barbosa.

**JOÃO PESSOA - PB**

**2023**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S237h Santos, Samuel Lopes dos.

Homossexualidades na igreja católica na Paraíba : um  
olhar para a existência da 'homosacralidade' / Samuel  
Lopes dos Santos. - João Pessoa, 2023.

104 f.

Orientação: Rita Cristiana Barbosa.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE.

1. Cristianismo. 2. Homofobia. 3. Identidade. 4.  
Sacralidade. I. Barbosa, Rita Cristiana. II. Título.

UFPB/BC

CDU 27(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

“HOMOSSEXUALIDADES EM IGREJAS CRISTÃS NA PARAÍBA: um olhar para a existência da ‘homossacralidade’”

Samuel Lopes dos Santos

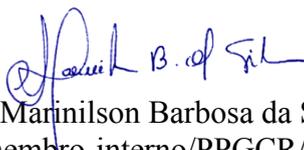
Dissertação apresentada à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas.



Rita Cristiana Barbosa  
(orientador/PPGCR/UFPB)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** ANTONIO JEFERSON BARRETO XAVIER  
Data: 06/11/2023 17:23:27-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Antonio Jeferson Barreto Xavier  
(membro-externo/PPGEDU/UFMS)



Marínilson Barbosa da Silva  
(membro-interno/PPGCR/UFPB)



Fernanda Lemos  
(membro-interno/PPGCR/UFPB)

Aprovada em 28 de julho de 2023.

## **AGRADECIMENTOS**

A Universidade Federal da Paraíba - (UFPB).

Ao PPGCR pela acolhida e aceitação.

A todos os professores e professoras do programa pela contribuição em minha formação.

A CAPES pelo compromisso e responsabilidade na manutenção da pesquisa.

A minha orientadora Professora Rita Cristiana, por ter aceitado a orientação de bom grado.

As minhas famílias: materna, paterna e extensa pelo apoio de sempre.

A minha mãe Jairene Lopes por caminhar junto comigo em todos os momentos.

A meu pai Mário Sérgio (Nego) que em sua limitação não foi indiferente a minha luta.

A minha irmã Samylla Lopes e meu sobrinho Heitor Lopes pela presença afetuosa.

A minha avó paterna Maria Delfina Conceição (Bitá) pelo cuidado.

A Tereza Cristina, Geno Lira, Geninho, Larissa e Davi minha família do coração.

Aos meus colegas do mestrado, que me sustentaram em momentos difíceis.

Ao Coordenador do Programa Professor Marinilson pela atenção dada.

A professora Fernanda Lemos pelo contato inicial e direcionamento e aconselhamento.

A Ivany nossa querida secretária do PPGCR que sempre me atendeu tão bem.

Aos Paroquianos de Santa Maria Madalena onde cresci e me encontro.

A todos os meus amigos e amigas que comigo estão em todos os momentos.

A todos as pessoas que vieram antes de mim e deram suas vidas na luta por direitos humanos.

“Mais um santo para esculpir é o que lhe vale, pra evitar que o rancor suas ervas espalhe.” Milagreiro – Djavan (2001).

## RESUMO

Os conceitos de identidade de gênero e de orientação sexual ainda são pouco discutidos na maioria das igrejas cristãs no Brasil ao tempo que ainda são inconcebíveis. Essa não aceitação temática gera o fortalecimento de preconceitos contra pessoas que vivem a não heteronormatividade, mas que querem viver sua fé cristã e serem inseridos nas igrejas. Diante disso, este trabalho objetivou identificar as discriminações e preconceitos contra homossexuais no âmbito religioso cristão católico no Sertão do Estado da Paraíba. Especificamente, buscou-se analisar as violências existentes em igrejas cristãs contra jovens *gays*. Averiguar e compreender os comportamentos de *gays* católicos frente à violência institucional e os rebatimentos na Igreja Católica na Paraíba. Reconhecer a presença de pessoas homossexuais no contexto religioso católico e suas vivências litúrgico-pastorais em igrejas sertanejas paraibanas. Bem como, verificar e conhecer ações de enfrentamento realizadas por instituições religiosas cristãs que despertam uma prática de reflexão, compaixão e acolhimento sobre a temática. No que tange ao tipo da pesquisa, o trabalho é de cunho qualitativo, do tipo bibliográfico, sob o paradigma de pesquisa do método *materialista histórico-dialético*, com método de análises: teoria fundamentada, a partir de autores/as como: Silvana Vilodre Goellner, José Carlos Libânio, Guacira Lopes Louro, Flávio Munhoz *Sofiati*, Joan Scott, Rogério Diniz Junqueira, dentre outros/as. Os capítulos apresentam a análise da constituição sócio-histórica e histórico-cultural da construção e regulação de sexo e gênero, no contexto do cristianismo ocidental e os processos de negação das homossexualidades, e identidades de gênero não normativas na igreja santa e pecadora romana. Também é apresentado o retrato dos novos formatos de igrejas cristãs no Brasil, a relação entre a igreja católica e o jovem homossexual e casos de homofobia estrutural e institucional na Paraíba. O percurso metodológico percorrido permitiu verificar ainda ações de enfrentamento realizadas por instituições religiosas cristãs que despertam uma prática de acolhimento e reflexão sobre a temática. Conclui-se a existência desafiadora de debater tais assuntos no interior das igrejas a fim de despertar para o reconhecimento religioso e científico e diminuir, senão extinguir, com a discriminação e preconceito. Assim, será possível construir uma cultura religiosa de acolhimento sincero e reconhecimento da sacralidade de vidas homossexuais.

**Palavras-chave:** Cristianismo. Homofobia. Identidade. Sacralidade.

## ABSTRACT

The concepts of gender identity and sexual orientation are still little discussed in most Christian churches in Brazil, while they are still inconceivable. This thematic non-acceptance generates the strengthening of prejudices against people who live non-heteronormativity, but who want to live their Christian faith and be inserted in churches. In view of this, this work aimed to identify discrimination and prejudice against homosexuals in the Catholic Christian religious context in the Sertão of the State of Paraíba. Specifically, we sought to analyze existing violence in Christian churches against young gay men. Investigate and understand the behavior of gay Catholics in the face of institutional violence and repercussions in the Catholic Church in Paraíba. Recognize the presence of homosexual people in the Catholic religious context and their liturgical-pastoral experiences in sertaneja churches in Paraíba. As well as verifying and knowing coping actions carried out by Christian religious institutions that awaken a practice of reflection, compassion and acceptance on the subject. With regard to the type of research, the work is of a qualitative nature, of the bibliographic type, under the research paradigm of the historical-dialectical materialist method, with analysis method: grounded theory, from authors such as: Silvana Vilodre Goellner , José Carlos Libânio, Guacira Lopes Louro, Flávio Munhoz Sofiati, Joan Scott, Rogério Diniz Junqueira, among others. The chapters present an analysis of the socio-historical and historical-cultural constitution of the construction and regulation of sex and gender, in the context of Western Christianity and the processes of denial of homosexuality, and non-normative gender identities in the holy and sinful Roman church. It also presents a portrait of the new formats of Christian churches in Brazil, the relationship between the Catholic Church and young homosexuals and cases of structural and institutional homophobia in Paraíba. The methodological route covered also allowed us to verify coping actions carried out by Christian religious institutions that awaken a practice of reception and reflection on the theme. It concludes the challenging existence of debating such matters within the churches in order to awaken to religious and scientific recognition and reduce, if not extinguish, discrimination and prejudice. Thus, it will be possible to build a religious culture of sincere reception and recognition of the sacredness of homosexual lives.

**Keywords:** Christianity. Homophobia. Identity. Sacredness.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tríade da homosacralidade .....	56
Quadro 2: Elementos para uma homosacralidade.....	57
Quadro 3: Polaridades discursivas .....	72

## LISTA DE ABREVIATURAS

APA - Associação Americana de Psiquiatria

CEBs - Comunidades Eclesiais de Base

CELAM - Conselho Episcopal Latino-Americano

CF - Constituição Federal

CFE - Campanhas da Fraternidade Ecumênicas

CFM - Conselho Federal de Medicina

CFP - Conselho Federal de Psicologia

CIC - Catecismo da Igreja Católica

CID - Classificação Internacional de Doenças

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CONIC - Conselho Nacional de Igrejas Cristãs

DSM - Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais

EUA - Estados Unidos da América

GDE - Gênero e Diversidade na Escola

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias e mais.

OMS - Organização Mundial da Saúde

PPGCR - Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões

TL - Teologia da Libertação

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>CAPÍTULO I – REGULAÇÃO DAS HOMOSSEXUALIDADES NO CONTEXTO DO CATOLICISMO OCIDENTAL: enfoques interinstitucionais das violências</b> .....	15
1.1 Constituição socio-histórica da sexualidade e a construção histórico-cultural de gênero sob o manto da Igreja Católica.....	17
1.2 Corpos vetados, espíritos exilados e os sentidos: espiritual, cultural e geracional frente ao determinismo biológico.....	20
1.3 Noções e visões da homossexualidade com o Catolicismo: qual a relação?.....	26
1.4 Entre demagogias e melancolias: processos de negação das homossexualidades na igreja santa e pecadora romana.....	32
1.5 O cinismo católico e a homofobia escancarada: o caso da igreja não convertida .....	39
<b>CAPÍTULO II – HOMOSACRALIDADE: A AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES DE GÊNERO E SEXUALIDADES NO ÂMBITO RELIGIOSO CRISTÃO CATÓLICO</b> .....	48
2.1 Homosacrossantos: um olhar para seus guetos, existências e invisibilidades.....	49
2.2 Homosacrossantos na contemporaneidade: a “nova era” para os homossexuais católicos? .....	62
2.3 Os jovens entoam: “tudo é graça, Deus nos conduz!” múltiplos olhares para as juventudes homosacralizadas .....	67
<b>CAPÍTULO III – ENTRE SOMBRAS E LUZES: UM OLHAR PARA A IGREJA CATÓLICA NO SERTÃO DA PARAÍBA</b> .....	75
3.1 Os muros das lamentações se firmam na história: os casos de violações de direitos pela homofobia institucional no Sertão Paraibano .....	77
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: Que fique claro; Deus não condena!</b> .....	94
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	96

## INTRODUÇÃO

Trago presente, uma breve contextualização histórica de minha trajetória acadêmica, recordações da vida espiritual pessoal e a vivência religiosa comunitária. Nasci e cresci em um contexto familiar de religião católica e o predomínio da religiosidade fez com que, a partir de minha infância, buscase participar dos movimentos pastorais e servir na Liturgia<sup>1</sup> no município de Teixeira, Sertão da Paraíba.

Sempre estive ligado ao setor de pastoral social que direciona sua atuação em detrimento de processos de formação humana, fé e política, contribuindo para refletir sobre a realidade em comunhão com a Doutrina Social da Igreja<sup>2</sup>, pensar criticamente sobre os acontecimentos da sociedade e fazer análise de conjuntura no método ver, julgar e agir, além de desenvolver um trabalho social em pastoral de conjunto que significa agregar pastorais, movimentos, serviços e ordens seculares instituídas.<sup>3</sup>

Ao conhecer a Teologia da Libertação (TL), especialmente as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) entendi o verdadeiro sentido de ser, e fazer-se igreja, de caminhar ao lado dos pobres, marginalizados, excluídos e oprimidos da sociedade. Aprendi o significado de Ecumenismo e Diálogo inter-religioso em seu sentido amplo e outros temas frente às expressões da questão social em evidência e desfrutei de uma rica experiência catequética, evangelizadora, eclesiológica e missionária.

Na caminhada de fé vivenciei importantes formações que me levaram ao engajamento e protagonismo para estar na linha de frente na defesa dos Direitos Humanos (DH), cujos momentos significativos foram as Campanhas da Fraternidade Ecumênicas (CFE) promovidas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em parceria com o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC).

---

<sup>1</sup>Palavra de origem grega, cujo significado é “serviço público”, uma obra realizada em benefício do povo. A Igreja assumiu e aplicou o termo no sentido de “serviço divino”, serviço religioso e ritual. É, ao mesmo tempo, a salvação realizada por Deus na sua Igreja e o culto prestado a ele por essa Igreja. É pelas celebrações litúrgicas que Cristo nos reúne em assembleia e nos põe em comunhão com o Pai pelo Espírito Santo (MIGUEL, 2018).

<sup>2</sup>Designa o conjunto de orientações da Igreja Católica para os temas sociais. Reúne os pronunciamentos do magistério católico sobre tudo que implica a presença do homem na sociedade e no contexto internacional. Trata-se de uma reflexão feita à luz da fé e da tradição eclesial (ALETEIA, 2020).

<sup>3</sup>Ação global, orgânica e articulada, que a comunidade eclesial realiza sob a direção do bispo destinada a levar a pessoa e todos os membros à plena comunhão de vida com Deus (PUEBLA, 1979. p. 15). Refere-se ao esforço de leigos, leigas, religiosos, religiosas e a hierarquia em mutirão a serviço da vida e da justiça, a partir da compreensão de que a Igreja é uma rede de comunidades de irmãos e irmãs, cuja ação pastoral se dá com o esforço de aglutinação e articulação de metas e princípios na ação evangelizadora estabelecendo o alicerce da estrutura pastoral e promover a unidade na Igreja (CNBB, 2011).

A vida me ensinou cedo a necessidade da emancipação e empoderamento para conseguir enfrentar as adversidades e desafios da *práxis* cotidiana. A esse respeito, lembro a lição de Freire (2011, p. 71) que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. E como bem diz a canção “[...] cada um de nós compõe a sua história, cada ser em si, carrega o dom de ser capaz, e ser feliz”. Almir Sater.

Em minha trajetória educacional, desde o Ensino Fundamental e mais intensamente no Ensino Médio cultivei o sonho de fazer uma graduação, tendo em vista o histórico familiar de poucos terem acessado, e um dia poder adentrar, uma instituição de nível superior.

Fiz o Curso de Bacharelado em Serviço Social (2015-2019) que me aproximou das leituras críticas de fato, apesar de ter estudado em uma faculdade privada mantive o desejo de ingressar em uma Universidade Pública por entender que contempla em sua totalidade o ensino, a pesquisa e a extensão, na qual, o direito básico à Educação não se encontra na lógica mercadológica especialmente.

Em 2019 ingressei na Especialização em Gênero e Diversidade na Escola (GDE) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) finalizando em 2021, onde me proporcionou participar de eventos científicos em níveis local, regional, nacional e internacional, com trabalhos submetidos e apresentados que me estimularam e contribuíram sobremaneira no desenvolvimento de outras pesquisas abrangentes que levou-me a entender diversos processos para o exercício da docência.

Mediante as experiências vivenciadas e munido do conhecimento adquirido, alimentei o desejo de aprofundar minha formação enquanto pesquisador. O leque de possibilidades foi abrindo-se e essa aproximação me possibilitou intensificar os estudos científicos no mestrado acadêmico, onde em 2021 ingressei como aluno regular no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (PPGCR/UFPB), atraído pela transdisciplinaridade da proposta curricular no nível *Stricto Sensu*, comprometida com a produção científica ética e crítica.

Neste cenário e diante de outros fatores germina e reside o cerne de minha ligação e presença de maneira ampla com a temática desta pesquisa, dado o anseio de pesquisar as questões de gênero e sexualidade no âmbito religioso. A partir de minha militância, analisar as discriminações e preconceitos existentes no terreno da diversidade sexual e de gênero no interior das igrejas cristãs que incidem na vida de jovens homossexuais, especialmente na Igreja Católica.

No intuito de colaborar com a construção do conhecimento científico e fazê-lo chegar aos recantos da sociedade, nos deparamos com as perguntas corriqueiras, mas necessárias, que todo pesquisador se depara sendo elas: quais os benefícios da pesquisa? Quais aspectos

inovadores a pesquisa traz? De imediato, surge o esforço em respondê-las de maneira objetiva e precisa. Portanto, para a construção desta dissertação não poderia ser diferente.

A presente pesquisa objetivou identificar as discriminações e preconceitos contra homossexuais no âmbito religioso cristão católico no Sertão do Estado da Paraíba, analisando as violências existentes em igrejas cristãs contra jovens *gays*, além de averiguar e compreender os comportamentos de *gays* católicos frente à violência institucional e os rebatimentos na Igreja Católica na Paraíba.

Bem como, reconhecer a presença de pessoas homossexuais no contexto religioso católico e suas vivências litúrgico-pastorais em igrejas sertanejas paraibanas e verifica e reconhece ações de enfrentamento realizadas por instituições religiosas cristãs que despertam uma prática de reflexão, compaixão e acolhimento sobre a temática.

Este estudo levanta a hipótese de que homossexuais vinculados ao cristianismo de vertente dogmática católica não são aceitos nas igrejas abertamente e se sentem inseguros em razão de sua orientação sexual e identidade de gênero especificamente, e em consequência disto, ouvem comentários negativos em detrimento e perante os preceitos religiosos estabelecidos.

A pesquisa está estruturada no modelo do tipo bibliográfica, de cunho exploratória/descritiva, diante da necessidade de explorar a temática proposta que a partir de um planejamento prévio enveredamos uma revisão de literatura conduzida com a utilização de livros, artigos científicos de periódicos da área das Ciências das Religiões (CR).

Sobre as questões referidas e afetas ao interesse da pesquisa, nos deparamos com uma temática relativamente nova de investigação. Mendonça (2003, p. 17) afirma que nos deparamos “com temas até então ignorados, ao menos quanto ao modo de abordá-los”.

Os objetivos foram alcançados através do método de caráter qualitativo, avaliado como sendo apropriado e/ou que se adaptou melhor ao objeto de estudo. Utilizamos enquanto categoria de análise, o método histórico dialético crítico para fundamentar as análises empreendidas frente à realidade social pesquisada, auxiliando fundamentalmente com clareza, eficiência e criticidade.

Para Assis (2009) a teoria do materialismo histórico em sua produção, e na troca dos produtos constitui a base de toda ordem social, isto é, em todas as épocas, através dos fatos materiais, essencialmente econômicos e técnicos. A autora assegura, que quando o pesquisador adota esse quadro de referência, passa a enfatizar a dimensão histórica dos processos sociais.

Neste estudo investigativo, envolvemos e utilizamos dados secundários com recortes na literatura citando a fonte e trazendo as referências bibliográficas das obras, publicações e legislações expressas. Utilizamos autores inseridos no rol das extensivas contribuições de caráter científico, enveredados nas áreas das ciências humanas, sociais e das religiões, como: Silvana Vilodre Goellner, José Carlos Libânio, Guacira Lopes Louro, Heleieth Iara Bongiovani Saffioti, Flávio Munhoz Sofiati, Joan Scott, Rogério Diniz Junqueira, dentre outros/as.

A partir de um planejamento prévio estruturado, enveredamos uma revisão de literatura com o tipo de pesquisa bibliográfica, de cunho exploratória/descritiva diante da necessidade de explorar a temática proposta. Os objetivos foram alcançados através do método de caráter qualitativo, avaliado como sendo apropriado e/ou que se adaptou melhor ao objeto de estudo.

Enquanto categoria de análise, utilizamos o método dialético para fundamentar as análises empreendidas, pois auxilia fundamentalmente com mais clareza e eficiência a realidade social. E assim, levou-se em consideração as dimensões preconizadas pelo método crítico da tradição marxista, cujas bases foram definidas por Marx e Engels, que contribui decisivamente para oxigenar a inserção do pensamento de Marx ao longo de sua materialização e produção acumulada.

Marx (1999) observa que a realidade é concebida como um fenômeno marcado pela contradição, cujos fatos sociais não podem ser analisados isoladamente, mas em sua totalidade nos sistemas: políticos, econômicos, culturais, religiosos, entre outros, nas quais fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante.

Em razão disso, não se conclui nada em um texto científico sem que as premissas estejam muito bem fundamentadas em um referencial teórico ou empírico, em estudos e/ou pesquisas anteriores ou nas observações e pesquisas que o próprio autor realizou. (HÜBNER, 1998, p. 17) “é ter sempre uma visão relativa dos fenômenos e não absoluta: é estabelecer relações entre fenômenos e não concebê-los como fenômenos isolados de um texto.

A pesquisa foi conduzida com a utilização de livros, artigos científicos de periódicos da área das Ciências das Religiões (CR) e sobre questões referidas e afetas ao interesse da pesquisa, na qual nos deparamos com uma temática relativamente nova de investigação. Sobre isso, Mendonça (2003, p. 17) afirma que defrontamos “com temas até então ignorados, ao menos quanto ao modo de abordá-los”.

Não é possível falar em nome da ciência representando-a. Ela é multifacetada, polêmica e contraditória. “É preciso antes de tudo, ter comportamento científico diante da

produção do conhecimento e, conseqüentemente, ou concomitantemente, pensar, raciocinar cientificamente”. “[...] saber que a ciência lida com incertezas que os fenômenos são, em geral, complexos e que, por isso, é preciso ter cuidado em afirmar ou negar algo”. (HÜBNER, 1998, p. 17)

Neste sentido, obedeceu aos requisitos da pesquisa de teor bibliográfico, na qual estabelecemos o compromisso em defender e alcançar o que está explicitado no objetivo primário, e nos objetivos secundários galgados à luz da concepção teórica, no decorrer do estudo, entre outras produções bibliográficas.

O percurso metodológico percorrido cumpriu com as exigências estabelecidas pelas normas da pesquisa social de abrangência bibliográfica, cuja principal finalidade “é levar o pesquisador (a) a entrar em contato direto com obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo. O mais importante para quem faz a opção por uma pesquisa bibliográfica é ter a certeza de que as fontes a serem pesquisadas já são reconhecidamente de domínio científico”. (OLIVEIRA, 2012. p. 69)

Nessa direção, estabeleceu-se a escolha do *locus* para delimitar a presente pesquisa, o Estado da Paraíba especialmente o Sertão Paraibano. Contudo, entendemos que se faz necessário e urgente desenvolver estudos que analise especificamente esse território e conseqüentemente elevando um patamar no arsenal teórico, rompendo a escassez de referencial bibliográfico para dar embasamento às produções científicas.

Em nossas análises o conceito de “Sertão” será tratado enquanto território, para tanto, é importante lembrar os conceitos-chave abarcados pelas Ciências Sociais, como “Estado-nação”, “Região”, “Território”, “Localização”, “Fronteira”, que nas palavras de Costa Lima (2011) foram afetados por mudanças radicais e imersos em circuitos cruzados, estão a carecer de contribuições multidisciplinares, de novas abordagens mais articuladas e, ao mesmo tempo serem reproblematisados e reatualizados.

Faremos menção às juventudes para caracterizar as múltiplas existências de singularidades jovens, e as experiências pedagógicas em uma perspectiva plural, das quais são entrelaçadas por processos didáticos e dinâmicos na sociedade, sendo muitas vezes elemento chave na atividade pastoral.

Quanto à terminologia (intolerância) seja de gênero ou religiosa, para além de termos são categorias de análises que foram desenvolvidas e empregadas neste estudo. Estas intolerâncias se configuram como próprio das religiões que são alvos ou produtoras, no primeiro caso assim como a homofobia também é crime tipificado no Brasil. Importa

mencionar que ambas são violações de Direitos Humanos que violentam com abusos, ódio e exclusão social.

Sobre a intolerância de gênero em seu sentido etimológico utilizaremos para designar as nuances dos preconceitos e deturpações sobre o recorte de homens *gays* no tempo presente, sendo uma adaptação para o contexto das Ciências das Religiões, já que homofobia nas palavras de Borillo (2015, p. 22) consiste “ao conjunto das atitudes cognitivas de cunho negativo para com a homossexualidade nos planos social, moral, jurídico e/ou antropológico”.

Sobre LGBTfobia não iremos nos referir especificamente a esta sigla de forma mais ampla, que abrange todas as categorias, mas faremos menção ao tratar do preconceito/discriminação e demais violências decorrentes contra Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis e Transexuais e outros (LGBTQIAPN+), uma manifestação arbitrária que desqualifica, violenta e fere consideravelmente suas dignidades e subjetividades.

Nos detemos em analisar a questão da homossexualidade que culminou com a descoberta do neologismo homosacralidade e seu processo de maturação e assim, vislumbramos que foi um aspecto inovador em nosso estudo que naturalmente nos impôs a necessidade de definição e teorização e o fizemos e apresentamos no Capítulo II. E grande foi o empenho em dar uma devolutiva mesmo que de forma teórica concreta aos sujeitos políticos coletivos articulados nos movimentos sociais e populares de base progressista e libertadora.

No segundo capítulo, analisamos o despertar de um olhar sensível juntos as pessoas que pouco ou nada são acolhidas nas igrejas cristãs católicas paraibanas, frente a situações de preconceito e discriminação devido a suas condições sexuais fora dos moldes heteronormativos. Deste modo, posturas de acolhimento podem estarem sendo desprezadas diante da ausência de habilidades de líderes religiosos para prevenir estes ataques, ou ainda a tentativa de enquadrá-los nos padrões religiosamente concebidos.

Observa-se que os Jovens são chamados continuamente a serem sal da terra e luz do mundo e buscarem um caminho de santidade com a proposta de serem “Santos de calças jeans” e por isso a juventude entusiasta da exaltação da sexualidade macula ao assumirem uma atitude contrária que torna-se para eles um retrato prototípico de tortura de forma eficaz.

No capítulo III, identificamos a inibição da valorização de discussões sobre a realidade social no âmbito religioso e os modelos de preconceitos velados ou abertamente notórios, que contribuíram para as taxas de violências com motivações homofóbicas supostamente fortalecidas pelos movimentos carismáticos de vertente dogmática cristã católica.

Estabelecemos e evidenciamos enquanto benefícios da presente pesquisa, auxiliar na busca de novas alternativas de enfrentamento a problemática apresentada e promover a

intervenção nos debates relacionados aos territórios, principalmente o sertão paraibano, além de buscar estimular e ampliar a base de discussão, cujos debates concentram-se no âmbito das Ciências das Religiões cuja produção científica permeia diversos espaços sociais para além do universo estritamente acadêmico, de modo a contribuir com a compreensão da temática.

Na contemporaneidade, os modos de cada profissão de fé e seguimento religioso tornaram-se objeto de estudos no âmbito das Ciências: Humanas, Sociais e da Religião especificamente. Frente a isto, buscou-se produzir uma pesquisa de impacto cuja proposta metodológica atesta a transversalidade e a interdisciplinaridade, dialogando com diferentes áreas do conhecimento, com concentração na categoria de análise do método crítico.

Este estudo busca se apresentar como uma importante elaboração para o fortalecimento do sistema de controle social vigente, cujas instâncias e mecanismos de participação social são negligenciados, silenciados e fragilizados em processos de ataques e desmontes, cujos rebatimentos atinge sobremaneira a população trabalhadora brasileira.

Nessa seara, novos protagonistas vêm sendo desafiados/as a reelaborar o discurso religioso que esgarça o tecido social. Atrelado a isso, apontaremos a seguir que estes ambientes de efervescência dogmática têm se tornado inóspito e desfavorável para as pessoas LGBTQIAPN+, privilegiado para a proliferação de discriminações, desentendimentos e opressões e sendo os mais afetados nos sistemas educacionais.

Por assim dizer, acredita-se que outros benefícios foram trazidos para que possamos envolver outros sujeitos de direitos enquanto agentes transformadores da realidade sociocultural e socioeducacional em escala regional, levando em consideração as formas de organização e participação dos diversos segmentos, entidades representativas de categorias profissionais e da classe trabalhadora e organizações da sociedade civil organizada em geral.

Espera-se que o resultado deste estudo seja de extrema relevância, colocando-se como referencial para novos arcabouços teóricos com desdobramentos para pesquisas futuras e representando uma contribuição empírica na quebra de paradigmas, bem como, intensificar os estudos nessa área, contribuindo com a produção científica e colaborar com a transformação da realidade socioeducacional brasileira em que estamos inseridos, permeada por diversidades culturais, geracionais e de gênero.

Portanto, acreditamos que a temática pode ser discutida e enfrentada abrindo caminho para superação das violências e preconceitos no conjunto da sociedade no sentido de tratar os aspectos teóricos em articulação com a realidade concreta, valorizando a produção de saberes construídos e ampliando o conhecimento neste vasto campo de pesquisa e contemplando reflexões sobre religião, gênero e sexualidades não normativas.

## **CAPÍTULO I – REGULAÇÃO DAS HOMOSSEXUALIDADES NO CONTEXTO DO CATOLICISMO OCIDENTAL: enfoques interinstitucionais das violências**

No curso das transformações societárias se inserem as religiões, reconhecemo-las como espaço de livre exercício e manifestação de crenças e cultos, cujas práticas em maior parte se centra na adoração às divindades, com rituais próprios em suas liturgias,<sup>4</sup> com diferentes e múltiplas particularidades nos diversos contextos do segmento religioso. Inicialmente faz-se importante resgatar brevemente períodos da história do cristianismo onde observa-se o advento de sua institucionalização sob o formato de igrejas presentes em todo o mundo.

Ao mencionara fundação da Igreja Católica Apostólica Romana, sendo a primeira igreja universal instituída pelo cristianismo, recordamos as primeiras comunidades cristãs narradas na bíblia no livro dos Atos dos Apóstolos (30-62 d.C), escrito pelo evangelista Lucas. Existem relatos que foi escrito antes da destruição do templo de Jerusalém, sede da igreja primitiva e símbolo da religião cristã.

Moldou-se um formato institucional a partir da primeira vinda de Jesus Cristo ao mundo. Com sua morte e ressurreição estabeleceu-se a centralidade da fé cristã, ele que é o alfa e o ômega, o princípio e o fim de tudo que existe nos céus e sob a terra e em tudo que ela encerra, esta afirmação está contida no capítulo 22, versículo 13 do livro do Apocalipse<sup>5</sup>.

Para tanto, a historiografia católica enfatiza as origens da igreja, mas a versão mais aceita é atribuída ao dia de pentecostes como o marco de sua criação, onde Maria e os discípulos estavam reunidos em um mesmo lugar após completar cinquenta dias da festa da páscoa judaica e a descida do Espírito Santo sobre eles fez com que falassem em línguas estranhas, como de fogo que não se compreendia e, assim, os discípulos seguem em missão pelo mundo como Jesus pediu e funda-se a igreja, cujo primeiro papa foi o apóstolo Pedro.

Com o passar dos séculos, a Igreja Católica consolidou o seu legado em todo mundo, conseguiu impor sua doutrina enquanto poder vigente nas sociedades, que atrelada ao Estado dominava todo sistema social, político e religioso até a sua ruptura, perdendo seu sólido poder temporal em andamento desde o final da Idade Média. (VICENTINO & DORIGO, 2010).

---

<sup>4</sup>Art 5º §VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias (CF/19988).

<sup>5</sup>Último livro da bíblia (Novo Testamento) escrito pelo evangelista e apóstolo João (d.C), que significa revelação.

No decorrer dos séculos XV e XVII sofreu muitos abalos e um dos mais significativos da história da igreja foi justamente a criação da Reforma Protestante iniciada no Século XVI, a partir da contestação e saída de Martinho Lutero (1483-1546), clérigo católico, que publicou e fez a apresentação de suas 95 teses afixadas na porta da igreja de Wittenberg, no dia 31 de outubro de 1517.

Inicialmente Lutero ousou denunciar o abuso de autoridade do Papa Leão X,<sup>6</sup> utilizando seu ministério, de ministro ordenado, para tecer inúmeras críticas as controvérsias e deturpações existentes no cristianismo desde a sua inauguração com os que deram continuidade ao discipulado de Cristo, ou seja, os que mantinham seus votos cristãos de acordo com as proposições iniciais da igreja, de obediência aos ensinamentos e mandamentos. Importante observar que esse desregramento moral não envolvia todo o corpo eclesiástico, já que muitas ordens religiosas e parte do clero tinham uma conduta austera frente aos escândalos ocorridos. (VICENTINO & DORIGO, 2010).

No transcurso dos tempos, com a expansão e crescimento das igrejas que se espalharam por todo mundo, aconteceu à fragmentação do cristianismo que se converteu em um amontoado de denominações cristãs sem precedentes, em uma perda total de uma unidade, frente a uma relação descentralizada e autônoma.

Os surgimentos de outras vertentes filosóficas e correntes teológicas convergiram para que deturpações fossem concretizadas, e desde então, prega-se com fundamentalismo, rubricismo<sup>7</sup> e clericalismos<sup>8</sup> nas quais, se utilizam das passagens bíblicas para justificar determinadas situações da vida cotidiana.

A proposta inicial da Igreja Católica foi sendo intensamente fragmentada e passou por modificações ao longo dos anos, dando lugar a um formato de Igrejas caóticas e melancólicas em detrimento a uma imposição generalista de dogmas, doutrinas em vista de um falso

---

<sup>6</sup>Redigiu uma bula condenando e exigindo a retratação e ameaçando-o de excomunhão. Mas Lutero queimou-a em praça pública. Em 1530, a Confissão de Augsburg fundou a doutrina Luterana. (VICENTINO & DORIGO, 2010, p. 72).

<sup>7</sup>Baseado inteiramente e meramente no formalismo, primordialmente na rubrica do Missal Romano da liturgia.

<sup>8</sup>O Papa Francisco, em seu discurso no Sínodo de 2018 descreve: O clericalismo surge de uma visão elitista e exclusivista da vocação, que interpreta o ministério recebido como um poder a ser exercido e não como um serviço gratuito e generoso a ser prestado. Isto leva-nos a acreditar que pertencemos a um grupo que tem todas as respostas e que já não precisa de ouvir ou aprender nada. O clericalismo é uma perversão e é a raiz de muitos males na Igreja: devemos humildemente pedir perdão por isto e acima de tudo criar as condições para que não se repita. Outra ocasião que o Papa Francisco falou sobre o tema foi em diálogo no dia 5 de setembro de 2019 com os Jesuítas de Moçambique e Madagáscar. “O clericalismo é uma verdadeira perversão na Igreja. O pastor tem a capacidade de ir na frente do rebanho para mostrar o caminho, ficar no meio do rebanho para ver o que acontece dentro dele e também ficar atrás do rebanho para garantir que ninguém seja deixado para trás. O clericalismo, ao contrário, pretende que o pastor esteja sempre na frente, estabeleça uma rota e se puna com a excomunhão aqueles que se afastam do rebanho. Em suma: é precisamente o contrário do que fez Jesus. O clericalismo condena, separa, chicoteia, despreza o povo de Deus.”

moralismo, que se estabeleceu e a intensificação da repressão as sexualidades não normativas, das quais a homossexualidade.

A partir de então vislumbra-se a implementação do patriarcado no contexto do ocidente e posteriormente além-fronteiras, dentre as quais o Brasil também foi imerso no período da colonização no processo de catequização. Todos esses fatores e determinantes com nexos causais produzidos pela fé católica serão apresentados a seguir.

### 1.1 Constituição socio-histórica da sexualidade e a construção histórico-cultural de gênero sob o manto da Igreja Católica

Nos contextos das sociedades ocidentais, as definições de sexo/sexualidade foram colocadas em evidência e posteriormente as classificações de gênero, que de forma deturpada, passaram a ser tratadas como únicas e indissociáveis, não sendo possível a separação dos seus conceitos, tendo em vista, o escasso conhecimento sobre cada uma delas em específico que levou ao errôneo entendimento das particularidades, reforçando as assimetrias de gênero.<sup>9</sup>

Face a este tempo, espaços de poder foram ocupados, visando à mudança basilar das construções desiguais e hierarquizadas de gênero, cujas reivindicações históricas foram efetivadas no intuito de reverter o processo socio-histórico cultural de desigualdades assimétricas de identidades de gênero não normativas, pela garantia de cidadania efetiva e integral de todos(as).

Nas palavras de Curiel (2005, p.216) “as ciências sociais têm um compromisso ético: oferecer ferramentas teóricas, metodológicas, epistemológicas e políticas para explicar estas realidades e poder atuar sobre elas.” Para assim concatenar, à transversalidade de gênero, revertendo lógicas desiguais presentes há séculos em nossa sociedade.

No âmbito das religiões essas categorias analíticas se fazem presentes notadamente, ganhando maior visibilidade na contemporaneidade, através do cristianismo, vindo à tona a partir do momento em que a Igreja Católica inicialmente consolidou sua premissa de regularização dos corpos de homens e mulheres moldando-lhes os desejos, comportamentos e a vida em sociedade.

---

<sup>9</sup>Conceito formulado nos anos 1970 com profunda influência do pensamento feminista. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos.

Antes de mais nada, importa dizer, que as Ciências das Religiões<sup>10</sup> têm abrigado e acolhido a temática da sexualidade humana, assim como, diversas áreas do conhecimento em nível mundial, pois em termos de estudos científicos ela continua sendo objeto de exaustiva investigação por mais de meio século como assegura Coutinho e Miranda-Ribeiro (2014), por se tratar de uma categoria complexa e por representar ainda um mistério a ser desvendado.<sup>11</sup>

De acordo com Martins *et al* (2010, p. 9) a sexualidade pode ser compreendida como: “elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto, até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade”. *Apud* Nascimento (2018, p. 1529)

O conceito de sexualidade definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) destaca:

Uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental (OMS, 2001, p. 8).

A sexualidade também esteve sob a égide e permanece na contemporaneidade sob a influência e limites impostos pelas Igrejas Cristãs e historicamente a Igreja Católica, que na sua visão deve estar inserida dentro do plano de redenção entre homens e mulheres que sentem atração sexual e espiritual, ou seja, são atraídos exclusivamente por esses dois fatores.

O Catecismo da Igreja Católica (CIC)<sup>12</sup>, parágrafo 2332, enfatiza que: “A sexualidade afeta todos os aspectos da pessoa humana, na unidade do seu corpo e da sua alma. Diz respeito particularmente à afetividade, à capacidade de amar e de procriar, e, de um modo mais geral, à aptidão para criar laços de comunhão com outrem” (grifo nosso).

Tavares (2006, p. 46) observa que o cristianismo inicial se caracterizou por uma “intensa repressão à sexualidade em todas as suas formas, com exaltação da virgindade para

---

<sup>10</sup>Mendonça (2003, p. 20) acrescenta que a religião ganhou status acadêmico definitivo na universidade brasileira, contando hoje com produção intelectual e científica de peso, [...] essa área de conhecimento chegou ao momento de sua autoavaliação e crítica, [...] Limites, categorias, conceitos, objeto e método, ainda dependentes de teorizações vindas de fora, estão exigindo maior independência teórica e metodológica dadas a variedade e a complexidade do nosso campo religioso.

<sup>11</sup>Intensas pesquisas são desenvolvidas pelo PPGCR/UFPB, debruçando estudos empíricos e revisão de literatura.

<sup>12</sup>Considerado a Carta Magna da Igreja Católica, é um documento oficial que direciona as ações pastorais e eclesiais para o conjunto de toda catolicidade universal.

as mulheres tanto quanto da castidade para os homens, teoricamente contra o padrão de dupla-moral, o que era historicamente inédito.” As “relações sexuais eram permitidas apenas para a procriação e dentro do casamento, investido de significado sacramental e simbólico, sendo a poligamia abolida.”

Quanto ao conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos.

Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social. O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e os lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. Essa diferença historicamente tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a homens e mulheres. Mesmo com a grande transformação dos costumes e dos valores que vêm ocorrendo nas últimas décadas, ainda persistem muitas discriminações, por vezes encobertas, relacionadas ao gênero (BRASIL/MEC/PCN. p.321-322, 1998).

Scott (1990) assegura que gênero é definido como elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e é o primeiro campo no qual o poder se articula. Nas palavras de Gomes (2008), relaciona-se à maneira como as sociedades lidam com a percepção dos corpos humanos e com as consequências disso; constituindo-se em arranjos que são mutáveis frente às novas situações criadas pelas práticas humanas.

A noção de gênero modelado como um componente diferenciado do sexo biológico, e fixado nos primeiros anos, foi introduzida na década de 50 quando pesquisadores investigaram as relações entre a identidade nuclear de um indivíduo, sua anatomia, seus cromossomos e seus hormônios. Nesse sentido, recomendaram que em bebês intersexo, na qual, o sexo deveria ser definido a partir de marcadores biológicos, e em crianças maiores e adultos a referência seria o gênero manifestado em relação às características físicas na maturidade sexual. (GOMES, 2018)

Louro (2008, p. 2) afirma que “ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura”. [...] “elas e eles costumam concordar que não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino”. A autora assegura que a “construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente”.

Outrossim, diversos e complexos são os gêneros que se apresentam na sociedade contemporânea e que também são alvos de injúrias, calúnias e difamações por expressarem sexualidades opostas a heterossexualidade normativa e compulsória atrelados as religiões

cristãs. No entanto, muitos são os enfoques de gênero que classificam, nomeiam, separam, selecionam, incluem e excluem os indivíduos nas diferentes instituições sociais, e as igrejas também fazem parte dessa esfera.

Essa realidade ainda está presente na atualidade, pois como afirma Rodrigues (2017), temas como sexualidade, diversidade e relações de gênero ainda são regulados por preceitos morais e, portanto, mantidos sob uma ótica sexista e heteronormativa, em que prevalece o caráter biológico aos aspectos sociais e culturais, que tanto influenciaram as relações de gênero.

Nessa seara, debates prementes se elevaram havendo um diálogo intercultural de gerações até a atualidade, frente aos processos de modalizações dos comportamentos dos indivíduos em suas singularidades e subjetividades coletivas, segmentadas nas estruturas sociais e culturais que ainda entrelaça funções socialmente estabelecidas, confunde papéis sociais e nutre práticas e atitudes autoritárias principalmente quando aos corpos, que conseqüentemente são aprisionados e trazem as marcas dos estigmas e preconceitos interferindo negativamente nas espiritualidades individuais dos sujeitos. Sobre isso, abordaremos a seguir.

## 1.2 Corpos vetados, espíritos exilados e os sentidos: espiritual, cultural e geracional frente ao determinismo biológico

Ao adentrarmos na discussão sobre o corpo, mesmo que de forma breve, abre-se um leque de possibilidades de reflexões sobre seu conceito cultural, religioso e os seus intercruzamentos sociais e históricos, como também, as diferenças de espaço e lugar que ocupam entre os quais, as religiões e seus templos. Inicialmente importa esclarecer o que vem a ser corpos vetados e espíritos exilados, e o que sustenta essa afirmação ora discutidos nessa seção.

No decorrer de nossas análises, sinalizamos que no âmbito religioso não apenas as características físicas são depreciadas, quando se atribuem estereótipos pejorativos, mas também, o aparelho espiritual é afetado, de quando não se consegue manter uma espiritualidade como se almeja por parte do homossexual, ou seja, há uma quebra no seu processo natural de cultivar uma mística pessoal voluntária, e no ressignificado cotidiano do

sentido de vida, próprio da condição humana enquanto criatura perante o criador. Este último aspecto dentro da lógica cristã da criação divina.

*A priori*, emerge trazer as possíveis conceituações existentes entorno dos conceitos de espírito e espiritualidade, pois múltiplas e extensas são as definições, principalmente de espiritualidade na qual, não existe unanimidade entre os autores de literatura especializada. Por tanto, não são consensuais, mas abrangentes. Mas buscamos elencar as principais dentro do refinamento conceitual, tecidos à luz da concepção teórica clássica e moderna.

Buscou-se retomar os significados a partir do vocabulário antigo dito arcaico, usado na época épica de Hesíodo e Homero, pois como atesta Possebom (2016), a tradição grega arcaica posterior se construiu a partir desses pressupostos e que a tradição latina é uma reelaboração da grega, chegando assim, até os tempos modernos. Daí a validade universal, pelo menos para o ocidente, herdeiro da cultura greco-romana.

Os sentidos de espírito e espiritualidade encontrado atualmente é de elevado nível para qual o homem está referendado e atrelado. É importante considerar os seus *locus* conceituais dualísticos, qual seja; o sentido estritamente etimológico proveniente da compreensão que constitui o elo constitutivo entre antropologia filosófica e metafísica.

Na tradução portuguesa “espírito” vem do latim *spiritus* e do grego *pneûma*. O Dicionário Oxford Simpson e Weiner (1989) defini espírito como a parte imaterial, intelectual ou moral do homem. Gonzaga (2010, p. 25) salienta que de modo homólogo ou coextensivo, ao Ser em seus transcendentais de unidade, verdade e bondade. O homem, pelo espírito, “participa do Infinito ou tem indelevelmente gravada em seu ser a marca do Infinito”.

Para Lucchetti *et. al.* (2013), a espiritualidade se refere a uma busca pessoal de compreensão das questões existenciais humanas, como o sentido da vida, e da morte, bem como de suas relações com o sagrado/transcendente, sendo que esse processo não está necessariamente relacionado com práticas religiosas. Hill e Pargament (2003) afirmam que a espiritualidade pode ser compreendida como o “coração e alma” da religião, podendo ser expressa fora, por exemplo, na fé pessoal e por aqueles que não são formalmente religiosos. *Apud* FORTI *et. al.* (2018, p. 1464)

Libanio (2013, p. 20) relata que “sob a forma secular ou neorreligiosa, a concepção tradicional de transcendência, percebida em sua consistência [...] esfuma-se em insinuante imanentização. Perde-se na interioridade das pessoas ou no cosmos a partir de mística ecológica panteísta”. O autor lembra que a “a espiritualidade vivida de maneira constante, sólida, lenta e estruturada transforma-se em algo fulgurante, explosivo, breve, de curto prazo, que prefere satisfazer a afetividade a oferecer alimento para o crescimento na fé”.

Frente a isto, os modos “como homens e mulheres se comportam em sociedade corresponde a um intenso aprendizado sociocultural que nos ensina a agir conforme as prescrições de cada gênero e segundo cada contexto social.” (SEPESC, 2009, p. 25). Vejamos brevemente as manifestações e perpetuação do determinismo biológico ao longo da história.

A título de discussão, faz-se importante problematizar o dilema que ainda permanece persistente frente as diversas polêmicas no universo dos pensadores clássicos e autores contemporâneos, cuja centralidade consiste na conciliação da unidade biológica e a grande diversidade cultural da espécie humana. Como lembra Laraia (2001), apesar de quatro séculos antes de Cristo Confúcio ter enunciado que “a natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos que os mantêm separados.”

Desde a antiguidade o determinismo biológico sempre esteve presente na definição de papéis sociais entre homens e mulheres, pois se preocupavam com os diferentes modos de comportamentos existentes entre os povos, até mesmo, antes da aceitação do monogenismo. Para se ter uma ideia, foram comuns as tentativas de explicar as diferenças de sexualidade, destarte, posta em evidência enquanto produto de observações que até então serviram de referenciais civilizatórios, socioculturais e históricos.

Laraia (1986) ao considerar o repertório histórico faz um recorte de períodos específicos e recupera acontecimentos e costumes e tradições mantidas entre alguns povos e lembra que Heródoto (484-424 a.C.), ao descrever o sistema social dos Lícios afirmou que: “se uma mulher livre desposa um homem escravo, seus filhos são cidadãos integrais; mas se um homem livre desposa uma mulher estrangeira, ou vive com uma concubina, embora seja ele a primeira pessoa do Estado, os filhos não terão qualquer direito à cidadania”.

O grande historiador grego considerou os costumes dos Lícios diferentes de todas as nações do mundo. Mesmo embora ele tenha teoricamente negado sua postura etnocêntrica por ter tomado como referência a sua própria sociedade patrilinear. *Apud* (LARAIA, 1986, p. 40)

O autor ainda sinaliza, que o cidadão romano Tácito (55-120), enfatizou com admiração os relacionamentos das tribos germânicas ao escrever: “O casamento na Alemanha é austero, não há aspecto de sua moral que mereça maior elogio. São quase únicos, entre os bárbaros, por se satisfazerem com uma mulher para cada.” Quanto as exceções ele observou que “são extremamente raras, constituem-se de homens que recebem ofertas de muitas mulheres devido ao seu posto, não há questão de paixão sexual. O dote é dado pelo marido à mulher, e não por esta àquele.” (*Ibid*)

Marco Polo que visitou a China e outras partes da Ásia, entre os anos de 1271 e 1296, descreveu os costumes dos Tártaros: “asseguro-lhes que as mulheres compram, vendem e

fazem tudo o que é necessário para seus maridos e suas casas. Os homens não se têm de preocupar com coisa alguma, exceto a caça, a guerra e a falcoaria”. O lendário viajante ainda afirma que: “Coisa alguma no mundo os faria tocar na mulher do outro: têm extrema consciência de que isso é um erro que unia desgraça”. (*Apud* LARAIA, 2001, p. 437)

O padre José de Anchieta (1534-1597), surpreendido com os costumes dos índios Tupinambás descreve que: “o parentesco verdadeiro vem da parte dos pais, que são agentes” ele ainda enfatiza que “usam das filhas das irmãs sem nenhum pejo ad copulam, mas que haja obrigação e nem o costume universal de as terem por mulheres verdadeiras mais que as outras, como dito é”.

Indo para o século XVI, Jean Bodin, filósofo francês, em sua teoria afirma que os nórdicos são fiéis, leais aos governantes, cruéis e pouco interessados sexualmente; enquanto os do Sul são maliciosos, engenhosos, abertos, orientados para as ciências, mas mal adaptados para as atividades políticas (LARAIA, 2001, p. 438).

Essa determinação histórica decorreu da anatomia dos corpos tidos pela biologia como masculinos e femininos, nas quais, os órgãos genitais são tidos como parâmetros para definir as sexualidades dos indivíduos, ou seja, ao nascer com pênis (característica masculina) deve ser homem, ao nascer com vagina (caracteriza-se como feminino) deve ser mulher, e assim, o que se leva em consideração é o sexo biológico e anatômico a partir da genitália apresentada no nascimento. E partir de então, impõem-se naturalmente o binarismo sobre os corpos humanos.

Rabelo (2004) enfatiza que em termos sempre privilegiados e apresentados como modelo essa divisão em oposições binárias (identidade/diferença, masculino/feminino) opera uma classificação, privilegiando-os como parâmetros positivos a serem seguidos. Cada corpo mantém relações com o espaço em que está inserido, assim, o corpo não é apenas um corpo é também o seu entorno.

A historicidade do corpo faz com que haja modificações e nossos gestos adquiram significados novos mediante as experiências que vão ocorrendo. E é através desses gestos que somos capazes de expressar muitos desses símbolos e esconder outros, formando, portanto, a linguagem do corpo; o corpo está sempre se reorganizando. E por possuir espacialidade e temporalidade próprias, cada corpo vai adquirindo percepções de acordo com o mundo que lhe é específico. (MENDES & NÓBREGA, 2004, p. 129).

Como vimos os corpos sempre foram alvos de manipulação geracional e estrutural através das leis que regem o comportamento humano, especialmente as condutas referidas pela fé cristã. No cenário brasileiro contemporâneo, o corpo é inviolável. A Constituição

Federal de 1988 assegura o princípio da dignidade humana, e o Código Civil dispõe sobre o Direito da Personalidade.<sup>13</sup>

No contexto do cristianismo, tudo remete basicamente ao corpo, os atos, aos modos e formas como é usado, e de maneira geral é tido como o lugar em que Deus habita, morada e templo vivo do Espírito Santo Paráclito. Dessa forma, intensos e incessantes são os apelos por purificação do corpo pela ação do espírito. Portanto, o corpo é sagrado e sublime que vindo do pó, ao pó voltará. (GÊNESIS 3,19) Para os católicos, a cruz é o maior sinal da fé cristã e dizem: vamos marcar a frente com o sinal do nosso Deus! E traçam sobre si, com a mão direita na cabeça (pai), no peito (filho) e nos ombros da direita para a esquerda (Espírito Santo).

Entretanto, pedem constantemente: purifica-me! Como se estivessem sempre sujos e apenas a ação poderosa de Deus é capaz de purificar suas vidas, limpando-os, purificando-os de toda impureza constituída pelos pecados cometidos. Assim, consiste o ato penitencial para pedir perdão a Deus pelos pecados (que poderá ser uma relação de alienação, prisão e pressão psicológica, pois se são homens e mulheres (humanos) sempre irão pecar, pois estão em processo de construção constante e antes mesmo de pecar Deus conhece o pecado praticado.

Nessa atmosfera mistagógica, surge o apelo incessante pela manutenção e preservação dos corpos dos filhos de Deus. Para tanto, são podados os seus vícios e hábitos desonestos com a lei da igreja, impondo-lhes regras estabelecidas e historicamente implementadas através de instâncias deliberativas como os próprios concílios convocados pelos papas.<sup>14</sup>

Na tradição cristã católica, o corpo também é substituído por outras terminologias que lhes é sinônima, ou que agrega significado teológico em determinado contexto em que se faz referência, qual seja; matéria, carne, constituição física, entre outras similitudes utilizadas em textos litúrgicos, orações, jaculatórias, ritos dos sacramentos, cantos, antífonas, roteiros homiléticos e nas traduções da própria sagrada escritura em que são citados diversas vezes.

---

<sup>13</sup>Tradicionalmente, a doutrina costuma dividir os direitos da personalidade em três blocos: i) direito à integridade física (direito ao próprio corpo); ii) direito à integridade psíquica/moral (honra, imagem, intimidade e vida privada); iii) direito à integridade intelectual (proteção às manifestações do intelecto). Todavia, os direitos da personalidade não se esgotam nesses três blocos. Em outras palavras, sua enumeração é meramente exemplificativa. A liberdade de expressão, a liberdade de religião, a liberdade sexual, dentre tantos outros, podem ser considerados como direitos da personalidade, assim como o direito ao nome (COUTO, 2021, p. 430).

<sup>14</sup>Como o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) na qual, a igreja passou por uma intensa reforma na liturgia, as orações, e formas de celebrar passaram por novas configurações de quando a própria missa em que o celebrante presidente no rito tridentino ficava de costas para o povo e todas as suas orações eram feitas no que chamam de altar mó. Os lecionários semanal e dominical, como os evangeliários, santorais, e missais e rituais passaram a serem editados na língua vernácula, ou seja, em países de língua portuguesa como o Brasil todos estes foram refeitos para o português ainda que não coloquial.

Em primeiro plano, importa sinalizar que os corpos homossexuais a partir de então são reduzidos estritamente ao campo e esfera sexual, na qual, o processo natural de desenvolvimento orgânico de seus corpos automaticamente estará imbuídos de parâmetros socialmente construídos e assim, atrelam a suas sexualidades a diferentes situações que os subjagam a processos vexatórios das quais a figura do homossexual afeminado em maior parte ainda é usada como objeto de sátira que fazem todos rirem de suas brincadeiras, falas e gestos.

O corpo do homossexual é visto e tido como vulgar, feio, obsceno, impróprio, e de maneira geral tudo que identifica características e traços de um corpo não masculino, ao tempo que são desqualificados. Ou seja, a partir do momento que se apresenta certos “trejeitos” afeminados, saliências extemporâneas são automáticas as críticas tecidas, difamatórias, rebaixando e menosprezando a identidade assumida e resgatada das amarras impostas pela heterossexualidade dogmática perpetuada e consolidada nas sociedades patriarcais.

Anterior a descoberta da homossexualidade ou em processo dessa percepção, seus corpos ainda se referem aos corpos e definições masculinas (no caso dos homens), como, por exemplo, a voz deve ser forte (grave/grossa). Espera-se a desenvoltura de suas masculinidades com as atribuições que os caracteriza, das quais a moldura do homem heterossexual, viril, entre outros, pois qualquer diferença de conduta é duramente criticada e discriminada.

Desde a fase da adolescência, manifestam de maneira explícita, pulsões sexuais, aprendendo a lidar com os desejos, mesmo que consigam ou não se relacionar sexualmente com o sexo oposto, mas as primeiras relações sexuais podem ocorrer de maneira natural com o mesmo sexo em fase de experimentação ou identificação através da atração sexual constante.

Esses modelos de comportamento sexual e social tornam-se verdadeiras prisões dos corpos homossexuais, ou passam ser ou podem torna-se fontes de agudo sofrimento dos rapazes que não se encaixam nos estereótipos de gênero previamente designados.

Considera-se com base em Louro (2004, p. 184) que “[...] desprezar o sujeito homossexual era (e ainda é), em nossa sociedade, algo comum, compreensivo, corriqueiro. Daí porque vale à pena colocar essa questão em primeiro plano”. Até hoje, os homossexuais são sinônimos de resistência na luta histórica pelo rompimento com o sistema heterocisnormativo, e pedem incessantemente: Não escravizem nossos corpos!

Sobre isso, apontaremos no decorrer deste estudo, mencionando de forma breve ou detalhada, fatos históricos ocorridos no contexto do cristianismo que dão sustentação teórica

as nossas análises, e por assim dizer, a ligação intrínseca da temática explorada e como foi moldada pela Igreja Católica posteriormente até os dias atuais, onde apresentaremos a seguir.

### 1.3 Noções e visões da homossexualidade com o Catolicismo: qual a relação?

Ao relacionarmos a homossexualidade com os cânones da Igreja Católica Apostólica Romana, buscou-se compreender os determinantes históricos envolvidos nesse processo. Inicialmente, apresentaremos brevemente, trazendo os fatos e os fatores que levaram a sua constituição e que sofreram as influências de todo contexto sociopolítico ao longo dos anos, para tanto, não pretendemos esgotar essa discussão nessa seção, bem como, no decorrer deste estudo.

Para analisarmos a história da homossexualidade no âmbito das instituições religiosas cristãs faz-se necessário a definição das seguintes premissas:

1. A categoria (homossexual) desde sua gênese é criminalizada e sua condição afetiva é desconsiderada frente ao modelo heteronormativo.
2. A dualidade entre gênero e sexualidade sempre foi constante na história e as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo sempre foram existentes.
3. A evolução histórica da homossexualidade e das instituições está relacionada diretamente a evolução político-social mundial, não sendo possível dissociá-los.
4. A lógica dessa associação entre estas duas categorias de análises obedece a lógica do avanço do capitalismo internacional, cujas determinações foram impostas em todas as sociedades de classes sociais.
5. As temáticas de gênero e sexualidade ainda não ocupam lugar central nas Igrejas Cristãs, sendo deixadas como temas correlatos na periferia do sistema religioso.
6. Os problemas históricos de conflitos entre as Igrejas Cristãs e o tema da homossexualidade estão longe de serem solucionados no âmbito destas.

A partir do momento em que a Igreja Católica passou a considerar a sexualidade humana como divina e sagrada por natureza, a homossexualidade tornou-se algo proibido, alvo de estranhamento, inspeção e vigilância por parte das sociedades moldadas especialmente pela moral religiosa cristã enquanto religião institucionalizada.

Em outras palavras, os homossexuais eram os indesejáveis e indesejados da Igreja, pois os tratavam como produto de uma histeria homossexual consagrada como objeto de desafeição aos olhos de “Deus” pai/eterno/uno/trino/onipotente/onipresente. Nesse sentido, dentro dos preceitos cristãos a homossexualidade não edifica o homem e não o faz imagem e semelhança do Deus criador do céu e da terra, (verdadeiro Deus e verdadeiro homem), como se professa na oração do Credo Apostólico de forma breve e no Credo Niceno-Constantinopolitano<sup>15</sup> que é justamente a declaração da fé cristã conhecido como profissão de fé.

A partir disso, surge à iminente necessidade de pedir continuamente a presença do Espírito Santo, terceira pessoa da Santíssima Trindade, para que purifique, restaure e liberte das impurezas contidas na carne dentre as quais, as práticas: “pecaminosas”, “errôneas”, “maliciosas”, “abomináveis” e “diabólicos”. E exige-se a renúncia dos pecados capitais e em maior grau a expulsão dos demônios, com os ritos de exorcismos.

Nessa direção, o que se propagava eram julgamentos e acusações por levarem e estarem em uma vida devassa de perdição na ótica cristã católica inicialmente, que maculava a criação de Deus, na qual, consiste em manter o homem e a mulher a sua imagem e semelhança, visto que, não se conhece quem é Deus na imagética teológica cristã.

No decorrer da história da humanidade, foi sendo construída a figura de um Deus autoritário e vingativo que condena e castiga, e como se não bastasse usarem a ‘imagem de Deus’ contra seus ‘filhos’ também começaram a matar em nome dele, desde as mortes mais violentas nas primeiras comunidades cristãs dos cristãos primitivos, e as mortes por apedrejamentos, enforcamentos e a fogueira da inquisição na Idade Média nos séculos XI-XV.

Muitos destes sofreram perseguição e foram martirizados por não se enquadrarem as várias arbitrariedades impostas as suas sexualidades não normativas, sendo tratados como esquisitos ou classificadas como pessoas esquisitas, pois a homossexualidade era vista e resumida como uma prática pecaminosa, repleta de insanidade e imoralidade.

Tudo isso pregado e disseminado pelas próprias Igrejas Cristãs ao longo dos séculos, que posteriormente proclamou-se um Deus que é misericordioso, justiça e mansidão e assim,

---

<sup>15</sup>Também proferido pelas Igrejas: Ortodoxa, ortodoxas orientais, Anglicana, luterana e demais denominações protestantes históricas. Referencia o Primeiro Concílio de Niceia 325 d.C., do qual resultou o Credo Niceno, e o Primeiro Concílio de Constantinopla (381 d.C.), onde a declaração de fé foi finalmente estabelecida a partir dos resultados dos dois concílios que se reuniam a fim de esclarecer questões teológicas que geravam controvérsias, de modo que as linhas acrescidas significam os pontos de unanimidade na Igreja Una de Cristo.

dando margem para uma interpretação de que este ser é uma criação humana, ou seja, dos próprios homens.

Vimos uma realidade entre os que vivem no mundo que Deus deixou e o mundo que foi construído e modificado pelos humanos. Não cabendo a regra divina para impor mandamentos, ordens e decretos religiosos. Nesse sentido, quando se estabelece uma sociedade moderna mudam-se naturalmente os modos de vida, muitos podem e querem aceitar a doutrina como regra de vida, mas outros preferem ser regidos pelas leis do ordenamento jurídico comum.

Em matéria de fé, a ciência afirma que não se pode questionar as particularidades, mas em determinadas situações conseguimos perceber a matéria divina, ou seja, o que é realmente divino que foge da matéria do homem e o que é criação humana. Mas o mérito das verdades incontestáveis a partir dos dogmas da igreja são passíveis de investigação científica e discordâncias por parte dos fiéis leigos(as) e até mesmo dos(as) religiosos(as) e membros da cúpula presbiteral e episcopal.<sup>16</sup>

A igreja católica é uma criação dos homens, com a vinda de Jesus feito homem, o verbo encarnado, revelação de Deus, que o enviou a terra, mas uma igreja formada por pessoas, não é ilusório afirmar que estar suscetível a ter em sua história, a mais de dois mil anos a introdução de ações humanas tidas como divinas, ou que foram reveladas por Deus aos homens.

E o que pesa para nós é saber que algumas, ou muitas dessas impossibilidades de questionamento, poderá ser uma criação humana para ludibriar as gerações de seguidores fiéis aos ensinamentos católicos, no fiel testemunho a Cristo, das quais jamais irão ser reveladas de maneira científica com estudos aprofundados e aprofundamento teórico consistente.

Muitos estudiosos das ciências humanas tentaram adentrar mais não conseguiram dar uma resposta satisfatória do ponto de vista investigativo do método científico, mas até hoje sabemos que a bíblia não dá substrato suficiente para sustentar os argumentos proferidos ao longo do tempo, tendo em vista as suas próprias contradições e distorções em suas diversas traduções existentes.

Valle (2014, p. 10-11) lembra a declaração da Congregação para a Doutrina da Fé, expressa em 29 de dezembro de 1975, que nas palavras do autor, é “um dos momentos em que, a Cúria Romana, se dá um endurecimento doutrinário e disciplinar.” aponta para a

---

<sup>16</sup>Como exemplo disso foi o fundador do protestantismo o padre Martinho Lutero mencionado anteriormente.

“necessidade de ter presente o aporte das ciências”, apesar de que “a teologia e a ética cristãs não podem voltar as costas às descobertas científicas.”

Nas sociedades modernas, especialmente nas sociedades ocidentais toda via, tudo começa pela herança do patriarcado, sexista, machista, racista, misógina e estrutural onde perpetuam ranços de uma construção cultural societal, uma configuração de sociedade historicamente moldada no modelo heteronormativo com predominância das relações de dominação. Frente a estas determinações emanadas pelos costumes das épocas, na qual a tarefa era mantê-los presentes, tudo que estivesse fora do padrão principalmente de sexualidade estabelecido era considerado marginal, motivo de rechaça e exclusão.

No contexto da Idade Moderna os que se colocavam fora dos limites impostos, eram pessoas devassas, libertinas e indecentes, e ainda mais para aqueles reconhecidos como homossexuais intensificavam-se os vocativos como: obscenos, desavergonhados, despudorados, entre outros, para caracterizar as homossexualidades existentes.

Nessa perspectiva, há manutenção e conservação da tradição religiosa no que chamam “estilo de gente” estabelecendo a natureza humana, se ocorrer de se desvirtuar são considerados más-condutas e más-influências, tornando-se meliantes do apostolado do divino mestre Jesus Cristo, pois tudo deve ser para honra e glória de Deus Pai.

Deste modo, estas pessoas antes foram nomeadas como pessoas sem credibilidade moral, ou seja, eram lhes atribuídos todo o descrédito social, sujeitos a uma fiscalização rigorosa de comportamentos, onde eram creditadas especulações consoantes a perda do *status* social se pertencesse a uma família nobre e comumente mantida na tradição católica.

A questão da honra, moral, costumes e princípios frente a uma contextualização histórica, são ideias dos colonizadores e colonizadoras que o mundo ocidental construiu: tido como algo vergonhoso, humilhante, ultraje, opróbrio. Além da questão diabólica onde há uma imensa profusão de ideias que traduzem algo ruim com a representação do diabo, ou seja, tudo que seja mal, maligno é apresentado como ardiloso, corrupto, mentiroso, e acima de tudo, sedutor.

No contexto da colonização do cristianismo,<sup>17</sup> basicamente eram classificados como degradados e aventureiros sexuais, cujo modelo de sociedade dispunha de regras socialmente estabelecidas perante os sexos e gêneros, trazidos por seu colonizador da Europa. Limitava-se a uma estrutura heterossexual com papéis definidos e limitadas entre masculino e feminino,

---

<sup>17</sup>Não apenas em países que foram colonizados a exemplo do Brasil, mas em todos com predominância enquanto religião oficial.

na lógica de ser homem e mulher, e assim, verifica-se que havia um maior interesse em estabelecer e controlar as tendências sexuais unitário e normatizador.

A inexistência de uma conceituação apropriada que traduzisse as singularidades homossexuais optou-se por adotar as características pessoais dos rapazes e homens como meigos, frágeis, dóceis, simpáticos e educados como em muitos casos é até hoje, corroborando desde o surgimento do termo (*gay*) que originalmente significa no inglês; alegre, jovial, havendo a carência de uma definição terminológica adequada para estes.

O termo homossexual nasce da luta por justiça social, como parte dos sistemas das classificações sexuais tipificadas, substituindo a denominação pederastia/pederastas. Brandão (2002), narra que foi criado e utilizado pela primeira vez em 1869, em Berlin, pelo médico belga Karl Maria Kertbeny<sup>18</sup>, que começou a publicar, anonimamente, panfletos vinculados à temática da homossexualidade. Sua dedicação e interesse pelo tema foi recordado pelo autor, após a perda precoce de um amigo homossexual, que se suicidou ainda jovem ao ser chantageado, fato que o levou a lutar contra as injustiças. (*Apud* Pereira, 2017. p. 6)

Segundo Foucault (1996, p. 233) “foi por volta de 1870 que os psiquiatras começaram a constituí-la (a homossexualidade) como objeto de análise médica: ponto de partida, certamente, de toda uma série de intervenções e de controles novos”.<sup>19</sup> E o mais agravante deste quadro foi sem dúvidas o processo de estigmatização, reproduzindo uma ideologia de inferiorização que era suficiente para o início do adoecimento do sujeito.

Sob forte influência da igreja católica europeia, principalmente da medicina ocidental, a homossexualidade foi tida como uma anomalia atribuindo-a a loucura, sendo tratada como patologização cuja terminologia utilizada para referendar a doença era (homossexualismo). No ano de 1973, a Associação Americana de Psiquiatria (APA), retirou-a do Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais (DSM).<sup>20</sup>

No Brasil, permaneceu inserida com ênfase a distúrbios mentais até 1985, que frente as reivindicações e mobilizações de organismos e entidades da sociedade civil culminou no processo de retirada em 1991 da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados com a saúde (CID 10) pelo Conselho Federal de Medicina, e em 1999 o Conselho Federal de Psicologia (CFP) publicou uma resolução que normatizou a conduta profissional.

---

<sup>18</sup>Por volta de 1847 depois de um período no exército húngaro, empregou-se como jornalista e alterou legalmente seu nome para Károly Mária Kertbeny.

<sup>19</sup>Autor inserido no Pós-estruturalismo.

<sup>20</sup>*American Psychiatric Association - (APA)*

Com o passar dos anos, muitos foram os esforços por parte das famílias e dos próprios homossexuais em busca de cura, pois acreditavam que a sua condição tida como infeliz era castigo divino e assim, procuravam a religião como forma de superação e libertação. E as igrejas tiveram papel fundamental para aprofundar o medo da fatalidade da condenação ao inferno, que era o elemento central utilizado para atribuir a uma pessoa homossexual declaradamente no contexto da sociedade.

Nessa dimensão, gerou-se tensionamentos entre homossexuais quanto às formas como relacionaram suas religiosidades e espiritualidades próprias, desencadeando uma espécie de timidez religiosa de não se aproximar do sagrado, como também o estabelecimento do rompimento dos vínculos religiosos de suas profissões de fé, sendo considerados forasteiros dos dogmas e das virtudes teológicas.<sup>21</sup> Mas frente a todos estes fatores, por estarem submetidos a uma religião conservadora mais suscetível de questionamentos constantes e conflitos internos e externos, as igrejas, sempre estarão entre a cruz e a espada.<sup>22</sup>

As igrejas cristãs têm uma grande dívida social e espiritual com as pessoas homossexuais, diante de tantas ofensas a esta comunidade, que está mais presente do que se imagina dentro destas mesmas igrejas, que os excluem e segregam constantemente de maneira explícita e efetivamente fundamentalista, com suas ilícitas condutas de sociabilidade no Estado laico e democrático de direito, e por assim dizer, sujeitos a sanções perante a forma da lei que os rege.

Os julgamentos também são sinônimos de perseguição, logo nos remete-nos as questões: sob qual orientação e autorização Deus deu para condenar? Será se realmente existem protoformas de julgamento na terra advindas dos céus? Até que ponto a bíblia pode ser utilizada para justificar a ação humana? Em matéria de fé não adentramos nesse conteúdo, mas quando a fé é utilizada para ferir e atingir a determinado segmento da sociedade é preciso combater as práticas de violências cometidas e tentar, minimamente, reparar os danos históricos cometidos no passado contra estes.

Em nossas análises esses determinantes ganham maior atenção por serem analisados sob uma religião dada a sua natureza conservadora, especialmente a Igreja Católica, das quais até então é a que mais se abriu ao diálogo, no sentido de buscar compreender e abordar adequadamente mesmo que timidamente algumas dessas questões levantadas até aqui.

Na próxima seção, apontamos a existência de inibição da valorização de discussões sobre a realidade social no âmbito religioso e os modelos de preconceitos velados ou

---

<sup>21</sup>Constituem em três: fé, esperança e caridade.

<sup>22</sup>Expressão popular para se referir quando alguém está vivendo ou passando por uma situação delicada.

abertamente notórios, contribuindo para as taxas de violências com motivações homofóbicas supostamente fortalecidas pelos movimentos carismáticos de vertente dogmática cristã católica.

#### 1.4 Entre demagogias e melancolias: processos de negação das homossexualidades na igreja santa e pecadora romana<sup>23</sup>

Em maior parte, nas igrejas cristãs, acontece o cerceamento da liberdade de posicionar-se enquanto homossexual, sem sofrer ofensas, constrangimentos, aliciamentos, entre outros fatores que intimidam e oprimem, na qual, pretendeu-se nessa seção, aborda-los a partir desses conflitos e fechamentos históricos por parte da Igreja Católica, que notoriamente invisibiliza estas situações existentes e delicadas, passível de atenção e ampliação do espaço de discussão.

Buscamos a partir de nossas análises entender que algumas situações peculiares ainda persistem dentro e fora da religião cristã, e uma delas é a possibilidade concreta dos cristãos homossexuais poderem acreditar que não irão para o céu por conta de sua condição, ou que o próprio Deus predestinou suas vindas a este mundo como homossexual, como castigo divino imposto ao pecado cometido por seus antepassados ou propriamente seus pais no passado.

Assim, o menino que foi gestado, batizado e educado na fé cristã ao se compreender como homem *gay*, torna-se motivo de abandono e vergonha. Destarte, sinaliza-se a existência de processos alienantes em que os homossexuais são levados a acreditar que são tudo aquilo que dizem negativamente sobre eles. Nessa tônica, muitas são as falácias apregoadas pela igreja, mas que quase sempre recaem nos fatalismos, extremismos e generalizações.

Ao analisarmos como a Igreja ensina e prega sobre a homossexualidade e como esta é conceituada a grosso modo, nos parece contraditório e superficial no argumento, pois não há um aprofundamento das justificativas apresentadas. Na visão católica Deus ama o pecador, mas abomina o pecado, mas se levamos em consideração que o ato de pecar é intrínseco do ser humano, como justificar que todo e qualquer ato considerado pecaminoso é abominável por menor que seja no grau estabelecido pelos critérios doutrinários da Igreja?

---

<sup>23</sup>Ao nos debruçarmos sob a literatura especializada específica do catolicismo observamos ao longo de sua constituição histórica que demagogia pode ser entendida no sentido de manipulação do poder hegemônico.

Mas em contra partida, entende-se que a busca pela santidade é contínua e não existe a possibilidade de uma santidade plena, já que a própria bíblia afirma que somos fracos na fé, ou seja, a fé é o fator primordial que leva a santidade, sem uma vida de pecados, mas todos aqueles que levam e estão em uma vida desregrada, repleta do que não vem de Deus é passível de ser condenado ao inferno, e assim, alega-se que a salvação é individual, onde mais uma vez separam os que não merecem serem salvos por viverem e não confessarem seus pecados, além de não se arreponderem e fazerem “coisas” que não são de Deus.

No âmbito religioso cristão católico, o preconceito é mais latente quando essa acusação de uma vida mundana secularizada, é apenas e unicamente vivenciado e experimentado por pessoas de orientação homossexual, apesar de haver esforços na tentativa de enquadrar também as pessoas cuja orientação sexual seja a heterossexualidade, mas esta se apresenta nitidamente em menor escala em termos do quesito da experiência da sexualidade voluntária.

Importa observar, que a natureza humana é imbricadamente envolta de sexualidade que pressupõe, o ato sexual natural e sua desenvoltura. É a mesma relação da proibição do sexo antes do casamento das quais é uma outra falácia, pois se o homem não pratica o ato com a noiva, recorre a outros espaços como por exemplo, em busca de satisfazer suas vontades, recaem em traição ou traições que também é pecado, e ou a prática da masturbação com uso ou não de conteúdo pornográfico na tentativa de obter o prazer sexual.

Sobre isso, identificamos nas palavras de Louro (2008, p. 22) quando menciona a **posição-de-sujeito** ou a **identidade referêncial**, historicamente construídas e determinadas para os homens, sendo estes de características socialmente definidas enquanto sujeito branco, heterossexual de classe média urbana, “segue-se que serão diferentes todas as identidades que não correspondam a esta ou que desta se afastem”. A autora coloca que “a posição normal é, de algum modo, onipresente, sempre presumida. [...] Marcadas serão as identidades que dela diferirem”. (grifos nossos)

Em se tratando dos documentos oficiais da Igreja, o próprio Catecismo (CIC), expressa a relação homoafetiva como destoante dos mandamentos da lei de Deus e assim, é passível de sanção divina, resumindo unicamente os homossexuais ao pecado, ao ato libidinoso e sem escrúpulos. Estes documentos insistem em afirmar que o que incorre o erro é o ato sexual homossexual (entre pessoas do mesmo sexo) e não o homossexual enquanto pessoa.

Se existe uma proposta de acolher esse segmento dentro da Igreja, também deve ser reformuladas as orientações pastorais, mesmo que se mantenha o que se prega. Muitos

concílios, sínodos, encíclicas papais e conferências nacionais de bispos poderiam ter aderido ao menos a um eufemismo em se tratando dessa temática, tendo em vista, a contínua necessidade de engajamento no trabalho pastoral e eclesial, como também, a obediência ao magistério da igreja, ao papa e seu pontificado e assim, desenvolver uma ação pastoralista para aceitação dos leigos homossexuais.

Para tanto, essa afirmação perpetuada pela Santa Sé Romana é inteiramente imprecisa, pois ao empreendermos maiores análises essa prerrogativa não passa de uma grande controvérsia propagada nos muros dos templos ou para além deles. Não se justifica um erro com outro, não é coerente se espelhar na tradição religiosa cristã dogmática para seguir os ensinamentos de Cristo, e no que parece ser, está longe disso acontecer, pois os *gays* estão cada vez mais evadindo das igrejas cristãs.

Deste modo, também foram, e são referendados documentos correlatos que normatizam a vida religiosa e comunitária dos fiéis leigos, sobretudo, para que os que ousarem “se desvirtuar” dos caminhos de Jesus Cristo, Senhor salvador e redentor do mundo para que sejam punidos na forma destas leis impetradas e ensinadas e acima destas estão a Lei de Deus e da Igreja una, santa, católica apostólica e romana, e a sanção maior poderá ser a excomunhão que compreende a expulsão da Igreja Católica, pois tudo faz parte do mistério salvífico de Cristo e tudo que está fora disso é repreendido.

É nesses patamares que reside entre outros, um *locus* estratégico que abriga a exclusão e abandono das minorias sexualizadas e ou homossexualizadas, nesse grupo de pessoas subjugadas também estão às mulheres marginalizadas, as consideradas adúlteras, prostitutas, profanas e pecadoras de maneira geral, sendo analisadas sob o julgo masculino dominante moralizador cristão conservador.

Estes estereótipos são evidenciados, e os desejos são enterrados, pisados, sufocados e escondidos até o íntimo do ser. Muitas são as circunstâncias que os *gays* fogem ou preferem esconder. É claro e evidente que muitos homossexuais estão dentro da Igreja Católica por considerá-la mais aberta. Mas tudo ainda é entendido e atendido na ótica biopsicossocial, de patologização, ou seja, tratam como doença ou anomalia considerando patológico e doentio ainda que não seja preferível escandalizar o combate espiritual individual.

Outrora, viveu-se no passado a inquisição com o tribunal do Santo Ofício, na atualidade vive-se indiretamente a continuação desses horrores, com um novo tribunal da inquisição de forma velada, e por que não dizer de forma disfarçada? Se pespeguem as pessoas, causam medo, pânico, angústia, tortura física e psicológica e alguns casos culmina

com a morte por suicídio ou crimes de ódio por homofobia, das quais matam pelo fato da condição de gênero, onde assassinam homossexuais cotidianamente em todo país.

Nesse sentido, os homossexuais que se revestem com a mística e carisma religioso cristão os homosacrosantos<sup>24</sup> ao se depararem com uma realidade de exclusão e negação das suas sexualidades e identidades de gênero, encontram-se sem expectativas muitas vezes de vida levando-os a buscarem soluções fora dos núcleos familiares e indo em busca de redes de apoio e colaboração, contando apenas com a solidariedade de quem os atende prontamente.

Neste universo de negação, são diversas as dificuldades encontradas, barreiras que impedem seu desenvolvimento pleno em sociedade e integral enquanto pessoa humana, passando por situações de vulnerabilidades que necessita de proteção social, ou seja, busca por políticas públicas com serviços de acolhimento e atendimento especializados, mas não é sempre que isso acontece, falam quando querem sobre, e quando estão com seus direitos fundamentais violados.

No contexto das sociedades modernas, as polêmicas nos interiores das igrejas cristãs, são colocadas em evidência, especialmente pelos veículos de comunicação, na qual, repercutem na mídia os escândalos sexuais que envolvem os líderes religiosos dentre as quais os padres (presbíteros) e bispos e arcebispos católicos.

Ainda na atualidade toda repercussão gera desconforto e mal-estar entre os fiéis leigos que logo tentam justificar tais atos, mas quando os episódios envolvem pessoas do mesmo sexo ao se tratar de relações sexuais ganham maior notoriedade nos assuntos mais comentados e publicados, assim, de imediato a questão do celibato é questionada.

Sobre a questão celibatária, a castidade referendada pelo celibato assumido no momento da ordenação diaconal e presbiteral e recebimento do sacramento da ordem, também pode ser considerada como um dos vários mecanismos de poder ainda existentes que controlam os corpos e por isso para corresponderem ao que prometeram a igreja vive-se dentro de bolhas. Os que saem delas em seus quartos tiram a batina. Igualmente o sepultamento da castidade não apenas pelos leigos, mas também pelos ministros ordenados.

Somente nos momentos em que determinadas polêmicas incidem os processos éticos-cristãos, causando comoção ou repercussão social é que passam a ser alvo de maior atenção, pelo menos em termos de justificativas no discurso institucional e ainda assim, em um plano secundário devido a uma falta de clareza, pois o foco de atenção é desviado e sempre direcionado como uma dádiva.

---

<sup>24</sup>Explicado no próximo capítulo, onde explanamos sua conceituação e sentido.

São vislumbradas como situações isoladas, tratadas como casos particulares onde há a necessidade diante de algum caso expresso na mídia ou na própria igreja. Assim, nota-se que a partir de então existe a possibilidade de um diálogo fraterno, mas em outras realidades continuam as tentativas de silenciamento já que não podem mais esconder o assunto. É nítido que há ainda contextos que não se fala abertamente de forma nenhuma, mas há aqueles que tentam falar mesmo que de forma tímida.

Acusação da crise da igreja em decorrência da homossexualidade de padres, entre outros e assim, surge à grande questão para a igreja refletir e buscar soluções a luz do magistério; como analisar e compreender toda esta complexa realidade na igreja? Denúncias de abusos sexuais cometidos, havendo o aumento de incidência e surgimento de fatos amplamente conhecidos e divulgados pela mídia.

Ademais, o que se percebe no contexto da Igreja Católica é o interesse pessoal de alguns líderes em aprender a lidar com a situação ou a conviver de forma harmônica com ela dentro da própria igreja, já que a proposta é o acolhimento destes no interior da ação litúrgica que envolve a eucaristia celebrada e atualizada, como também, na ação missionária, evangelizadora, catequética e dizimal dimensões fundamentais para a vida comunitária e pastoral.

Sobre essas questões e sobre o serviço na liturgia enquanto ação do povo de Deus podemos refletir: os *gays* também fazem parte efetivamente do povo de Deus? Ou apenas quando são usados com suas habilidades postas a serviço da comunidade de fé? Existe a aceitação natural com a habilitação ao exercício de funções e ministérios? São questões importantes a serem refletidas para quem não sejam esquecidas ou tratadas com leviandade.

No que tange a eclesiologia cristã os leigos são mencionados ao participarem em comunhão com e no mistério pascal e salvífico de Cristo. Mas frente a diversidade do laicato que diga-se de passagem é diverso e por isso, encontram-se uma grande massa de pessoas homoafetivas assumindo funções e ministérios dentro da Igreja. E essa grande massa citada é maioria jovem.<sup>25</sup>

Diante disso é colocada a seguintes questões; A grande Comunidade Eclesial Católica acolhe os novos formatos de subjetividades e individualidades das juventudes contemporâneas? Se dentro do plano de redenção cristão para a homossexualidade não existe salvação a própria igreja está condenada?

---

<sup>25</sup>Sobre essa categoria específica, iremos abordar no capítulo III.

Outra relação a ser pensada é os *gays* agentes de pastorais desenvolvendo o trabalho de evangelização e missão na comunidade. Existe acolhimento ou estranhamento? Assim, lembramos da questão do *querigma* (anúncio), especialmente nas periferias existenciais nas palavras de Papa Francisco e aqui podemos entender o conceito de periferia de forma abrangente, ou seja, aquilo se encontra a margem da sociedade, a marginalização originária também surgir dentro da própria igreja.

A própria história antiga relatada e contemporânea vivida dá sustentação de que os *gays* na Igreja Católica é uma população periférica. Isso nos faz lembrar que a verdadeira face de Cristo é voltada para os pobres, oprimidos, excluídos, marginalizados e injuriados. Concomitante, nas palavras de Dracena (2020), existe uma guerra mundial multifrontal de décadas com o Vaticano, que se intensificou notadamente nos recentes papados de Bento XVI e Francisco, mas que anterior já havia sido alvo de críticas ferrenhas por parte do papado de João Paulo II, hoje santo da igreja.

Nesse contexto e em sinal de denúncia profética assim como o próprio Jesus fez na sua primeira vinda a este mundo tenebroso nos perguntamos; quais os protestos cabem dentro da igreja Lituânia na prece litânica?<sup>26</sup> E assim, clamam de joelhos ao paráclito<sup>27</sup> “em pessoas três, agora e sempre, e sem fim, amém!”<sup>28</sup>: olhem por nós!

No mistério salvífico de Cristo onde fazemos tudo em sua memória quando ele pediu: Fazei isto em memória de mim. Atualiza-se a sua paixão e morte no momento da celebração eucarística que é chamada de missa. Mas nos dias de hoje, os homossexuais católicos não devem apenas celebrar, partilhar a palavra, partir o pão e ser objeto de nas igrejas, precisam desvendar o véu da farsa ainda existente dentro da igreja. Ludibriados com a proclamação de uma adoção filial, mas sem querer perceber que os homossexuais ainda são usados justificar a causa de uma imensa fissura na moral católica.

Não podemos afirmar que todas as redes de comunidades e núcleos das igrejas cristãs no Brasil são mantenedoras de posturas arrogantes, inaceitáveis aos desejos, prepotências, incompreensões e incoerências frente aos processos reivindicatórios pela legitimação da presença e frequência de meninos e homens homossexuais no seio católico local, mas partimos destes pressupostos que nos levam a crer e defender.

---

<sup>26</sup>Súplica em forma de ladainha ou litania. Oração em forma de prece (pedido).

<sup>27</sup>Paráclito ou Paracleto (em grego: παράκλητος - *paráklētos*; em latim: *paracletus*). Significa: "aquele que consola ou conforta; aquele que encoraja e reanima; aquele que intercede em nosso favor como um defensor numa corte". No cristianismo, o termo é utilizado para se referir ao Espírito Santo e tem sido objeto de diversas teorias e longo debate entre os teólogos sobre o assunto.

<sup>28</sup>Trecho do Ofício da Imaculada Conceição, oração composta para louvar a Maria mãe do verbo encarnado, Jesus.

Ademais, a Igreja Católica mantém constante empenho e esforço no sentido de compreender e abordar adequadamente questões que envolve a homossexualidade, por estar inserida na chamada ética da sexualidade, seja por parte da Santa Sé, seja por parte de teólogos católicos ou que estão ligados diretamente ou manteve ligação com a Igreja e deixaram suas contribuições pastorais através de publicações e produções acadêmicas.

É certo, que todo trabalho científico não tem a pretensão de mudar o conceito ou pensamento religioso e aqui, em específico a doutrina da Igreja Católica, não se trata disso, e sobre as questões afetas que envolve o mérito religioso não há o que se discutir, mas a questão central que se há de irromper é que, se como afirmam os cristãos o verbo se fez carne e habitou entre nós (Jesus Cristo) filho do Deus vivo. O verbo encarnado em forma de homem o pecado também está em sua carne. E se fez eucaristia o corpo que nos é dado a partir do milagre da consubstanciação nas missas onde o padre eleva o pão (hóstia) e o cálice com o vinho que se transforma em sangue.

Na maior parte da igreja, ou pelo menos na maioria das igrejas espalhadas pelo mundo inteiro, ainda existe o trato com a temática de forma fragmentada. E assim, de imediato analisa-se que a omissão do tema da diversidade sexual e de gênero apresenta-se como forma oculta de homofobia, e da cumplicidade compartilhada de líderes religiosos e leigos que evitam discutir o tema. Justifica-se a importância do tratamento de questões relacionadas às relações de gênero e diversidade sexual durante o processo de profissão da fé.<sup>29</sup>

Na próxima seção, discutiremos as modalidades de homofobia encontradas na igreja, seja de maneira disfarçada ou escancarada produzida pelos seus signatários com seus papéis de empreendedores morais com discursos heterossexista, promovendo repressão, aversão, intolerância, repulsa tudo em nome de Deus, na qual todo e qualquer questionamento é reprimido, ou seja, efetivamente é um lugar de silenciamento de sexualidades e regulação de gêneros.

Analisamos o fundamentalismo religioso frente às relações sociais de gênero, que atrelado ao seu poder econômico provocou graves e violentas ocorrências de aviltamento da democracia, esgarçando o tecido social. O ideário cristão frente às pautas de gênero em defesa

---

<sup>29</sup>Prova concreta disso é a Oração Eucarística III contida no Missal Romano quando afirma o gênero humano e em outro momento reforça no Ritual de bênçãos especialmente na bênção específica para mulheres grávidas, cujo tempo litúrgico forte de atenção é o tempo do advento que celebra a preparação do natal do Senhor em quatro domingos e assim, em muitas igrejas gestantes são convidadas para acender a coroa do advento como sinal maternal e representativo que lembra a imagem da virgem Maria de Nazaré mãe de Jesus. O gênero humano aqui é evocado enquanto a pessoa constituída em sua personalidade, pois quando em outros momentos quer se referir a pessoa enquanto humanidade referem-se citando aos homens. São diversos os contextos que uma palavra é empregada nas orações coletas da missa, na hora em que o presidente da celebração, geralmente a pessoa do padre abre os braços e exclama: Oremos!

da família, e da pátria brasileira culminou com a chegada de Jair Bolsonaro a presidência e legitimou retrocessos nas garantias e liberdade democráticas.<sup>30</sup>

### 1.5 O cinismo católico e a homofobia escancarada: o caso da igreja não convertida

No Brasil, as diferentes denominações cristãs, cuja herança é o cristianismo: catolicismo/protestantismo/neopentecostalismo fundamentalista, observa-se que as Igrejas Católica e Protestante<sup>31</sup> brasileiras ganharam uma característica própria em nosso país, cujo objetivo maior é se expandir nos territórios e agregar fiéis em busca de suas conversões pessoais ao seguimento a Cristo, pessoa pela qual eles definiram como seu único Senhor, rei e salvador.

O fanatismo religioso busca impor a todo instante a religião a todos, não respeitando as preferências religiosas de cada pessoa. O objetivo é trazer almas para Cristo, mas esquecem que não são todas as pessoas que querem seguir no caminho dele ou pelo menos não de forma efetiva. Não são todos que acreditam que ele é a verdade a ser proclamada, e assim, é uma questão pessoal que o modelo de Estado Laico permite e garante o direito de liberdade de escolhas como também de não crédulo se assim o desejar, não seguir a nenhuma religião.

Como vemos na atualidade, estes espaços de manifestação de crença foram transformados em um lugar para proselitismo, alienação e disseminação de ódio traduzido pela intolerância religiosa contra outras religiões, dentre as quais, em maior parte, as religiões de matriz africana como a Umbanda e o Candomblé, e outras religiões dos povos africanos remanescentes inculturados no Brasil.

Com o passar dos anos estas mesmas igrejas se transformaram em um grande negócio lucrativo, onde o sistema financeiro passou a explorar e exigir maiores contribuições financeiras a partir da doação de dízimos e ofertas espontâneas de valores, e o que se percebe é justamente a idolatria ao dinheiro que começou a ser usado como moeda de troca da salvação, curas e milagres.<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup>É importante abrir um parêntese a título de esclarecimento para dizer que em nossas pontuações buscamos fazer com delicadeza, mas sem deixar de fazer a crítica e perca do rigor teórico como demanda toda e qualquer pesquisa científica, mantendo sempre o cuidado nas análises empreendidas respeitando os aspectos éticos sendo de fundamental importância em toda tipo de pesquisa.

<sup>31</sup>Fizemos menção apenas a título de citação, já que não será objeto de nossas análises.

<sup>32</sup>Teologia da Prosperidade reúne crenças de poder e cura, prosperidade material através da fé e foi originada sob a liderança de Kenneth Hagin (ALMEIDA & MOREIRA, 2021, p.119).

Com o crescimento das progressivas missões internacionais buscaram atrair os pobres a sua denominação e em determinadas localidades estratégicas, dentre as quais, as comunidades periféricas, as tribos indígenas, comunidades rurais, penitenciárias, entre outras, levando muita gente a se “converterem” através da adesão da proposta de mudança de vida e de aceitar Jesus.

Também tentam convencer as pessoas de sexualidade não heteronormativas dentre os quais os homossexuais, alegando sempre a mesma e histórica questão da salvação. Frente a isto, o conceito de impuro e impureza, agora passa por uma reconceituação e adotam um novo significado de reconciliação com Deus. Mas que na verdade são estratégias de disfarces através da unção, milagres, prodígios, consagração, intercessão, avivamento a partir da entrega total a Deus.

Na lógica cristã os *gays* estão privados de receber a manifestação do poder de Deus sem antes se arrepender de seus pecados e confessá-los. Para tanto, estabeleceu-se como o público não prioritário e ao mesmo tempo são prioridades na obtenção da graça de Deus por serem considerados indecentes por consumirem conteúdos pornográficos, safados, sem-vergonha e desvirtuados, pois, se deleitam em sexo desregrado.

O que se percebe, e o que fica em evidência constantemente é a velha máxima (confessar os pecados) e assim, fazem filas nas igrejas e capelas para receber a “absolvição” que em seguida são orientados a permanecerem em oração com súplicas constantes. Frente a isso, são tomados e invadidos por um sentimento angustiante de culpa, de insegurança, de impotência, alta estima baixa e deprimidos. Para além de uma leitura axiológica, existe um sentido teológico nas afirmações: reze por mim! E Deus nos ajude! Parece ser o último adeus.

Em que pesa as noites mal dormidas, acedem velas e deixam acesas as vésperas da quaresma, pois no dia seguinte na quarta-feira de cinzas a luz se apaga onde sinaliza a abertura de um período de quarenta dias voltados para jejuns, arrependimentos e penitências em preparação para a páscoa, e assim, a igreja nesse tempo litúrgico direciona maior atenção aos pensamentos, atos e omissões errantes.

Como é sabido, há genuinamente interesses envolvidos, mas não se pode aceitar calados a proposta da acolhida por parte de pessoas e instituições religiosas, de quando irão usar a desculpa do acolhimento para em seguida ou em momentos futuros tentar incutir na cabeças dos homossexuais a abdicação da prática tida por eles pecaminosa, intrínseca de suas sexualidades.

Em linhas gerais, deve-se perguntar se realmente é um cenáculo de amor? E as línguas de fogo não estão sendo para caluniar e agredir a integridade humana do outro? E assim,

podemos ter certeza que é uma sarça que queima identidades e sexualidades, facilitando e abrindo caminho para o solapamento destas nas Novas Comunidades e no Movimento de Renovação Carismática Católica (RCC).

Ao relacionarmos classe, orientação sexual, identidade de gênero e religiosidade, observamos como os homossexuais são tidos por estas comunidades, embasadas pelo domínio de machismos, conservadorismos e relações de opressão. Estes fatores são situações concretas que impedem a população LGBTQIAPN+<sup>33</sup> de vivenciar a plenitude de seus direitos fundamentais dentre os quais, o direito de professar uma religião, sem serem marginalizados, excluídos e oprimidos.

Essas consequências resultam no ocultamento da homossexualidade como lembra Dinis (2011), não expondo-se na maior parte de suas trajetórias de vida e escondendo-se ao máximo para não serem perseguidos, combatidos, injuriados e espancados. São muitos os percalços e atropelos que desfiguram e desmoronam as identidades sexuais. Frente a isso, sinaliza-se que o silenciamento das sexualidades não hegemônicas se configura como uma forma de violência.

Neste campo complexo com a presença e o retorno do conservadorismo, vivenciamos tempos nefastos de ataques consolidados e iminentes contra a população LGBTQIAPN+ e seu agravamento. Essa violação de Direitos Humanos apresenta-se, frente à identidade de gênero, vitimando com abusos, ódio e exclusão social pautada pela heteronormatividade.

Contemporaneamente, se apropriaram da bíblia usando versículos descontextualizados, para agredir de todas as formas aos segmentos socialmente excluídos e marginalizados, dentre os quais a população LGBTQIAPN+, povos de terreiros, entre outros usando indevidamente o nome de Deus, das quais afirmam serem suas testemunhas na terra.

Nesse sentido, observamos os ataques constantes que nos colocam a refletir sobre qual é o Deus deles que é excludente, vingativo, castigador, e mata, pois a opressão de gênero cometida por muitos deles tem matado todos os dias os homossexuais, pois disseminam a falácia da ideologia de gênero cuja centralidade é a defesa da família “tradicional” brasileira com disseminação de mentiras (*fake news*).

Sobre as raízes da ideologia de gênero, não brotaram em nosso país, tendo em vista que pelo o que nos parece foi uma criação de movimentos religiosos nos Estados Unidos (EUA) no século passado e se alastrou por todo mundo, assim, a encarnação dessa terminologia foi

---

<sup>33</sup>Sigla que significa e engloba pessoas: Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, e o símbolo de mais (+) enfatiza a existência de outros gêneros.

fincada no Brasil, no mesmo momento que vimos a publicação dos chamados: ‘*kit gay*’, ‘mamadeira de piroca’, movimento escola sem partido, entre outros.

Grupos religiosos cristãos têm ocupado cargos na esfera pública impondo uma agenda “antigênero”, ferindo gravemente o Estado Laico, e isso representa uma ameaça ao cumprimento e defesa intransigente dos Direitos Humanos Universais, além da criminalização e patologização histórica dos movimentos sociais populares de defesa dos grupos minoritários.

No plano político partidário conseguiram se articular em todas as esferas dos Poderes Legislativos e Executivos significando ameaças constantes as agendas progressistas com os ataques da bancada evangélica com a propositura de criação do Estatuto da Família e do Nascituro entre outras pautas de caráter ideológico moralista ultraconservador.

Esses elementos centrais são importantes a serem considerados e que nos fazem questionar: o que realmente pretendem com isso? Qual o projeto de rompimento? O que se pretende legitimar de fato? E em consequência o fundamentalismo religioso evangélico também esteve efervescente nas eleições de 2018, propagando ilusões e causando confusão a ordem. A todo o momento tentam justificar com versículos bíblicos.<sup>34</sup>

No governo de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) o Brasil foi alvo de ataques do projeto neoliberal/conservador,<sup>35</sup> a partir de um governo de extrema direita, que impede e tenta acabar com toda e qualquer ação que fale de gênero e sexualidade não normativa, ancorados pelo conservadorismo negam a existência da relação de dominação da mulher, LGBTfobia e reproduzem discursos recheados de ódio com base em notícias falsas a exemplo das chamadas “*Fake News*” sem nenhum embasamento científico pois também questionam/negam a ciência.<sup>36</sup>

Assistimos a ascensão de autoritarismos institucionais neste governo, na qual o ideário bolsonarista representou a instalação do (bolsonarismo) que são pessoas adeptas aos ideais de

---

<sup>34</sup>Importa considerar que “[...] setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física”. (LOURO, 2008, p. 21)

<sup>35</sup>No âmbito da questão social, estas expressões ampliadas e repostas da contradição capital/trabalho hibridizam-se com formas de desigualdades e assimetrias de gênero, etnia, orientação sexual, manifestações religiosas, fundadas no neocolonialismo e no patriarcado. A rigor, capitalismo, colonialismo e patriarcado estão na base da questão social no capitalismo contemporâneo, assumindo visibilidade em tempos de lutas emancipatórias e descoloniais, a enfrentar múltiplas formas de violência e discriminação (SANTOS, 2019).

<sup>36</sup>A violência epistêmica é uma forma de não reconhecimento do pensamento produzido pelas intelectuais que elaboram saberes e conhecimentos descentrados dos cânones acadêmicos e das teorias do Norte Global. O apagamento e vigilância epistemológica são entendidos aqui, como estratégias de violência contra formas e maneiras de pensar engajadas com as coproduções de gênero, raça, etnia, sexualidades e classe social. (IRINEU, 2019, p. 03).

extrema direita e que se revestem de um falso moralismo, utilizando muitas vezes a religião cristã em maior parte, especialmente as igrejas evangélicas neopentecostais.

Em consequência disto, encontramos neste cenário a intensificação de discursos de ódio de forma explícita. Pregam com fúria e distorcem a palavra, tornaram-se almas podres, pobres de espírito, gente mesquinha de mente fechada e pequena que perde facilmente a capacidade de diálogo aberto e sadio sem que profiram ofensas e informações destorcidas da verdade, que frente as suas lamúrias e lamentações exageradas, surge o questionamento: Quanto vale esta apelação?

De forma desagradabilíssima estendem sobre as igrejas um tapete vermelho para seus ódios inflamados. São poços profundos de mediocridade que pactuam com o genocídio e a necropolítica, lagoas secas e fossas a céu aberto de intolerância e preconceitos. Existe uma conivência e uma conformação com a fraqueza destas pessoas, e o bolsonarismo tentou fazer com que aprendêssemos a lidar.

Usam continuamente as redes sociais pessoais e como também as plataformas digitais institucionais foram usadas para publicar e propagar informações falsas e discursos de ódio a todo tempo cujos rebatimentos recaem sobre a população menos esclarecida em termos de aprofundamento e acesso a estudos científicos. Cabe destaque para o conceito de conservadorismo onde muitas pessoas se intitulam e se autoproclamam conservadoras sem entender ou conhecer o real sentido etimológico do termo. Em comparação, é a mesma relação, de quando o senso comum afirma que o comunismo é nocivo.

Por tanto, no contexto do Brasil onde a onda avassaladora de neoconservadorismo se levantou contra aos novos modelos de famílias como as famílias homoafetivas não se pode tolerar agressões por parte destes segmentos religiosos que se utilizam da capa ou da placa de suas igrejas para disseminar ódios e impor suas regras e vontades, e para isso é preciso denunciar a este fundamentalismo que se utiliza do nome de Deus para promover o mal às outras pessoas os chamados cidadãos de bem.

Atrelado a isso, encontram-se os aparelhos privados de hegemonia e os aparelhos ideológicos do Estado que com o avanço do conservadorismo atacam com as pautas antigênero sem precedentes, além do sistema capitalista vigente onde o capital regula os corpos, se por um lado a população LGBTQIAPN+ se tornou mais visível, por outro vivencia-se um momento em que mais se noticia casos de violências e discriminações dessa população e crimes homo-lesbo-transfóbicos.

A partir do golpe político-jurídico-midiático que culminou com o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff levando Michel Temer ao poder em 2016, assistimos o retorno do

conservadorismo, que representou tempos nefastos de ataques consolidados contra a Educação Pública Brasileira.

Em detrimento disso, a agenda de gênero não encontrou espaço nas escolas, setores e segmentos conservadores da sociedade articulados as lideranças de grupos religiosos fundamentalistas a exemplo das Igrejas Cristãs (Católicas e Evangélicas)<sup>37</sup> fizeram frente a introdução da temática de gênero no último Plano Nacional de Educação (PNE/2014) que está em vigor na atualidade.

Nessa dimensão, devido à pressão exercida nos diversos Estados e cidades brasileiras foram retiradas dos Planos de Educação em todos os níveis de governo, artigos e termos que visavam a superação das discriminações étnicas-raciais, de gênero, de orientação sexual nas escolas, além de iniciativas lideradas por parlamentares conservadores onde propuseram leis específicas em âmbitos estaduais e municipais para proibir professores(as) de abordar as questões referentes ao tema nas escolas públicas.

As mobilizações intensas de movimentos conservadores fizeram com que fosse também negligenciado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a discussão de relações sociais de gênero e diversidade sexual.<sup>38</sup> Neste cenário, o *Bullying* resulta em profundas consequências para a vida do LGBTQIAPN+.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) em seu artigo 3º, esclarece: “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: [...] IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1996).

O direito à orientação/identidade de gênero tem base no arcabouço normativo e jurídico brasileiro. Esse direito também é assegurado pelos acordos internacionais de direitos humanos que o Brasil é signatário, como a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança (1989), a Convenção sobre a Luta contra a Discriminação na Educação (1960), a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas da Discriminação Contra as Mulheres (1979).

Os preconceitos continuam a existir de forma que a compreensão e o debate sobre as orientações da sexualidade, [...] da homossexualidade, permanecem necessárias,

---

<sup>37</sup>Nesse processo organizativo, “[...] observa-se também movimentações anti-LGBT por parte de segmentos conservadores no Legislativo federal, estaduais e municipais e nas próprias profissões supracitadas como o grupo de “Psicólogos Cristãos” em defesa de tratamentos de “cura” das homossexualidades e transexualidades”. (IRINEU, 2016, p, 02)

<sup>38</sup>Desde o início do século XXI, especialmente na última década, o desenvolvimento de tensões e reações no campo discursivo e político que retrocedem e tendem a negar a compreensão do papel social da escola na construção da equidade e respeito às diferentes orientações da sexualidade e do gênero (SEFFNER, 2013, 2016).

especialmente quando o recuo das políticas de combate à discriminação e a ascensão de compreensões que excluem o direito à diferença são constatadas no cotidiano da escola (SEFFNER, 2016).

Historicamente grupos socialmente excluídos no mundo inteiro lutam por equidade e igualdade de condições em todos os âmbitos da sociedade. Tentam interromper a marginalização de suas existências e corpos regulados pelo sistema vigente. Em âmbito mundial ousam reivindicar ao Poder Público que lhes fora negado em processos contínuos de desumanização, seja pelo viés legal ou através de reivindicação de Políticas Sociais que lhes assegurem direitos enquanto cidadãos(as).

Muito especialmente a partir dos anos 1960, jovens, estudantes, negros, mulheres, as chamadas minorias sexuais e étnicas passaram a falar mais alto, denunciando sua inconformidade e seu desencanto, questionando teorias e conceitos, derrubando fórmulas, criando novas linguagens e construindo novas práticas sociais. Uma série de lutas ou uma luta plural, protagonizada por grupos sociais tradicionalmente subordinados, passava a privilegiar a cultura como palco do embate. Seu propósito consistia, pelo menos inicialmente, em tornar visíveis outros modos de viver, os seus próprios modos: suas estéticas, suas éticas, suas histórias, suas experiências e suas questões. Desencadeava-se uma luta que, mesmo com distintas caras e expressões, poderia ser sintetizada como a luta pelo direito de falar por si e de falar de si. Esses diferentes grupos, historicamente colocados em segundo plano pelos grupos dominantes, estavam e estão empenhados, fundamentalmente, em se autorepresentar (LOURO, 2008, p. 20).

Nesse sentido, é notável o poder do preconceito sofrido, que infere não apenas na conformação das identidades individuais, mas também no delineamento de possibilidades de existência e trajetória de vida da população LGBTQIAPN+ na sociedade brasileira (BRASIL, 2013). Indo de encontro com o que assegura o artigo quinto da Constituição Federal (CF/88) que preconiza igualdade para todos dentro da legalidade, sem distinção de qualquer natureza.

Por outro lado, a terminologia LGBTfobia empregada para designar essas violências não contempla a pluralidade das questões que envolvem constrangimentos, intolerâncias e atos de ódio contra lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais. Para tanto, “discriminações são violências cometidas contra indivíduos por motivos diversos, possuem um forte componente de violência simbólica, e podem ser exercidas também pelo poder das palavras que negam, oprimem ou destroem psicologicamente o outro” (BRASIL, 2013. p.11).

Diante desta realidade, sabemos que é nas próprias escolas que acontece o cerceamento da liberdade de posicionar-se enquanto LGBTQIAPN+, sem sofrer ofensas, constrangimentos, aliciamentos, entre outros fatores que intimidam e oprimem os estudantes.

Justifica-se a importância do tratamento de questões relacionadas às relações de gênero e diversidade sexual durante o processo de ensino e aprendizagem, como afirma (NOGUEIRA, 2010).

É importante enfatizar as possibilidades encontradas de homo/lesbo/transfobia em todo território escolar, são vítimas de preconceito e discriminação nesse ambiente, e têm suas trajetórias educacionais interrompidas por causa de desigualdades, exclusão social e violências presentes na sociedade brasileira, e essa realidade ainda é mais dura para os estudantes travestis e transexuais onde até os dias atuais o ciclo de violência é escancarado e parece não ter fim.

Nesse sentido, a Escola é considerada um ambiente violento para esta população que muitas vezes ou quase sempre é negligenciada em seus direitos fundamentais dentre os quais o direito à educação e a cidadania, que somando a outros fatores externos<sup>39</sup> como pobreza e vulnerabilidade social resultam na evasão escolar “natural” destes, permanecendo longos períodos fora da escola, fazendo com que o país continue a apresentar desigualdades educacionais em termos de gênero e sexualidades.

A educação interpela padrões de comportamento que se pode questionar, e o professor tem papel importante nesse processo. Rabelo (2007, p. 193) observa que “nas sociedades modernas para que haja produção é preciso que existam indivíduos com identidades fixas referentes a diferentes funções: indivíduos que sirvam como agentes do controle (o professor é um deles) e que sejam ao mesmo tempo controlados.”

Não é de hoje que a educação é considerada pelos atores da luta contra os preconceitos e as discriminações como um espaço estratégico de atuação. Nascimento (2007, p. 95) aponta que “dentro deste espaço, se reduz um modelo de educação fundado nos valores civilizatórios ocidentais, numa perspectiva hegemônica, negando a diversidade existente na sociedade brasileira.” Nessa perspectiva, o acesso ao ensino emerge como uma saída para essas desafiadoras realidades em que se encontram as classes violentadas, vulnerabilizadas e com seus direitos sociais básicos violados.

Esse cenário de desafios apela para que o tema seja incluído no currículo comum da Educação Básica brasileira, assegurado pela legislação e normativas oficiais, para que haja o aprofundamento diante da dificuldade no trato da temática, na garantia da transdisciplinaridade das concepções pedagógicas, para que possam desenvolver estratégias e

---

<sup>39</sup>Soma-se a isso, evasão e baixa frequência à escola, tentativas de suicídio, agressões traduzidas em violência física e verbal, abuso e/ou exploração sexual e exclusão social, como afirma (DINIS, 2011, p. 48).

sejam encorajados a assumir a responsabilidade no combate a todas as formas de opressão que permeiam a escola e na busca constante de desconstrução do gênero socialmente construído.

A ausência de políticas de gênero e educação sexual favorece a violação do Direito Humano à Educação cujos rebatimentos incidem negativamente nos sistemas educacionais, a exemplo disso, são estudantes que sofrem altos níveis de agressão relacionados à sua orientação sexual estão suscetíveis ao dobro da probabilidade de faltar às aulas, além de terem o desempenho médio nas disciplinas menor.

Em nosso país, estamos longe de efetivar uma política educacional que contemple a população LGBTQIAPN+, onde todos os anos têm suas trajetórias educacionais interrompidas por causa de discriminação e exclusão aliadas à pobreza, à má qualidade do ensino diante da realidade socioeducacional brasileira, permeada por diversidades culturais e geracionais e dos contextos sociais cada vez mais desafiadores para a prática docente.

Os retrocessos na agenda democrática brasileira foram gigantes, isso significou um ataque frontal e unilateral as forças vivas que lutam pela soberania popular, o estado que tem como função principal efetivar e garantir direitos sociais universais. Mas isso foi fundamental para reacender um levante que culminou com a derrota de Jair Messias Bolsonaro candidato a reeleição do cargo de presidente que representou a queda mesmo que na esfera do poder executivo federal do regime governamental conservador.

Diante de tantos retrocessos, esse ínterim convergiu para Luiz Inácio Lula da Silva vencer as eleições presidenciais (2022) onde representa a ala progressista mesmo que em uma perspectiva neoliberal e neodesenvolvimentista<sup>40</sup> mas que minimamente responde/atende aos interesses das camadas socialmente vulneráveis, e a própria massa da classe trabalhadora organizada.

Para tanto, o que se espera do Governo Lula (2023-2026) é o retorno das políticas públicas de promoção da igualdade racial, de gênero entre outras, e combate à discriminação especialmente dentro do sistema educacional, mesmo diante dos recuos na política brasileira em termos do reconhecimento da igualdade de direitos entre todas as pessoas. Para essas questões mostra-se a necessidade de desenvolver ações estratégicas de enfrentamento.

Em nossa conjuntura atual, as vivências de gênero e sexualidade precisam ser debatidas frente à violação destes direitos de livre manifestação da referência sexual pessoal. É de suma importância a luta pelos Direitos Humanos, promoção da diversidade e pluralidade

---

<sup>40</sup>O conceito de novo desenvolvimentismo é, portanto, apropriado politicamente para destacar uma (falsa) inflexão no processo de desenvolvimento econômico do país e as (pretensas) mudanças estruturais e o desempenho econômico do Brasil durante seu governo, visando diferenciar este governo da experiência neoliberal e do desempenho da era FHC. (DATHEIN, 2013)

de opiniões, livres de padrões preestabelecidos e discriminações, reafirmando os espaços institucionais para o diálogo de todos(as), e para formação de cidadãos(ãs) críticos.

Portanto, acredita-se que o movimento LGBTQIAPN+ tem se articulado a cada dia na luta forjada e na vontade imersa de superar o atual quadro de violências perpetradas, com vista a superação destas, até chegarmos a uma sociedade respeitosa e erradicada de todas as formas de violências estruturais dentre as quais a LGBTfobia.<sup>41</sup>

No capítulo seguinte, discutiremos sobre os pressupostos de que diferentes denominações religiosas frequentadas por *gays* não aceitam suas identidades de gênero, quando fogem dos padrões historicamente constituídos e culturalmente estabelecidos. Portanto, deixamos pistas para entender que a homoafetividade cristã apresenta-se como uma nova era para o cristianismo. E em que consiste a homoafetividade cristã? Ela está fora ou permanece em meio termo frente aos dogmas estabelecidos e impostos pela Igreja Católica?

## **CAPÍTULO II – HOMOSACRALIDADE: A AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES DE GÊNERO E SEXUALIDADES NO ÂMBITO RELIGIOSO CRISTÃO CATÓLICO**

A partir deste estudo, buscamos compreender como o lugar e o não lugar de pessoas homossexuais que confessam a religião cristã, especialmente o catolicismo interfere na vida destes, pois muito se fala sobre o assunto, e são muitas as narrativas sobre diversos acontecimentos que os envolve diretamente e assim, descobrimos essa possibilidade como eixo central de nossa investigação.

Factualmente, em muitos casos, a partir da convivência nas igrejas se inicia a fase de descoberta da homossexualidade, salienta-se que esses espaços assim como as escolas são considerados privilegiados para prevenir e interromper ciclos de violências. Silva (2016) observa que a população LGBTQIAPN+ é acometida por uma série de vulnerabilidades vivenciadas socialmente, principalmente no contexto de uma imposição heterossexista.

Cabe enfatizar, que diferentes denominações religiosas frequentadas por jovens não aceitam suas identidades de gênero, quando fogem dos padrões socialmente construídos e culturalmente estabelecidos. A desconstrução desses determinantes é fundamental, onde

---

<sup>41</sup>“A esperança é necessidade ontológica e a desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo.” (FREIRE, 1997, p. 10)

discussões podem ser inseridas nos espaços institucionalizados das igrejas, destinadas fundamentalmente para a prática cotidiana da socialização.

Meneghel (2018) aponta que os homossexuais não encontram apoio por parte de suas famílias quando revelam suas identidades sexuais, fazendo com que muitos jovens se mantenham no anonimato, presos em si mesmos, com suas sexualidades reprimidas por medo e tristeza ao serem e ou por não quererem ser tratados como uma vergonha ou culminando com a expulsão de suas casas, não encontrando alento no seio familiar por conta do fator religioso.

Neste sentido, muitos jovens professam suas religiosidades sob efeitos da opressão de gênero, principalmente se levarmos em consideração a realidade territorial em que estão inseridos de forte presença de conservadorismo, tradicionalismo, patriarcado, machismo, sexismo e outras formas de preconceitos, como atesta o mapa da violência (2020) e outros pertinentes e além do Brasil dispor de leis de proteção como o Estatuto da Juventude *Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013*.

Nessa dimensão, nosso estudo pretendeu descortinar um debate sobre a existência de outros fatores que incidem diretamente na perpetuação de violências cometidas contra jovens *gays* no cotidiano de suas famílias, igreja e sociedade atual. Neste capítulo, analisamos que essa presença nas igrejas como símbolo de cristãos católicos praticantes representa o que intitulamos de homosacralidade<sup>42</sup> onde apresentamos a seguir.

## 2.1 Homosacrossantos: um olhar para seus guetos, existências e invisibilidades

No decorrer desta seção, vamos tratar sobre a subjetividade e o conjunto de funções e atitudes que levam o indivíduo a se reconhecer enquanto sujeito homosacrosanto e outros elementos que a envolve, para enfatizar a questão do comportamento regulado pelos ditames

---

<sup>42</sup>A respeito do termo e sobre o conceito 'homosacralidade' importa enfatizar que no decorrer da elaboração deste trabalho, não tínhamos conhecimento que haviam publicações que traziam o termo, das quais foi mencionado pela primeira vez no ano de 2021. Durante o processo de pesquisa houve uma feliz coincidência de encontrar o mesmo conceito usado pelo autor Rick Afonso-Rocha mas entendemos que está em outra vertente e é usado de outra forma, por isso há uma diferença conceitual. Para tanto, ao tomamos conhecimento apenas no momento da defesa da dissertação surgiu que o termo foi encontrado escrito com dois "ss" das quais utilizamos escrito apenas com um único "s" e assim não identificamos a sua existência, e por assim dizer trata-se de uma coincidência que por sinal é comum no universo acadêmico. Por tanto, reconhecemos que o termo realmente por ter sido citado antes não foi criado por nós, ou seja, uma criação genuinamente nossa, mas que coincidentemente nos tornamos e nos mantemos como pioneiros, tendo em vista que a perspectiva em que trazemos e colocamos a todo momento é em um sentido amplamente diferente do que vem a ser homosacralidade ou seja, difere inteiramente do mencionado e tratado nesse trabalho anteriormente. Desde o ano de 2021 que falamos nesse conceito sendo cunhado a partir da discussão no Grupo de Trabalho 14 - Gênero e Religião no XVI Seminário Nacional de Formação de Professores para o Ensino Religioso (SEFOPER), mas não fizemos nenhuma publicação específica em revistas científicas apenas constando nos anais do referido seminário, mesmo tendo sido apresentados em resumos de eventos científicos.

católicos, onde se acentuam pregações e falas com conotação preconceituosa, de quando ao se referir aos homossexuais fazem menção a metáforas como sexualidade “apodrecida”, pessoas que andam em caminhos escuros e tortuosos, que estão na escravidão do pecado e precisam de uma mudança de vida.

A homosacralidade trata-se de uma nova definição, um novo conceito e uma nova terminologia socioantropológica,<sup>43</sup> que se refere justamente à ligação dos homossexuais de maneira geral, homens *gays* em contato direto com a ritualidade cristã, em seus cultos e liturgias próprias de cada templo, nas suas mais variadas formas e em formatos de: capelas, capela sistina, basílicas, catedrais, santuários, abadias, matrizes e nas mais diversas circunscrições territoriais da divisão destas como: paróquias, dioceses, arquidioceses, prelazias, e o vaticano enquanto Estado sede da Igreja Católica.

Ainda que, em uma definição provisória, mas que engloba as questões centrais que queremos apresentar ressaltamos que a homosacralidade naturalmente torna-se um tema emergente de discussão, pois o intuito *a priori*, é problematizar as relações sociais de gênero no seio da Igreja Católica universal em um processo inexorável e gradativo, mas, que pode ir além, ou seja, algo muito maior, que em primeiro plano a espiritualidade se sobrepõe a religião.

Ao entendermos que a homosacralidade não se trata como uma escolha do indivíduo, pois como sabemos a homossexualidade não se trata de uma escolha, pois é uma categoria intrínseca da subjetividade humana trazida de forma natural e moldada pela identidade outra categoria que é construída socialmente e culturalmente. Sobre esses determinantes (subjetividade e identidade) que apesar de estarem correlacionados trazem suas especificidades iremos abordar de forma enfática ao longo desta seção.

A busca por uma religião é uma escolha, uma opção individual mesmo que sendo orientados por toda a vida por determinada crença, mas ainda assim, é uma questão particular, mas a propósito e não ao contrário do que postulam inferioridade e que não agrega potencialidades frente às homossexualidades.

Deste modo, o primeiro contato com a religião se dá desde a infância com a profissão de fé dos pais e familiares e assim, muitos já crescem em uma determinada religião e mesmo que optem por permanecer nela, ainda não seria uma escolha, mas uma confirmação da fé recebida no batismo no caso do catolicismo e confirmada no sacramento do Crisma com a renovação das promessas batismais.

---

<sup>43</sup>Termo utilizado para enfatizar que o estudo em questão envolve relação direta com outras ciências como a sociologia, a antropologia e a teologia.

Com a mudança de credo que aqui entende-se por religião, a perspectiva da homosacralidade passa por uma reconfiguração e uma reproblemática, pois como sabemos nas doutrinas cristãs conservadoras a homossexualidade não é aceita em contraposição, e isso faz com que haja a fragmentação dos condicionantes que reverbera a categoria da homosacralidade, como também, para que seja invisibilizada pelo fato da negligência e ou silenciamento da homossexualidade em questão.

Diante destas particularidades do pragmatismo institucional, sinaliza-se que as condutas são tipificadas pelas normas eclesiásticas e o regramento de determinada doutrina em que se esteja inserindo, e passa por uma degeneração do gênero, passando de seres singulares a seres severos consigo mesmos. É como se fosse assinar um termo de ajustamento de conduta por ser quem se é, pelos séculos sem fim, *amém*.<sup>44</sup>

A homossexualidade é um fator universal por incidir no mundo inteiro, dentre os seres vivos animais e humanos, comum a todos os povos e nações em todo o globo terrestre, ou seja, um paradigma mundial de todas as sociedades planetárias, sendo assim, também é enigmática e emblemática. Ainda é vista e mantida como produto construído e estruturado perante um erotismo lânguido, onde empregaram-lhe o sentido e o significado com um forte ideal homoerótico que viabiliza a episódica e histórica imagem de prostituição. Mas que promovem resistências às tentativas das injunções<sup>45</sup> do poder existentes nas igrejas com a quebra destes paradigmas e sintagmas.

As diversas singularidades homossexuais são povoadas por seres sensíveis e acabam por ocupar um lugar que não lhe cabe, ou seja, uma identidade alheia em termos de não estarem preparados para cumprirem os desígnios do seu *mínus* sacerdotal, mas que almeja participar do reino celestial da glória de Deus, e romper com as cadeias da ignorância.

Sinalizamos que a língua em sua pronúncia e oralidade pode ser uma grande aliada, com a produção de uma semântica e um léxico próprio originário de seus gêneros para elevarem suas vozes contra as injustiças e opressões, pois na máxima do sendo comum, encontramos vícios de linguagem históricos, especialmente na cultura oral do povo com vocativos pejorativos.

São muitos os termos pronunciados usados para se referir a algo ou para chamar alguém, dentre os quais, pessoas homossexuais e por isso, são lesionados devido a serem motivo de piadas, chacota, insultos e ironias, expostos ao ridículo pela etimologia empregada,

---

<sup>44</sup>Expressão latina que significa: “assim seja” usada no final de orações cristãs ou para confirmar algo que foi dito.

<sup>45</sup>Ato de ordenar, imposição, exigência, pressão.

não apenas por quem detém literacia<sup>46</sup> mas também, por outros que verbalizam falas como: Quem manda ser gay? São os finais dos tempos! É o fim do mundo!

Muitas vezes utilizam palavras fora do contexto e as subscrevem, como exemplo a questão do apocalipse que quer dizer revelação, mas reforçam no sentido de derrocada, demolição, desmoronamento, desabamento. Mudança brutal que leva a um estado de colapso, de ruína, de queda acompanhada de decadência e degradação, onde pode-se frisar as lesões na língua falada e escrita.

Nesse contexto, os homosacrossantos são afetados diretamente e corriqueiramente pelos efeitos da homofobia através da agressão verbal, e os agressores são justamente os puritanos da atualidade. A formulação e utilização de um discurso próprio pode ser uma forma de resistência a tudo que é proferido nas igrejas sobre a homossexualidade e o movimento LGBTQIAPN+ reagindo contra o sistema religioso instituído na tentativa de efetivas mudanças ou modificações frente ao estabelecido.

Dentro da fé cristã, existe a crença que todo o livro da bíblia é considerado verdade, mas não se pode dizer que um livro escrito há séculos é capaz de conduzir a nova era, mesmo que se defenda que tudo é verdade a ser proclamado pelos não-cristãos, e assim, importa esclarecer que a leitura fundamentalista da bíblia é sempre equivocada.

O livro do apocalipse retrata que o ultimo inimigo a ser destruído será a morte, e assim, afirmamos que o primeiro será o preconceito gerado pela ignorância, que causa medo, dor, sofrimento, violência, brutalidade e desumanização.

Os homosacrossantos podem ser tidos como vasos comunicantes por vocação, pois permitem-se contagiar por sua vivacidade que chega a ser um poder nostálgico. Participam da atividade religiosa com entusiasmo, emoção e encantamento apesar de serem depósitos de sentimentos, vive-se como se estivessem em uma eterna disparidade entre seus pares frente a uma vida solitária, e assim cantam: “venha o teu reino Senhor, a festa da vida recria a nossa espera e a dor transforma em plena alegria.”

A homosacralidade deve ser de total interesse de pessoas homossexuais que professam suas religiões no anonimato ou de forma marginalizada e pouco expressa na comunidade de leigos. Não tendo sentido participar da comunidade de fé sem vivenciar de forma efetiva do mistério pascal de cristo na fé celebrada e anunciada. Os homossexuais católicos são chamados a refletirem sobre diversas questões que os envolvem especialmente por serem protagonistas.

---

<sup>46</sup>Condição de quem é letrado.

E aqui podemos vislumbrar a presença dos *gays* em sua história negada do cristianismo e posteriormente da Igreja Católica de Roma, que durante séculos foram diabolizados e ridicularizados, e foram usados para ilustrar uma diabolização e catequizada como uma imagem diabólica de seres diabólicos e afirmam: Tudo está consumado! Mas com o passar dos anos essa catequese foi derrubada, mas que ainda existe ranços do passado como por exemplo em nossos dias o ranço histórico da “cura gay” que se configura como uma violência baseada no gênero.

O sentido da ligação entre homossexualidade, religiosidade e cristandade, postula justamente a identidade religiosa natural no segmento religioso, não necessariamente dogmática. Quem não tem religião é excluído. A diferença de tratamento é vista de forma negativa em termos de singularidade do devir-gay-cristão. Mesmo que os *gays* foram verazmente acusados de terem uma vida medíocre, sendo julgados, condenados, crucificados e colocados na região dos mortos, com Cristo foram ressuscitados e ganharam vida nova.

Perceber a homossexualidade apenas pelo prisma biofísico pela anatomofisiologia é dar ênfase a ideia e visão que foi construída sobre a ela, arraigada unicamente ao sexo/sexualidade, até porque caracterizar a homossexualidade é algo difícil pois é uma imensidão de subjetividades e personalidades únicas e exclusivas e por assim dizer ela se expressão de diferentes formas a partir de cada contexto cultural, social e político e inferência dos sistemas religiosos sobre os corpos humanos com inúmeras categorizações impróprias impostas historicamente, referenciando o sujeito homossexual a essas proposições tendencialmente preconceituosas.

A homosacralidade pode ser analisada como uma forma de ser diferente da imposta pela sociedade, não submetendo-se a uma identidade fixa por assim dizer, e caminha na mesma direção da desconstrução de condutas impostas dentro da religião, não na tentativa de mudar a doutrina, mas no sentido de buscar acolhimento e enfrentamento as determinações históricas de gênero que ferem e agride as homossexualidades.

É necessário se opor às regras socialmente estabelecidas frente a uma identidade estática, pois não existe apenas uma única tipologia identitária nem muito menos um singular sozinho por isso é preciso se reconhecer e se encontrar no contexto da diversidade de gênero, sexual, religiosa, política, cultural, em todas as esferas e instâncias da diversidade, pois a singularização acontece também mediante a troca de experiências, na união dos pares, na festa, na celebração, já que muito foi apontado em termos de dores, choros e violências.

A identidade não é natural e inata, são produzidos pela cultura em suas relações sociais e está sujeita as relações de poder com seus vetores de força. E “elas não são

simplesmente definidas; elas são impostas [...] a afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais.” (SILVA, 2000, p. 81)

A identidade é imposta, diferente da sexualidade que já se nasce com ela. A identidade diz respeito a um conjunto de elementos constituídos pela cultura. Que possibilita aos indivíduos olharem e se relacionarem com o mundo a partir do lugar que se encontram. Na compreensão de Stuart Hall (2000, p. 106) o termo identidade tem sido assolado por dificuldades conceituais e sugere a substituição pelo conceito de ‘identificação’ que se constrói: “a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos de pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal”

Embora a construção da identidade passe pelo resgate cultural da história, é preciso reiterar o conceito de identidade na atualidade, pois se o passado foi de negligências e violências é preciso abandonar essa perspectiva, mas sem perder de vista a consciência e participação positiva da sociedade entendendo que todos independente de suas atitudes sexuais e de gêneros necessitam de referenciais positivos da história, e assim, buscar as referências constitutivas encontrados na cultura e na religião tendo em vista que a força comunal é que dinamiza as relações humanas e interpessoais.

A homosacralidade pode e deve ser considerada como expressão coletiva, mesmo estando ligada diretamente a singularidade por estar em uma dimensão unitária enquanto um modo de ser, mas também precisa amadurecer na coletividade, para o desenvolvimento da criticidade, pois é experimentando e vivenciando as situações que os tornarão fortes.

Os fiés homossexuais podem se unir para repensar coletivamente a memória social<sup>47</sup> da homossexualidade no contexto sócio-histórico, abrindo-se para uma nova forma de sentir, de querer, de olhar, de participar da religião e de perceber as práticas que estas tentam enquadrá-los como se fossem todos iguais, e assim, poderem mutuamente questioná-las e colocá-las no centro das atenções para promover um diálogo aberto e solidário.

A gênese da homosacralidade está na pia batismal, onde os católicos recebem o sacramento do batismo e assim, são acolhidos e começam a participar da comunidade cristã dos filhos de Deus. Com a descoberta da homossexualidade por parte do sujeito esta começa a ser transferida para um outro patamar de percepção que pode estar ou não inserida em uma perspectiva moralizadora, e/ou moralizante.

---

<sup>47</sup>São as dobras da memória que variando segundo diferentes ritmos, constituem uma pluralidade de modos de subjetivar-se. “mais do que garantir a preservação do que se passou, a memória pode ser uma proposta no novo.” (GONDAR, 2003, p. 42)

Importa esclarecer nessas notas introdutórias que a homosacralidade não é uma tentativa forçada ou uma imposição de uma religiosidade em uma perspectiva de conciliação. Pelo contrário, foge completamente disso, pois o que se busca é certamente o reconhecimento de suas espiritualidades, mas sem desconsiderar suas sexualidades não binárias e não normativas.

A homosacralidade é alimentada em seus modos de ser igreja enquanto homoafetivo fundamentalmente, dentro ou fora de uma coletividade. Adotam uma identidade socialmente aceita e uma singularidade historicamente permitida. Mas a recusa é a resposta de não se submeter às injunções religiosamente estabelecidas com suas identidades performadas e enformadas, como se coloca dentre de fôrmas próprio do seu poder subjetivador.

A homosacralidade não é uma ideia ou identidade que se baseia em um modelo de subjetividade que modela o corpo, o indivíduo e todas as funções culturais, mas uma especificidade que o sujeito traz de si frente à religião e a sociedade que enfatizam uma identidade estável, padronizando e homogeneizando os cotidianos. Representa convicções puramente próprias do indivíduo, influenciada por um modelo social sobre isto lembramos o modelo social do casamento na sociedade das quais o casamento tradicional não é solução para a pessoa homossexual.

Sobre o reconhecimento social e proteção legal da união homossexual a Igreja faz severa oposição à equiparação dessa união àquela entre casais heterossexuais, bem como a mudanças no direito familiar que caminhem nesse sentido. “a homofobia presente na sociedade pressiona os *gays* a contrair uniões heterossexuais para fugirem do preconceito. Isso tem acontecido há séculos e traz muito sofrimento às pessoas envolvidas.”<sup>48</sup>

A subjetividade humana não pode ser pensada e reduzida apenas na esfera individual, pois não são pertinentes apenas aos sujeitos, mas produzidas por dispositivos de poder que a sociedade interpela, cujas relações produzem subjetividades que moldam os indivíduos em meio às teias discursivas, produtoras de identidades fixas e disseminadas como verdades universais, contudo, não existem, pois, nenhum indivíduo está livre de transformações.

O poder sobre as pessoas, quando exercido sob forma disciplinar tenta moldar e tomar para si o que está transformando-se e perfazer o subjetivo com controles, tentando estabelecer identidades uniformes construídas e afirmadas pelas instituições sociais, como as escolas e as igrejas. É importante considerar que são as relações de poder que definem as identidades e as subjetividades, pois em diferentes momentos e contextos observamos que a identidade é

---

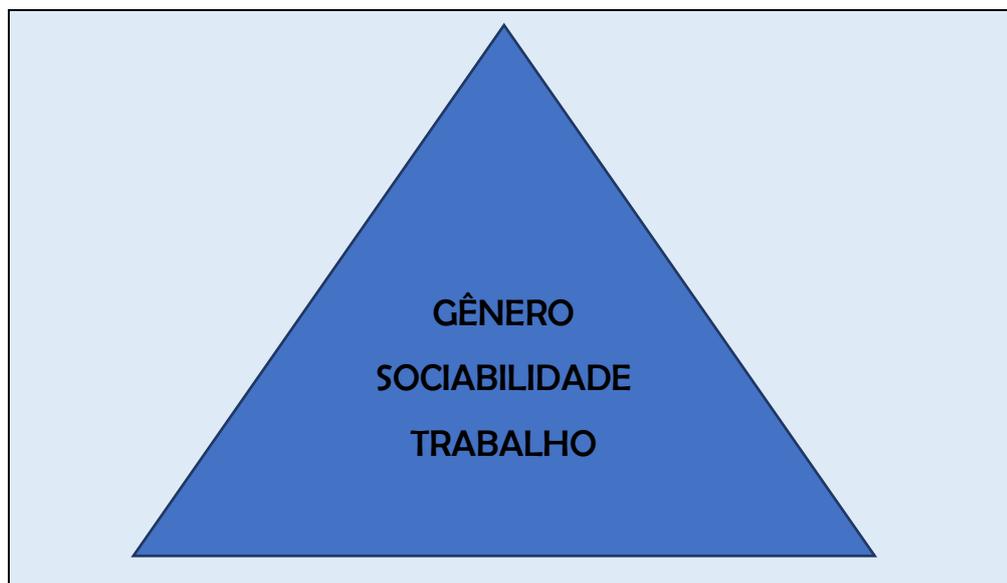
<sup>48</sup>O sacramento do matrimônio, nessas circunstâncias, é inválido (Código de Direito Canônico, Cân. 1.095, n. 3).

confundida como subjetividade, isso por que no poder disciplinar estão distribuídas em hierarquias que diferencia os indivíduos.

As influências do poder atingem a todos no curso de suas vidas de várias maneiras: conversando, lidando com outras pessoas e com as instituições existentes. O indivíduo pode receber passivamente essas injunções sociais, não questionando, não se singularizando. Mas também pode receber essa estrutura massificada e pensar que pode fazer algo diferente/único e ter a possibilidade de singularização em relação ao que é massificado pela sociedade. A partir do que é recebido, pode-se inventar o novo, inesperado, singular. Não há maneira de escapar do que o poder emana, não se pode fingir que a produção de subjetividade não existe ou que se está fora de um meio social, pois o indivíduo é produzido dentro da sociedade a que ele pertence. Não é se distanciando do social que se pode criar o novo, mas dentro do poder e a partir da subjetivação que ele oferece. Desse modo, há a possibilidade de criar uma deriva. (RABELO, 2020, p. 10)

Em torno da homosacralidade, estabeleceu-se três fatores e a partir deles seis elementos importantes a serem considerados, onde apresentamos a seguir, as características centrais em sua tríade que comporta; gênero, sociabilidade e trabalho que são categorias primordiais para o nascimento e acontecimento da homosacralidade.

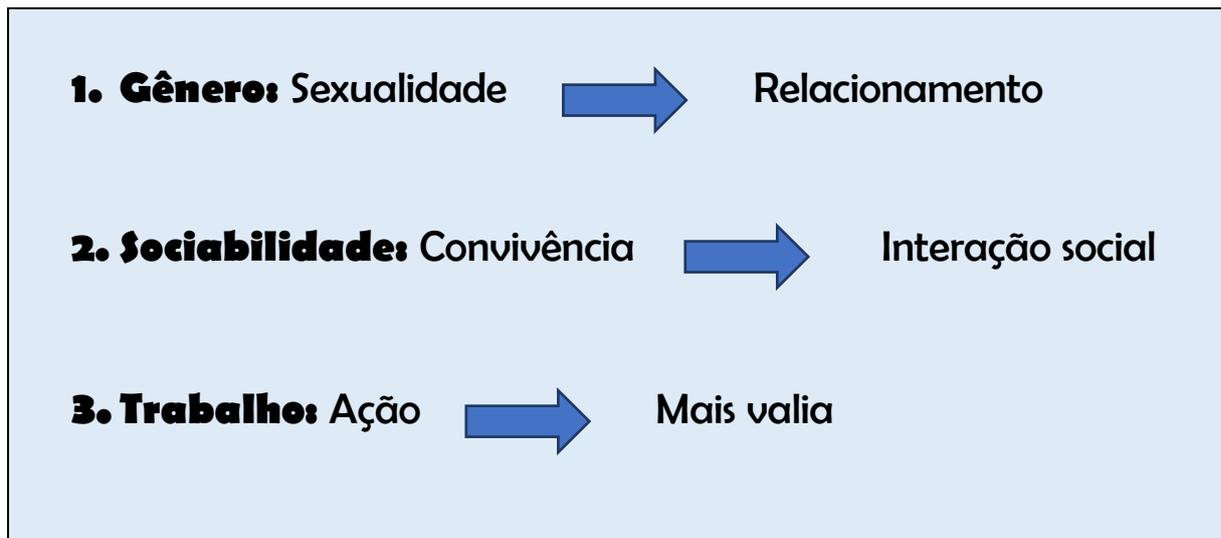
#### **Quadro 1: Tríade da homosacralidade**



No quadro acima, a tríade engloba as categorias centrais da homosacralidade sendo estas primeiramente o gênero, seguida das categorias sociabilidade e trabalho.

Todos os elementos que acompanham essas categorias estão sequenciados e indicados no quadro 2 abaixo.

### Quadro 2: Elementos para uma homosacralidade



Nos dois quadros 1 e 2 observamos que a categoria gênero se estabelece como a primeira, como uma categoria de conhecimento relevante, cujas teorias e estudos de gênero contribui decisivamente para oxigenar a inserção do pensamento galgados ao longo da história, entre os quais esse estudo decorre.

E assim, a sexualidade e o relacionamento foram elementares em se tratando de homosacralidade, pois identifica-se que vive-se uma homossexualidade a brasileira e da mesma forma vive-se uma sofisticação da homofobia na sociedade brasileira, onde os *gays* são estrangeiros em suas próprias terras, ou seja, em suas localidades de origem e nascimento.

Em termos de santidade nos patamares estabelecidos pela Igreja Católica observamos a vida dos Santos e suas sexualidades, pois a vida dos santos canonizados da igreja pode revelar casos de homossexualidade a exemplo de São Sebastião, São Paulo, São Francisco de Assis, Santas Perpetua e Felicidade, antes de suas conversões ao cristianismo no seguimento e testemunho fiel a Cristo.

Com o passar dos anos e muito fortemente na atualidade os cristãos católicos transformaram-se em santuários lesionados pelos rancores, tornaram-se levianos, com

tratamentos frios e grosseiros frente a atitudes egoístas e egocêntricas. Ou seja, é evidente que pode haver perseguição aos homossexuais integrantes das comunidades eclesiais missionárias<sup>49</sup> frente ao modelo de sexualidade fixa que o poder patriarcal moldou.

No elemento sociabilidade, sinalizamos para o forte sentimento de identidade gerado pelos grupos sociais de forma individual e coletiva, e assim, ao participar de um grupo religioso o *gay* sempre está pronto para agir com o comportamento esperado pelos outros. Ao ingressar nos movimentos de pastorais, tem que lidar com a dura convivência com pessoas conservadoras que negam a diversidade de formas das pessoas serem e existirem.

É importante sinalizar que as igrejas também se apresentam como importantes espaços de socialização dos indivíduos, e assim, possibilitam o desenvolvimento de opiniões sobre determinado conceito e aguçam o senso crítico, bem como, aprendem sobre valores morais, éticos que regem a sociedade, e assim permite ampliar os horizontes em uma perspectiva distanciamento, enfrentamento ou rompimento de preconceitos e discriminações de gênero.

Outra relação para se pensar é sobre a questão do fechamento dos homossexuais enquanto grupo não havendo uma articulação de ideias. Levantamos essa questão para dizer que essa comunidade é plural e diversa, mas que pode haver articulação e organização social, política estratégica, assim como foi feito consagradamente nos primeiros movimentos internacionais que lutaram pela criminalização da homofobia em Stonewall em 1969 pela primeira vez em Nova York onde pedia *Stop homophobia*.

Para ilustrar esse movimento surgido este na linha de frente da luta contra os preconceitos e discriminações e serviu para oxigenar e impulsionar o movimento LGBT em todo o mundo e na Ampliação das consciências da população em geral. Em contrapartida, agrava-se o acirramento como lastro da ação sociopolítica para a eliminação de todas as formas de discriminação.

Nesses espaços antagônicos de disputa ideológica e jogos de interesses recordamos sobre a sociabilidade, existe a convivência, que pressupõe viver em/na coletividade, um aspecto importante para todas as pessoas, mas quando os relacionamentos, as trocas, e a convivência acontece de maneira saudável sem relações e inter-relações conflituosas e violentas entre o pessoal, o espiritual e o material e assim, percebendo-se como parte desse todo.

Na categoria trabalho o terceiro elemento da tríade que envolve diretamente os homossexuais enquanto classe trabalhadora, são também trabalhadores atrelados a

---

<sup>49</sup>Expressa nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (2019-2023) da CNBB.

sociedade de classes inseridos na divisão técnica e sexual do trabalho, principalmente por estarem nas classes subalternas, excluídas e marginalizadas pelo sistema capitalista neoliberal vigente.

Em nossa sociedade globalizada, cujo sistema de financeirização é o capitalismo global na nova ordem mundial no que se refere ao novo momento do desenvolvimento capitalista mundial e brasileiro. Os *Gays* nunca estiveram em um lugar de destaque. O acesso ao mercado de trabalho é mais dificultado perante as variáveis da empregabilidade existentes com o estabelecimento de padrões de admissão.

A premissa que se estabelece é como se os *gays* fossem incapazes de realizar/fazer um trabalho com credibilidade, sério, ético e responsável e assim, coloca em xeque as aptidões e talentos genuínos. Trazem suas histórias de vida carregadas de sofrimento ou que em algum momento intensifica-se com o desemprego, subemprego (informalidade) são também fatores que proporciona dificuldades, desigualdades e discriminação para a população LGBTQIAPN+.

Estes são fatores que colocam em risco direitos e conquistas fundamentais para a vida dessas pessoas especificamente em termos de classe, raça e gênero. Os dramas são reais e o sofrimento é concreto, pagam com serviço prestado a uma assembleia que os julga, *persona non grata*. E assim, existe a necessidade de se defender o que se acredita com consciência política, sendo estes intelectuais orgânicos e sujeitos políticos coletivos na atualidade.

Em torno da homosacralidade importa entender que ela está envolvida pela subjetividade e conseqüentemente pela identidade do sujeito cada uma com sua especificidade e variável ao longo de sua formação. Pois como afirma Gondar (2003) um processo jamais pode fixar-se numa identidade, sob pena de desaparecer enquanto processo. O autor coloca que mesmo que uma identidade seja pensada como mais móvel ou mais fluída, ela é algo que pressupõe a existência de fronteiras.

A subjetividade é um conjunto de condições que perfaz o sujeito “é o modo de conceber o mundo, não é um atributo de cada um [...] é um modo de sentir, de querer, de olhar, de perceber as coisas, que é produzida por determinados mecanismos e configura certos meios sociais”. “é tudo que faz com que o indivíduo, ou a coletividade, exista, se auto-afirme e relacione com outros indivíduos ou outras coletividades que também têm sua subjetividade”(RABELO, 2000, p. 10)

O sujeito homossexual quando tem um olhar atencioso a sua realidade e as questões que envolve sua subjetividade, consegue perceber que enquanto agente de sua identidade pode e deve questionar os padrões e tentar minimamente rompe-los mesmo que em situações

cotidianas sem muita evidência.<sup>50</sup> Rabelo (2020) coloca que a singularidade significa a maneira com que cada indivíduo vai receber essa subjetividade e que vai produzir ou criar a partir dela.

No contexto identitário do poder disciplinar a oposição é binária, para tanto, a identidade dominante heteronormativa passa a se opor ao que considera diferente dentre as quais a homossexualidade que sob esse ângulo cultural e societal tem isso considerada constantemente essa outra identidade que difere dos padrões, e assim é vista de forma negativa, pejorativa, comparada sempre com a feminina que é tida como menor, frágil, ficando destinada ao privado, ao doméstico, ao emocional, ao cuidado maternal, contraria a masculina tida como forte, racional e mais valorizado na sociedade.

De acordo com a história, a homossexualidade é relegada a um plano secundário associada as cataléticas femininas, das quais de maneira histórica muitos homossexuais tomaram para si essa identidade propagada pela sociedade e conseqüentemente pela condenação conferida pela igreja católica inicialmente.

A partir de Hall (2000), podemos identificar que quase sempre as instituições religiosas cristãs mantiveram constantes discursos de molduras frente as homossexualidades existentes. De acordo com o autor, o processo de criação da identificação é influenciado pelas práticas discursivas, e por isso mesmo sinalizamos que estas estão presentes nos contextos das igrejas, que tentam enquadrar as identidades e até mesmo as próprias subjetividades.

Para a complexidade do tema, a religião sozinha não dá conta, é preciso buscar amparo na ciência. E logo, uma premissa se estabelece, como a igreja pode ensinar sobre um assunto que desconhece? Como pode haver indicações pastorais se a própria igreja é anti-homossexualidade? E assim também é preciso afirmar que ainda estamos caminhando para uma compreensão diante do desconhecimento e a homosacralidade se estabelece como a porta de entrada para o aprofundamento da temática.

Mesmo que se tenha caminhado para uma compreensão teológica e pastoral sobre a temática da homoafetividade no contexto do catolicismo, não podemos dizer que existe uma nova compreensão porquê de fato nunca antes houve compreensão de fato, o que se tem é desconhecimento, generalizações, e a questão de quem é a favor e contra, ou ainda a busca pelo melhor “manejo” do tema da homossexualidade por parte da Igreja, ou seja, não chega ao

---

<sup>50</sup>A existência de leis, regras, e modelos somente subjetive os indivíduos, mas que haja respostas por parte do sujeito e nelas pode estar a resistência e sua possibilidade de instaurar um novo olhar, como assegura Hall (2000).

amago da questão, muito embora a Igreja Católica exponha seu pensamento ético sobre, assim como a forma de apresentação dos documentos emanados da Santa Sé.

E por assim analisar, nos perguntamos: qual o embasamento desta análise advinda dos moralistas contemporâneos? Em que ótica se fundamenta? Apenas sob o prisma filosófico e teológico? Tendo em vista, que os estudos de gênero atuais já se encontram demasiadamente muito a frente quando sugere que não podemos resumir o sexo unicamente ao binarismo histórico e factual. E por assim dizer, não se pode ater ao mérito doutrinário das argumentações, pois se assim for a Igreja se mantém coerente com os seus tradicionais ensinamentos.

O magistério da Igreja continua mantendo uma visão e um referencial eclesiástico, unilateralmente patriarcal, que há séculos colocam a homossexualidade como um padrão de comportamento e não como um gênero, pois não reconhece esta “natureza” criada e não desejada por Deus, se enquadrando como uma sexualidade alternativa, ou seja, como se fosse do desejo de cada um ser homossexual, na velha falácia de “decidiu ser gay da noite pro dia” e esta é uma opinião composta pelos féis leigos em todos os sentidos.<sup>51</sup>

“[...] a identidade é a institucionalização de uma forma a modelos estereotipados.” (PEREIRA, 2000, p. 38) Por assim compreender, a identidade ou identificação não pode ser imutável, pelas quais os indivíduos podem alterar suas identidades mediante a aceitação ou negação das imposições sociais impostas por práticas e discursos que os constroem. Sobre a utilização do termo “identidade” Hall (2000) utiliza para:

Significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. (HALL, 2000, p. 111-112)

Os homosacrossantos devem buscar permanentemente por novos parâmetros e aportes teóricos-metodológicos que superem os referencias ideológicos de base eurocêntrica e decolonial, com a interseccionalidade de gênero enquanto uma categoria analítica. Contudo, a homossexualidade humana não é pautada exclusivamente em perdas. Das chagas abertas e

---

<sup>51</sup>“Questionar a ‘normalização’ de certas identidades hegemônicas pela representação social e de certos ‘discursos populares’ presentes na memória social sobre as identidades ‘minorizadas’, torna possível pensar na produção de singularidades.” (Rabelo, 2020, p. 10)

latentes, das veias pulsantes dos Homosacrossantos ainda existente a necessidade de se defender o que se acredita.

É preciso mergulhar no que ainda existe do legado cultural da luta por justiça social, entendendo os seus símbolos, significados e a riqueza que pode trazer no sentido de olharmos para a homossexualidade de outra forma menos violenta em sua totalidade. Na qual, a diversidade humana seja eixo central tratada como legítima. Como também, ampliar e consolidar o espaço institucional, no sentido de fortalecer o campo da ação governamental, consolidando o compromisso com a democracia participativa e representativa.

Para que isso aconteça é necessário a fuga dos conflitos e divergências com as religiões cristãs circunscritas na contemporaneidade frente aos complexos contextos sociais e religiosos. Não mais como um debate correlato ou complementar, mas um debate fundamental com caráter de maior atenção, levando em consideração um grau de maturidade e amadurecimento, assim haverá a convergência de ações interinstitucionais, transversais e intersetoriais.

## 2.2 Homosacrossantos na contemporaneidade: a “nova era” para os homossexuais católicos?

No contexto da frenética sociedade atual, diversas são as denominações cristãs existentes, esta realidade inspirou e elegeu uma proposta de nova perspectiva ideoreligiosa na contemporaneidade que muito já foi colocado até aqui, mas que ainda cabe discutir outras como a exemplo do surgimento da teologia da indignação frente aos processos de preconceitos.

De maneira linear os homosacrossantos procuram estarem livres de generalizações, achismos e desinformação sob o manto sagrado, e isso contribui decisivamente para oxigenar a inserção do pensamento galgado em uma nova configuração de imagem e semelhança de Deus, e isso representa desejo de mudança, uma vontade de mudar, não unicamente tendo como fonte de inspiração a bíblia e dentro do legalismo da igreja, mas a partir do surgimento de uma “teologia da indignação” com a quebra de paradigmas.

Adversidades que condenam e remete a marginalização e ameaças a integridade física com a adesão a um projeto de morte. Os jovens homoafetivos são tragados pelo sistema opressor que os enxovalham com uma lavagem cerebral e fazem com que passem a acreditar costumeiramente nas barbaridades que os dizem, e nesta tragédia anunciada, são torturados

psicologicamente sem dó e piedade, e como produto do ódio inflamado são assassinados nas calçadas, matam em nome de Deus sem limites.

Os sacramentos dentro os quais o casamento não reconhecido da aliança homoafetiva da qual a igreja é aliada. Dois homens que recusam a fingir ser o que não são, que não vão performar a dinâmica macho/fêmea para facilitar a compreensão da sociedade heteronormativa ela que se vire para entender que um homem pode se apaixonar por outros. E como em todo o globo existe as novas configurações de famílias em novos arranjos familiares, a exemplo das famílias homoparentais.

São tomados e invadidos por uma tristeza profunda e um sentimento de recalque diante da persistência de brutalidade, *bullying*, intolerância e frustração que gera choro, ranger de dentes, lágrimas, gemidos inefáveis, como não se revoltar? Sedução pelo campo de caráter carismático Experiência carismática. Sem que proliferassem puritanismo, perplexidades, perseguição e resistência.

Mesmo que algumas autoridades da Igreja Católica já tenham se posicionado sobre o tema, existe todo um aparelhamento institucional que impede que a discussão sobre ele avance de forma significativa e efetiva dentro da Igreja. Mas todas as tentativas de chamar atenção para a sua existência parecem terem sido em vão, não conseguindo ir além no tratamento das questões que envolvem processos éticos fora da unilateralidade estabelecida.

Frente ao apelo a sobriedade, perguntas nos são postas como gerar e identificar os laços de solidariedade? A ética do cuidado prevalecente? Ou é distante da realidade? Ou ainda está alicerçada e ancorada a autossuficiência e prepotência? E ainda estão de olhos fechados e os corações petrificados? Perpetuando rechaça as homosacralidades? Pois são pessoas de sorrisos largos, mas que precisam tirar as máscaras que escondem seus preconceitos este é o problema que se coloca na fuga ao que nutre ódios e o que nutre toda uma cadeia transfronteiriça e sem fronteiras.

No ato de evangelizar com evangelização e evangelismo, acentua-se falas desencontradas, pois muitos destes se configuram como fanáticos da religião, onde suas crenças não se baseiam em evidências científicas, mas em uma profunda necessidade de acreditar e assim propagam desinformação por eles estão dentro da lógica deles, ludibriados e inebriados pelo testemunho de seus líderes ou seus pares. Muito longe dos ensinamentos de Cristo onde numerosas legiões e multidões do povo o seguia.

Muitos estudos e pesquisas como o mapa da violência têm se voltado para a compreensão das causas e consequências das discriminações e violências em geral sobre os sujeitos homossexuais. Não se trata apenas de violência simbólica. Muitos são os dilemas!

Não conseguem estudar, possível fazer a graduação por diversas razões. Partimos do pressuposto de que a vida acadêmica tornou-se um esconderijo para muitos *gays*

Nas comunidades religiosas o *gay* não é reconhecido e se articulam no anonimato, é preciso negociar os espaços em sua amplitude, pois que se espera é que se diga, mesmo que não se defenda, não há espaço para a homofobia. É preciso fazer com que a sociedade perceba a contribuição dada por eles ao país, em termos socioeconômicos e sociopolíticos. Daí a importância de pautar a questão de gênero como aspecto fundamental para análise das relações sociais.

Utilizam passagens bíblicas do Antigo Testamento quase sempre o livro de levítico com uma leitura fundamentalista, para acusar os *gays* e nunca a passagem: andavam na escuridão e viram uma grande luz, (Isaías 9:20/Mateus 4:16), brilhou para nós uma luz (Salmo 98). Também esquecem de enfatizar o Novo Testamento, especialmente as Cartas de Paulo: “antes éramos trevas hoje somos luz no Senhor!” (Efésios 5:8), nós somos muitos, mas formamos um só corpo (Romanos 12:5), e o corpo não é para a imoralidade (1ª Coríntios 6:18), é para a liberdade que Cristo nos libertou (Gálatas 5:1).

Para dizer que foram salvos e libertos da condenação do pecado depois de Cristo o novo adão. No ambão (mesa da palavra) a homilia é usada para contextualização da liturgia da palavra ou para regular consciências? Além de não falarem sobre o livro mais pornográfico da bíblia.

Na contemporaneidade a legitimação de uma educação monocultural fragmenta o sujeito e as vicissitudes da (re)construção das identidades e sexualidades disciplinadas. São fatores que coloca em risco direitos e conquistas fundamentais para a vida dessas pessoas especificamente em termos de classe, raça e gênero e sobretudo, o próprio exercício da democracia. Fenômeno imerso numa realidade complexa e multirreferencial. Outros estudos demonstraram que quanto maior o nível de exclusão social mais avançada é a violência.

Infestação de *gays* insolentes, desrespeitosos, atrevidos, malcriados, desaforados. Perversão – (pervertido: depravado, desmoralizado) Perverso (má índole, praticar crueldades, malvado, barbaridades) A presença do *bullying*: que se relaciona com frustração, falta de empatia, críticas, injúrias, divergências, subordinação, deformação e difamação e logo a premissa que se estabelece coloca em xeque as aptidões e talentos genuínos.

Mendonça (2003) afirma que as instituições religiosas são efeitos sociais [...] objeto de estudo da história, da sociologia, da antropologia e de outras ciências que têm por objeto as manifestações humanas perante o sagrado. O autor sustenta que é necessário, em Ciências da

Religião, distinguir religião como forma de crença e seus efeitos culturais e sociais, da religião instituída, objeto das ciências que estudam as instituições sociais.

As instituições religiosas também são consideradas como instâncias sociais de relações de poder, e por assim compreender, são representações da sociedade civil organizada, que no contexto das sociedades de classes simboliza entidades organizativas com estatutos e regimentos internos próprios constituídos de razão social e jurídica e dotadas de fé pública e se enquadram no ordenamento legal e jurídico no bloco social.

As organizações de caráter religioso em sua trajetória histórica têm desempenhado papel importante para o combate as várias formas de violência existentes. As irmandades, confrarias, também podem ser sinônimos de resistir aos modelos impostos pela cultura ocidental. problematizam-se as limitações das abordagens do multiculturalismo em torno da tolerância e da diferença, relacionando a diversidade à identidade; discutindo a diferença como construção social e cultural e como produto da identidade difusa nas instituições sociais.

Por isso, precisamos considerar esses elementos como essenciais, nestes espaços plurais e diversos que assim o são. Portanto, são convocadas a inserirem em suas atividades cotidianas reflexões sobre as identidades como um todo perceber que existe uma diversidade de identidades dentro da própria igreja que muitas vezes não se tornam seguidores por não se sentirem acolhidas em suas particularidades.

A lembrança é parte constitutiva dos sujeitos na qual o poder religioso alienante é usado estritamente para que a memória seja corriqueiramente aprisionada para lembrar apenas o que lhes são úteis e pesar mais em coisas do espírito. Sendo a assim, a memória, a lembrança, as recordações da vida cotidiana é também um modo de constituir o sujeito religioso.

A memória é um instrumento de poder sujeita à mudança, não é lugar de conforto ou de compensação pelas perdas identitárias, ela não produz subjetividades somente no plano individual, mas atinge o sujeito na sua expressão coletiva, a partir de mecanismos sociais e de todos os processos de produção social e material que se valem de discursos para afetar o sujeito.

Gondar (2003) aponta que a lógica das redes não é incompatível com a possibilidade de rememoração criativa, relacionar a memória aos processos de subjetivação da sociedade, diz respeito às suas existências e as possibilidades de suas inserções sociais fora das condições de subalternidade. Todo poder político ou religioso pretende controla-la, selecionando o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.

Assim, na atualidade o poder simbólico da igreja é supraordenado pela suprema corte uma espécie de novo tribunal do santo ofício que ganha uma nova caracterização cujo veredito é de responsabilização dos sujeitos homossexuais pelo ato de ordenar com ordem precisa e formal no âmbito das leis da igreja, impedido a reversão gradual do modelo heteronormativo.

A contra-memória no sentido foucaultiano pretendeu funcionar como campo de libertação de outros valores, incorporando as vozes dos grupos minoritários, compostos pelos marginalizados, explorados e oprimidos. A resistência à lógica identitária se apresenta como uma afirmação das diferenças locais, regionais, sexuais ou étnicas em contraponto a uma identidade genérica e unitária.

Os posicionamentos e reações frente a comunidade LGBTQIAPN+ são negativos e conflituosos nas relações interpessoais e profissionais. Vislumbramos cotidianamente casos de homofobia institucional<sup>52</sup> velada que se apresenta nas falas das pessoas de forma mascarada e disfarçada que até mesmo o homossexual, transexual, pansexual, intersexo e outros não reconhece ou detecta esses indícios seja por falta de senso crítico por parte de alguns ou até mesmo, por naturalizar passando despercebido pois muitas falas vêm sempre carregadas de ‘malícias’ traduzida pelo sentimento de repulsa e ódio, transformados em preconceitos.

Num contexto social de profundas desigualdades, como o do Brasil, as populações mais afetadas buscam preservar sua existência frente as discriminações cometidas que culminaram com crimes. O que a sociedade considera como crime diante da naturalização de mortes de homossexuais ao longo do século XX e XXI? Em um país que durante anos sustentou o discurso falso moralista sobre a homossexualidade, com fuga a aceitação da diversidade sexual e a pluralidade muitas questões afetas a comunidade LGBTQIAPNB+ foram tratadas fora dos planos de prioridades governamentais.

As persistentes tentativas de dizimação, aculturação e ciclos de violências, preconceitos, estereótipos constantes, poucas legislações que assegure proteção e punição, informações reduzidas ao senso comum, superficiais e equivocadas pois o conjunto da sociedade pouco ou nada acessa aos estudos e conteúdos diversificados que lhes proporcionem melhor entendimento sobre as relações sociais de gênero mesmo com o avanço

---

<sup>52</sup>(Formas pelas quais instituições discriminam pessoas em função de sua orientação sexual ou identidade de gênero presumida) e os crimes de ódio de caráter homofóbico, ou seja, violências, tipificadas pelo código penal, cometidas em função da orientação sexual ou identidade de gênero presumidas da vítima. (BRASIL, 2013, p. 05).

da tecnologia , das quais não se pode dizer que foram suficientes pois também são utilizadas para disseminar informações inverídicas.

Não obstante a esses problemas, muitos homossexuais são acometidos de abrupta violência verbal e moral, essas violências sofridas levam os *gays* frequentemente, desencadearem problemas emocionais e psicológicos que os levam à depressão, ansiedade, perturbações, distúrbios e outros traumas e distúrbios que em consequência, atingindo, dessa forma, as aptidões físicas, mentais, espirituais, entre outras, na maioria dos casos os levam a renunciarem a vida em sociedade. Atingindo gradativamente outros sistemas do corpo humano.

A luta histórica contra os poderes de regulação, o Estado, o cristianismo enquanto religião hegemônica cujas bases que nos chegaram são eurocêntricas e excludente, das quais nos trouxe inúmeros danos traduzidos pelos os efeitos da opressão concretizados cotidianamente na sociedade brasileira, impondo limites de negação de homossexuais, mulheres, indígenas e negros e outros grupos, onde cingem os sujeitos homossexuais tangenciados, pois o terreiro não foi varrido foi tangido com o aviso prévio de expulsão, atando e onerando as homosacralidade e suas espacialidades são corrompidas.

### 2.3 Os jovens entoam: “tudo é graça, Deus nos conduz!” Múltiplos olhares para as juventudes homosacralizadas

No contexto juvenil atual, tem-se produzido outras tendências culturais e religiosas nas juventudes, que socio-historicamente tem se construído e constituído como um agente latente de mudanças. É preciso recorrer à história em vista de construir um panorama para compreender como se transformou o modo de organização das juventudes ao longo do século XX e início do século XXI.

Sallas (2006) coloca que faz-se necessário inserir estudos que tratam da temática pensando nos termos da existência de uma cultura jovem com os paradoxos de integração e diferenciação. De modo que suas potencialidades são manifestadas quando o contexto social destes é influenciado por algo que assegure o desenvolvimento de seus potenciais.

Neste sentido, o engajamento em movimentos religiosos pode despertar esse caráter potencializador, mesmo na contemporaneidade, onde o universo dos jovens situa-se diferentemente em face da tradição religiosa. Observa-se que a sociedade passa a ser

profundamente questionada pela nova geração vinculada a ideais e se faz pragmática com ausência de práxis.

Sobre as manifestações das várias tendências no mundo religioso contemporâneo que agrega as juventudes, Libanio (2013) afirma que a experiência religiosa se manifesta paradoxalmente no processo de secularização com jovens cada vez mais alheios à esfera religiosa ou em busca sôfrega de formas religiosas, gestadas no próprio Brasil – Santo Daime, União do Vegetal e outras – ou vindas do Oriente, além do neopentecostalismo evangélico, e das expressões carismáticas católicas.

Nessa dimensão, as juventudes em sua diversidade têm demonstrado desafeição às religiões, particularmente às religiões tradicionais, principalmente o cristianismo histórico de nosso país. “Parece diminuir claramente o jovem tradicionalmente católico. Assim, a religião institucional cede lugar para práticas religiosas selecionadas conforme a necessidade e o gosto do momento.” (LIBANIO, 2013, p. 20)

Fernandes (2019) lembra que com a consolidação do pluralismo religioso no Brasil e na América Latina a partir dos anos de 1990, não seria recomendável ignorar o impacto das cosmovisões religiosas nas condutas juvenis sob risco de se obliterar uma lente epistemológica profícua. A adesão religiosa também varia de acordo com o estrato social, pois a depender do contexto da realidade sociofamiliar vivida perseveram no empenho religioso e trazem para si os ensinamentos bíblicos e evangélicos carregando a marca da dogmatização operante.

Sofiati (2013) enfatiza que há uma pluralidade de juventudes definidas a partir de grupos sociais concretos que possuem um recorte sociocultural de classe social, etnia, religião, gênero, região, mundo urbano e rural, escolaridade, capital cultural e renda familiar elevados, habitação numa metrópole, sendo que várias juventudes convivem em um mesmo tempo e espaço social, havendo também diferenças entre os jovens que vivem numa mesma sociedade.

Enfatiza-se que a juventude contemporânea está imbuída de condescendência, prendem-se menos às tradições e despojam-se com maior facilidade de preconceitos e *tabus* criados pelas gerações anteriores, em contraste, outros batalham pela conservação dos cânones tradicionais.

Portanto, ao assim proceder, ele contribui para que não fiquemos presos a uma noção naturalizada de tempo futuro, que, na verdade, não deixa de ser o desdobramento secular e moderno da nossa velha escatologia cristã, como lembra Eco e Martini (1999).

A religião é uma escolha entre várias outras agências elaboradoras de sentidos para sua existência. Tais condições lhes dão liberdade para cultivarem atitudes de distanciamento crítico, secularização, dúvida e bricolagem. Assim, por um lado, nossos universitários valorizam as religiões por oferecerem sentido para a vida, conforto e elevação, fé, solidariedade e compaixão, melhoria ética das sociedades e exemplos. Por outro lado, criticam-nas por realizarem “lavagem cerebral” nos fiéis e os induzirem ao fanatismo e à irracionalidade; por tirarem dinheiro dos fiéis; ao proclamarem-se donas da verdade absoluta; por sua alienação e fuga da realidade; por manipularem os fiéis via emoção e medo. (RIBEIRO, 2013, p. 33)

Para Guattari (1992, p. 14) há práticas cotidianas dos indivíduos que refutam e subvertem esses conceitos e classificações identitárias, ressignificando assim, os saberes institucionalizados. Alguns componentes influenciam na heterogeneidade da construção das subjetividades; “1. Componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte; 2. Elementos fabricados pela indústria da mídia, cinema, etc.”

Mannheim (1967); Melucci (1996) asseguram que a noção de juventude é uma criação própria da sociedade moderna, enquanto categoria histórico-social ocorre no momento em que passam a definir o conjunto dos jovens como movimento de juventude sob o impacto da globalização massificante, resultante da estratificação semiótica ordenadora de comportamentos pessoais e coletivos.

Rabelo (2020) questiona as interferências nas subjetividades tendo em vista a situação de fragmentação social determinada pelo processo de globalização; será que essa mudança permitirá a singularidade e o devir, ou significa uma maior exploração das várias identidades existentes?

A autora afirma que mesmo que as instituições sociais determinem a individualização das subjetividades, o sujeito pode problematizar essa determinação basta pensar nas mudanças sociais constantes para percebemos as diversas formas de identidades dentro da lógica globalizante e as identidades modificadas serão sempre permeadas por ela.

As subjetividades se constituem a partir de processos antropossemióticos sem os quais nenhum indivíduo poderia reconhecer-se como sujeito ou agir com autonomia. (MANÇE, 1998) A autora salienta que nesse conjunto das necessidades orgânicas como; comer; de reproduzir e outros, nas dimensões da cultura como; as atividades necessárias à existência e convivência humanas como nos diversos códigos socialmente ordenadores que de algum modo, modelizam o corpo; neste processo estruturam-se as subjetividades.

Hardt (2000) salienta que as práticas materiais oferecidas ao sujeito no contexto da instituição formam o processo de produção de sua própria subjetividade, e mesmo com a globalização e a aceitação das múltiplas identidades isso não significa que as identidades dominadas deixem de ser excluídas ou que passem a ser valorizadas, as subjetividades não são inatas e são substancialmente criadas no plano social. E assim, não vivemos mais essa formação de subjetividade da sociedade disciplinar, pois vivemos na sociedade de controle em que os muros das instituições estão se quebrando e, assim, modificando a produção da subjetividade.

As juventudes são compostas de sentimentos, sensações e desejos, cujo comportamento é mediado perante o gênero e nem sempre as instituições religiosas têm se apresentado como espaço de acolhimento e aceitação das diferenças, o conservadorismo presente nas religiões cristãs não permite a introdução de outros modelos fora da heterossexualidade, e encontram-se mórbida para a abertura de novas configurações de identidades de gênero.

Hardt (2000) sustenta que a não-definição do lugar da produção corresponde à indeterminação da forma das subjetividades produzidas. As instituições sociais de controle no poderiam ser percebidas em um processo fluído de engendramento e de corrupção da subjetividade, de maneira que a lógica que funciona outrora principalmente no interior dos muros institucionais se estende a todo campo social.

É inegável e pouco contestável que as igrejas como um todo, independente que vertente esteja inserida que é um espaço de aquisição e desenvolvimento de capacidades e potencialidades, tendo em vista, que a própria atividade religiosa de culto e profissão de fé converge para que muitos jovens tenham a possibilidade de exercer funções perante a comunidade, dentre as quais a oralidade (oratória), comunicação (aspecto comunicativo), conhecimento (inteligência emocional e intelectual), convivência, canto (música), instrumentos musicais, leitura entre outras habilidades pessoais.

De diversos modos, as igrejas cristãs tentam suprir as carências dos jovens com respostas para questões vitais e participação em rituais e vivência de emoções, oferecem acolhida em ambientes de sociabilidade, desenvolvem projetos sociais complementares de geração de emprego e renda para os mais pobres/vulneráveis, que resultam em segurança pessoal e social. Criam redes de colaboração e solidariedade com ações e serviços assistencialistas de caridade, onde os beneficiários se doam aos prestadores religiosos.

Ribeiro (2013, p.37) coloca que “A experiência de um segmento empoderado permite levantar possibilidades gerais na relação entre religiões e jovens”, “precisam ser capazes de

envolver na ampliação desse poder e assim contribuir para o crescimento em direção à autonomia e à vida adulta”.

As escolas e as igrejas são espaços de hegemonias como também de contrahegemonias, que podem reforçar ou interromper códigos racistas, sexistas, homofóbicos, dentre outros. Mas ainda estão envoltas com suas premissas de natureza ideológica, mas é importante que se diga que os marcadores sociais da diferença não dão autoridade a ninguém/setores/instituições para eleger aspectos socialmente e individualmente de forma errônea que reforça discriminações.

Traçando um paralelo entre espaços hegemônicos como as igrejas podemos encontrar na religião uma proposta viável e acessível para amenizar os problemas sociais existentes, já que as trajetórias de vida são enfatizadas, pelo fato de muitos testemunharem para a comunidade acontecimento sobre si mesmo (trajetória de muito esforço) e superação de situações de marginalização, uso abusivo de álcool e outras drogas, entre outros. A partir de pesquisas e práticas, trazem um potencial extremamente interrelacional de si mesmo no sentido filosófico.

A homofobia contra *gays* provoca o dobro da probabilidade deles sofrerem depressão, e outras doenças emocionais e aumento considerável de risco de suicídio, por experimentarem níveis mais elevados de agressão relacionados à sua orientação sexual e diante da rejeição, menosprezo, relações de dominação, julgamentos, ofensas, aversões também no contexto das religiões cristãs em maior parte.

Possuem força transformadora pelo fato de não estarem completamente envolvidos com o *status quo*. Assumem atitude tolerante em face de comportamentos sexuais diferentes. A postura machista com forte acento na distinção sexual e na supremacia do masculino cede lugar para o esmaecimento das diferenças sexuais, despojando-se facilmente de preconceitos. No campo sexual não temem aventurar-se em experiências-limites em grupos de risco. (LIBANIO, 2013).

Em Foucault (1985) o cuidado de si é uma intensificação das relações e influências sociais, e pode necessitar da ajuda do outro, que poderá aconselhar diante de sua aptidão e o outro deve receber com gratidão as lições dadas. Tanto os indivíduos como coletivos podem se relacionar com as regras estabelecidas pelo poder de forma singular, constituindo processos de criação de si, isto é, processos de subjetivação que escapam àquilo que os códigos estabelecem.

Incentiva-se a busca de uma subjetividade mais pessoal e crítica as singularidades ou práticas de si que levem a uma outra maneira de constituir-se a si mesmo enquanto sujeito

moral. Rabelo (2020) acrescenta que poderiam existir diante de todo o aparato de controle que a sociedade tem exercido sobre o sujeito.

O sujeito tem sua liberdade, podendo interferir nos mesmos códigos que atuam sobre sua subjetividade que não se trata somente da regulação de comportamentos e para estes a todo tempo são criados novos modelos e parâmetros que se deseja. Mas existe a possibilidade de intervir problematizando esses parâmetros e não os aceitando tacitamente. (RABELO, 2020)

A produção de subjetividade não necessariamente será singular. O poder quando a produz é sob a forma massificada pela identidade, cujo modelo vale para todos de forma homogeneizada, ou seja, é uma imposição generalizada e assim as pessoas passam a aceitar a identidade que lhe é destinada. Elas constroem uma singularidade, ao invés de receber a subjetividade uniformizadora que o poder disciplinar produz.

Foucault chama essa resistência à subjetivação de estética da existência que resulta nas denominadas por ele como as práticas de si (a possibilidade de governar a si mesmo) implicando em uma arte de viver em vez de se adequar a uma norma universalmente válida, o indivíduo tem a capacidade de desenvolver critérios de cunho estético que o levem a desenvolver uma existência única e singular. (RABELO, 2020)

Cada indivíduo é determinado pela sociedade em todas as dimensões de sua subjetividade, mas ao mesmo tempo também é livre, no sentido de que pode interferir sobre esses códigos culturais. Assim, família, escola, colegas, amigos, igrejas e, especialmente, as mídias de massa determinam muito a individuação das subjetividades. (MANCINI, 1998, p.4)

A autora coloca que é possível uma intervenção dos sujeitos sobre esses determinantes desde que desenvolvam a capacidade de problematizá-los. Em todas essas esferas ocorre o processo educativo através da formação dos indivíduos em semioses geradoras de interpretantes, de padrões e referências para os diversos conjuntos de comportamentos e ações pessoais ou coletivas. Estamos sujeitos a formas históricas de problematização que se apresentam como dilemas entre polaridades discursivas, vejamos o quadro abaixo:

### Quadro 3: Polaridades discursivas

Cristão	Material	Espiritual
Cartesiano	Corpo	Mente
Cristão e Freudiano	Exterioridade	Interioridade

Epistemológico e Freudiano	Objetividade	Subjetividade
Filosófico	Animal	Racional
Antropológico	Biológico	Cultural
Sociológico	Individual	Social/Coletivo
Ético-político	Eu	Os Outros

Não são poucas as injunções, tampouco o são as lutas da subjetividade, mas estes não são dilemas do sujeito, mas sim de uma cultura e de uma sociedade que polariza qualidades que se ancoram nos corpos dos sujeitos. Por tanto interfere a subjetivação das pessoas. Guattari (1992, p. 19) expõe o “conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como **território existencial** auto-referencial, em adjacências ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesmo subjetiva. (grifo do autor)

Hardt e Negri (2001) também demonstram o poder do império que é diferente do poder imperialista, que quer abarcar todas as identidades, sem opô-las para inclui-las e torná-las comercializáveis, servindo ao mercado. Agora o que importa são as multipolaridades na lógica do consumo. A exclusão deixa de ser importante para abrir-se à inclusão geral, tudo se torna incluído à medida que se submete à lógica mercadológica globalizada e inserida mundialmente.

Um campo vinculado histórico-culturalmente, desprotegido e discriminado patamar social. Nas palavras da autora [...] a lógica do império é aceitar a formação identitária do homem e da mulher, enquanto trabalhadores, daí porque o mercado encontra-se aberto a ambos os sexos em todas as profissões. Não por que isso possa significar um critério igualitário, mas porque é necessário que todos estejam inseridos, consumindo e sob controle.

Nas sociedades disciplinares, diversas são as estratégias utilizadas para controlar as individualidades, dentre as quais a disciplina. Nas sociedades disciplinares surgidas após a Idade Média aconteceram mudanças em todo sistema social. São as sociedades que passam a controlar o espaço, o tempo, as atividades e que acabam por formar individualidades.

Na definição de Machado (1979, p.17-18) “é uma técnica de distribuição dos indivíduos através da inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório.” Vinculando aos objetivos da sociedade capitalista que se caracteriza por ser disciplinar, fixando identidades e reduzindo o indivíduo a atividades e tarefas próprias de seu papel/dom que a partir da identificação destes deve aceitar seu papel na sociedade.

A disciplina ou poder disciplinar, não é um aparelho, ou instituição que na medida em que funciona como uma rede que as atravessa sem se limitar a suas fronteiras. Este tipo de poder que se expande por toda a sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas, investindo em instituições, tomando corpo em técnicas de dominação, podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder. (FOUCAULT, 1979)

Rabelo (2020) defende que esse poder disciplinar não se caracteriza por oprimir, mas por individualizar as pessoas através de classificações baseadas na exclusão de identidades “diferentes”. A autora afirma que o poder pretende que os sujeitos sejam úteis, e precisam estar milimetricamente controlados e adestrados para a produção na sociedade capitalista. E chama a atenção para a arte da existência que consiste não deixar-se levar por preceitos pré-estabelecidos, mas em um governo ou uma cultura de si que leve sempre ao bem-estar geral; da alma, do corpo, das relações sociais.

Foucault (1985, p. 49) exprime que “se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso ‘ter cuidados consigo’; é esse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática.” E essa prática de si é uma possibilidade de resistir e opor-se ao assujeitamento do poder.

Para além da construção de pressupostos teóricos e do fazer epistemológico com elaborações, observância ao texto, de como registrar os múltiplos lados da pesquisa e que fazer para torna-la uma pesquisa de impacto, de reflexões e fortalecimentos de conhecimentos úteis é necessário dialogar com esta diversidade religiosa presente na sociedade.

Fomentando o debate para formação de pessoas cidadãs atuantes e cientes de seu papel social cujos princípios também seja o respeito as diferenças que são amplas e fazem parte do conjunto da humanidade, em que o sonho do oprimido não seja ser opressor. Objetivando transformar esses atores em aliados de uma causa comum a construção de um novo modelo de sociedade livre de violências e mais igualitário.

Assim, buscamos fundamentar o objeto pesquisado a luz do materialismo histórico dialético com as contribuições do marxismo através dos teóricos Karl Marx e Gramsci e outros da corrente marxista como: Heleieth Iara Bongiovani *Saffioti*, para entender esses determinantes sociais, os jogos de interesses políticos partidários pouco ou nada populares e os movimentos separatistas, das quais os movimentos sociais populares têm muito a ensinar em suas frentes progressistas amplas não unicamente com tendências de esquerda, mas que responde aos interesses da classe trabalhadora.

Neste sentido, propõe-se a necessidade de constituir e participar de grupos sintonizados com este propósito, articulando a dimensão subjetiva, afetiva, identitária e

política e incorporação da cidadania enquanto aspecto fundamental para superação das violências e desenvolvimento pessoal e social, cidadania esta que lhes asseguram a percepção de si e do outro, fundamentada nos valores éticos, filosóficos e estéticos da diversidade cultural e humana.

### **CAPÍTULO III – ENTRE SOMBRAS E LUZES: UM OLHAR PARA A IGREJA CATÓLICA NO SERTÃO DA PARAÍBA**

Neste capítulo, analisamos as discriminações e preconceitos existentes no terreno da diversidade sexual e de gênero no interior das igrejas cristãs católicas que incidem na vida de jovens *gays* no sertão paraibano e a partir do levantamento bibliográfico apresentar como a presença do fundamentalismo religioso no convívio familiar e comunitário desses sujeitos, converge para a promoção e materialização de opressões de gênero e sexualidades não hegemônicas em tempos de neoconservadorismo e na sua construção histórica e cultural até o cenário paraibano contemporâneo.

Toda via, importa esclarecer desde o título, o que nos propomos pesquisar ao intitularmos entre sombras e luzes: um olhar para a igreja católica no Sertão da Paraíba, inicialmente pelo fato do que estabelecemos no objetivo primário e nos objetivos secundários para este estudo, que no seu decorrer sempre lembramos do compromisso em defender e alcançar o que foi explicitado e obedecer aos requisitos da pesquisa de teor bibliográfico.

E porque entre sombras e luzes? Emerge para nós explicitar de maneira enfática o que queremos adentrar e dizer, pois tudo o que remete a sombras é algo, escuro, invisível, que pode causar medo, pânico, incertezas e inseguranças, além do processo de enlutamento por terem suas sexualidades sepultadas.

Na cultura paraibana persistem ranços que foram construídos historicamente que ser doente é ser (*gay*), assim, não sendo apenas uma forma de expressão, mas carregando uma conotação muito grave embutida de preconceito e séria, na qual, o sujeito homossexual ao se perceber nessa forma de constituição cruel, para além da enculturação em questão, trata-se de brincadeiras (*bullying*) onde se repete: “fulano é doente” demonstrando desafeição as características físicas do sujeito.

Dessa maneira, enfatizamos que nos contextos interioranos trazem as sexualidades alheias em e para as rodas de conversas, torna-se um assunto de interesse de quase todos que

geralmente e quase sempre tem uma opinião na ponta da língua para expor seus pontos de vistas sobre tal.

Na maioria dos casos a fala é unânime e repetem sempre em uma só voz: “língua paga!” Atribuem a culpa dos pais ao “castigo” da homossexualidade do filho(a) ou filhos. Sempre dão um jeito de aferir suas concepções e generalizações fatalísticas. O assunto do momento é a orientação sexual de fulano, beltrano ou cicrano. São dias falando sobre o mesmo assunto, são meses falados na boca do povo nas ruas e assim a questão territorial converge para uma questão maior que parte do micro para o macro e para todo o território.

São olhares condenatórios não disfarçados, olham com desprezo. O chão, a rua, a calçada, o escuro, a sujeira, à noite, a galhofa, o não reconhecido, o desconhecimento, a bíblia em baixo do braço. Vivem cochichando, falam baixo, cabeça sempre baixa, desviam o olhar, não encaram, reparam maltrapilhos. O erro alheio causa divertimento, o furto, o roubo, a inocência, o esporte e o lazer, o skate, agentes do ódio, defendem o que não conhecem.

Nesse sentido, lembramos que isso é justamente o que vivem os homosacrossantos na realidade paraibana, por percorrem um caminho dentro dos desejos e preceitos da religião e as luzes se apresentam como as possíveis saídas, as suas aceitações e afirmação de suas sexualidades e gênero no contexto da comunidade de fé, vivida e celebrada.

Antes de chegamos ao chão da Paraíba enquanto território, precisamos contextualizar a enculturação da religião católica em questão, que trata-se do canal de interlocução entre a fé apostólica representada pela Santa Sé. Na Igreja no Brasil, observam-se diversas particularidades, especialmente na liturgia celebrada pelo povo, conferidos pelo Diretório da Liturgia e da Organização da Igreja no Brasil.<sup>53</sup>

A religiosidade popular é bastante aceita e significativa especialmente na região Nordeste, onde o povo na sua maioria os pobres<sup>54</sup> cultuam santos estabelecidos na tradição por terem tido uma vida de oração e testemunho e que após sua morte realizaram milagres de cura e assim, recebendo muitos devotos, como é o caso de Padre Cícero Romão Batista, Padre Ibiapina, Frei Damião, entre outros que também encontramos no sincretismo religioso, cujo tema de estudo é muito caro para a sociologia das religiões e conseqüentemente para as ciências das religiões que se debruçam por estudar com afinco sobre esta perspectiva de pensamento.

---

<sup>53</sup>Guia de Referência para as comunidades e paróquias, com dados sobre regionais, dioceses e tribunais eclesiásticos.

<sup>54</sup>Cuja expressão popular e significativa foi aderida a nível de América Latina (ex: CELAM, CEBs). Na atualidade vemos a decadência da opção preferencial pelos pobres, assumido em Puebla (1979) e outros Documentos das conferências nacionais do episcopado.

Na religiosidade popular também encontramos a Romaria (caminhada, penitência, misericórdia) sendo mais uma possibilidade de sustentar suas convicções especialmente quando se referem ao real, ao imaginário e ao simbólico e, portanto, de maneira orgânica promovem a construção de um canal de interlocução entre suas crenças.

Neste contexto, a religião ganha maior adesão das pessoas de forma histórica, e com isso também impregnam nos fies seus dogmas e sua doutrina que de forma natural lhes impõe restrições e proibições das quais iremos tratar do caso da homossexualidade no chão da igreja paraibana, mais especificamente nos oásis do sertão.

Bastantes são os problemas e dificuldades enfrentadas pelos LGBTQIAPN+ no Sertão, onde são conduzidos a galgar processos de superação e enfrentamento do preconceito. Vemos abertamente falas e posicionamentos que reforçam a homofobia nessas localidades das cidades interioranas, onde a falta ou excesso de informação desencontrada se encaixa como regra geral descartando a hipótese de “cada caso é um caso”, ou seja, como se existisse um prognóstico único para todos nessa diversidade de subjetividades, e outros por ocuparem algum *status* social importante escondem sua condição sexual da família e sociedade contribuindo para uma relativa aceitação destes.

É importante evidenciar o contexto social o território em evidência, retratado no Sertão do Estado da Paraíba com predomínio de relações sociais de gêneros heterossexista, conservadoras, machistas, patriarcais e LGBTQfóbicas, marcas específicas de contextos interioranos que nas palavras de Salvador e Franco (2020, p.10) afirmam que: o passado “coronelista” deixou marcas na cidade, ainda fortemente marcadas.

Os autores destacam que “em cidades pequenas e mais conservadoras, os relacionamentos entre pessoas do mesmo gênero tendem a ser mais efêmero e clandestinos, dada a vigilância e interdição mais constantes nessas localidades” (SALVADOR; FRANCO, 2020, p.12). A seguir apresentaremos de forma específica a realidade sertaneja paraibana.

### 3.1 Os muros das lamentações se firmam na história: os casos de violações de direitos pela homofobia institucional no Sertão Paraibano

A carta aos bispos sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais da Congregação para a Doutrina da Fé datada de 1976, afirma que nenhum ser humano é mero homossexual ou heterossexual, mas é, acima de tudo, criatura de Deus e destinatário de sua graça, que o torna filho seu e herdeiro da vida eterna. (n. 16)

Importa destacar que a presença e participação de pessoas homossexuais no seguimento a Cristo na comunidade de fé é uma das necessidades pastorais que a igreja romana contemporânea necessita voltar o seu olhar e atenção com vista ao acolhimento e reconhecimento destes, mesmo que exista um posicionamento católico que impede ou limita essa relação, mas que não deve se restringir apenas a luz da tradição, mas encontrar suporte na razão das ciências humanas.

No número dez (n. 10) do mesmo documento lemos que “Toda violência física ou verbal contra pessoas homossexuais é deplorável, merecendo a condenação dos pastores da Igreja onde quer que se verifique.” Assim, ancorados por esse fragmento entendemos que este apelo se estende para toda a Igreja no mundo inteiro, ou seja, é uma observação validada para todos os contextos em toda a Igreja no Brasil, bem como, no Estado da Paraíba.

O que se percebe é que a Igreja tem sido cautelosa em abordar determinados temas complexos, e por ter mantido prudência ou desconhecimento não tem aprofundado questões que merecem maior destaque, ou que tem silenciado frente a assuntos das quais a homossexualidade das quais a Igreja no Brasil tem falado muito pouco em termos de publicações referentes e conseqüentemente a Igreja Católica paraibana não publicou documentos ou proferiu orientações gerais voltadas a esse segmento especificamente.

Entendemos que o fator desconhecimento não justifica, e isso pode significar omissão ou negligência visto que, existiram outros temas que a Igreja não tinha conhecimento que envolviam uma análise detalhada, mas procurou entender para lançar diretrizes para a ação evangelizadora como por exemplo, temáticas afetas a conjuntura política e social do país em busca de uma igreja em saída nas palavras do Papa Francisco em suas periferias existenciais.

Em relação aos católicos homosacrossantos paraibanos, suas famílias ou núcleos familiares, e a própria Igreja carece de uma orientação para os auxiliar na missão e evangelização, frente aos seus apelos e anseios. Apesar da igreja historicamente ter acovardado-se frente ao tema, mas que timidamente tenta resgata-lo na contemporaneidade, pois importa lembrar que diálogo é diferente de conversa, e o que se percebe é que muito se conversou, mas pouco se dialogou efetivamente.

É notável que existe um esforço por parte de leigos e ministros ordenados que buscam ajudar a Igreja a dialogar com essas necessidades atuais que são históricas perceptíveis por qualquer pessoa que tenha vivência pastoral e eclesial com o público católico homossexual e que estão atentos aos casos de violências, homicídios, suicídios, afastamentos devido a incompreensões mútuas entre a Igreja e os próprios homosacrossantos.

No território paraibano encontramos especificidades em torno das homossexualidades em geral e das homosacralidades no âmbito religioso, pois com o predomínio do conservadorismo histórico que se faz presente até os dias atuais, o que se observa de forma nítida é que se tratando dessa categoria e outras variáveis sociais de gênero o pouco ou o não acolhimento foi fundamental para se estabelecer uma marginalização desse segmento na religião católica, fazendo com que evadissem em fuga aos preconceitos e por não se sentirem parte integrante da comunidade de fé vivenciada e professada.

Os fatores preponderantes que se apresentam são: exclusão dos espaços coletivos de articulação pastoral, missionária e catequética, constante invisibilização de expressões que se configuram como sexualidades não-normativas-binárias especialmente no ato litúrgico das celebrações da palavra e eucarísticas que são as missas comuns ou com ritos próprios de solenidades e festas litúrgicas, e outras como novenas, tríduos, trezenas, vigílias, vias-sacras, ordenações diaconais, presbiterais e episcopais.

Tudo isso concretizado e referendado por acusações infundadas de forma aberta, individual ou velada sem que se diga com clareza e os momentos das homilias e conversas informais podem ser utilizados para este fator último a depender das circunstâncias. Ao contrário do que Papa Francisco lembra em seu pontificado na atualidade, o ponto de partida do ensinamento cristão deve ser o evangelho (boa notícia), cuja prioridade da pregação deve ser curar todo tipo de ferida e “o anúncio do amor salvífico de Deus precede a obrigação moral e religiosa. Hoje, por vezes, parece que prevalece a ordem inversa.”

Apesar da intenção da Igreja ou pelo menos parte dela, motivar as pessoas católicas para a boa vivência da ética cristã em todas as suas dimensões da vida que também envolve a dimensão da sexualidade humana, mas sobre esta ainda precisa avançar em termos de uma verdadeira compreensão e não apenas de forma generalista e que muitas vezes se dá mais ênfase em culpabilização e condenações com penas eclesíásticas impondo o medo da penitência visto que esta é o sacramento da reconciliação e sua função não é a punição.

Na realidade paraibana (quase nada) se partilha a respeito de experiências de trabalhos e atividades pastorais com crianças, adolescentes e jovens homossexuais no convívio sociofamiliar especialmente como suporte para famílias, pais e responsáveis, e ainda muito pouco se testemunha sobre os processos de superação da autorrejeição destes, bem como, a própria rejeição religiosa no contexto da Igreja no Estado da Paraíba.

Sendo assim, importa reconhecer e chamar atenção para a existência mesmo que tímida, de expressões e movimentos religiosos locais voltadas para o acolhimento por parte da religião católica com uma orientação (equilibrada) que promovem a interação e a integração a

exemplo da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), ocorrida no Brasil no ano de 2023 na cidade do Rio de Janeiro, que mobilizou milhares de jovens com eventos em sua preparação que englobou a juventude brasileira e paraibana católica e também envolveu diversos jovens homossexuais católicos paraibanos no contexto das quatro dioceses que compreende a Diocese de Campina Grande, Guarabira, Patos e Cajazeiras e da Arquidiocese da Paraíba com sede em João Pessoa.

Este grande evento que agregou as expressões jovens de todo o mundo com a presença do Papa Francisco, também foi um momento importante para a Igreja voltar o seu olhar para as questões centrais que perpassam os cotidianos juvenis, mas mesmo assim, as relações sociais de gênero ficaram a margem deste encontro, cuja repercussão se deu a *posteriori* após seu término pois ficou em evidência que as temáticas da sexualidade, as identidades afetivas e homoafetivas estão inteiramente ligadas e relacionadas à religiosidade, visto que estas categorias antes não se discutia no interior da Igreja no Brasil que se sentiu provocada a abordar com profundidade.

Apesar de reconhecemos a existência do empenho e do protagonismo juvenil que luta e reivindica espaços estratégicos de fala fora de uma perspectiva moralizadora, a começar pelo próprio uso dos conceitos e terminologias inapropriadas entre as quais o uso errôneo do superado termo “homossexualismo” que já foi abolido desde o momento da retirada da homossexualidade do Manual de Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais (DSM) entre outras normativas. Sobre isso, importa reconhecer inteiramente o conceito adotado que está inserido no contexto atual da diversidade sexual.

Outra realidade que é possível observar no âmbito da Igreja Católica brasileira, como também paraibana é a relação dos jovens que se apresentam bastante confusos quanto as suas sexualidades e mais ainda referente às descobertas de suas homossexualidades, fatores estes que são empecilhos para a vida pessoal e comunitária de quando não são aceitos na comunidade de fé e na sociedade.

Assim, apresentam-se com a autoestima muito baixa, depressão e outros quadros clínicos de doenças psicológicas e neurológicas, também costumam falar na intenção de suicídio, pois como relata Modesto (2014, p. 5) “pois neles também foi internalizada a noção de que deveriam sentir-se atraídos pelo gênero contrário ao deles, e isso não acontece.”

Com o passar dos anos, setores mais progressistas da Igreja Católica no Brasil, especialmente os teólogos e leigos aptos ou vinculados a corrente da Teologia da Libertação fizeram surgir uma proposta de uma possível tentativa de conciliação da homossexualidade a religiosidade cristã e por assumir esse desafio, lembrou-se que os homossexuais também

fazem parte do povo de Deus e estão nesta estrada a caminho do Reino do Pai Celestial, e estão em busca de uma Igreja em saída, justa e fraterna que acolhe e integra.

A percepção da homossexualidade ainda é vista como uma “opção” pelos grupos religiosos conservadores, embora a ciência no mundo inteiro tenha atestado que não se trata de uma escolha do indivíduo, mas insistem em afirmar que os dados não são seguros e a todo instante questionam a lógica contrária, que é justamente uma condição intrínseca do sujeito e assim sendo, trata-se de uma orientação própria em que o homossexual se reconhece como sua sexualidade e seu gênero.

Não se pode atrelar a questão da atração afetiva e sexual a esta relação citada acima, da mera escolha individual, pois se assim fosse, grande maioria dos *gays* optariam por não serem *gays* onde podemos afirmar e comprovar, haja vista o histórico de intolerância, violência e discriminação contra os homossexuais no Brasil e no mundo e assim nos perguntamos: quem escolheria sofrer, adoecer e morrer em razão da sua orientação sexual? E os homossexuais de famílias religiosas conservadoras e tidas como tradicionais porque escolheriam serem perseguidos por algo condenado por sua religião?

Sobre essas questões a resposta é óbvia, mas merece destaque, pois estudiosos e pesquisadores com muitos anos de estudos concluíram que é impossível ser uma questão de opção. E até mesmo por existirem pesquisas científicas no âmbito acadêmico e de organizações da sociedade civil organizada dentre os quais as Organizações Não Governamentais (ONGs) que tratam e se dedicam em um constante esforço em aproximar a distante realidade de homossexuais ao centro do debate.

Os *gays* já começam a serem violentados a partir do momento em que têm suas sexualidades questionadas pela maioria das pessoas que são heterossexuais, pois vislumbra-se uma afronta direta e ilegítima que subjuga o homossexual a imagética heterossexual, cis e binária, pois o preconceito se estabelece a partir do momento que se impõe suas interpretações e conclusões com juízos de valor, e imaginam o que possa ser a homossexualidade sem ter o mínimo de conhecimento sobre o assunto.

Frente às estes casos, organizações do terceiro setor como as Organizações Não Governamentais (ONGs) que lutam pelos Direitos Humanos LGBTQIAPN+ tem manifestado sua preocupação e indignação através da elaboração de moções de repúdio, notas e manifestos junto aos movimentos sociais populares reiterando seu apelo e posicionamento contrário aos ataques ilegítimos e inconstitucionais contra a camada homossexual, pois fere com o princípio da dignidade humana, portanto, atrela-se a isto a necessidade de defender o Estado Laico e Democrático de Direito para todos.

O que se percebe é que muitos homossexuais passam anos de suas vidas sendo fiscalizados pelos fiscais da fé como disse o Papa Francisco, se ajoelhando, se privando e se penitenciando na igreja, por ouvirem nas homilias (sermões proferidos pelos ministros ordenados após a proclamação do evangelho do dia na liturgia da palavra), participando das atividades pastorais e programações semanais das paróquias que apenas faz emergir um misto de sentimentos negativos como fracasso, derrota, frustração, incapacidade tristeza e atingir ao grau elevado de hipocrisia e puritanismo.

Ao permanecerem dentro da igreja, buscam por proteção não apenas a divina, mas acreditam estarem seguros dentro das paredes do templo, mas sentem um vazio e uma vergonha indescritível, mesmo sendo lembrado que Deus é amor, e que ama a todos sem distinção. Mas sentem-se sozinhos, sem apoio de amigos e familiares por não poderem conversar sobre o assunto e continuam a se acharem diferentes pelo fator da sexualidade.

Estes também escondem suas homossexualidades dos pais e familiares por conta do medo do que pode acontecer e de também querer evitar o sofrimento ao descobrirem que têm um filho(a) homossexual, e assim quando acontecem alguns ainda ficam surpresos e outros não mais surpresos mais desolados. A princípio sentem-se culpados e desesperados e por muitas vezes não saberem lidar com a situação abandonam e os jovens enfrentam grande dificuldade de aceitação e autoaceitação frente a uma rejeição constante diante do afastamento e outros problemas psicoemocionais e conflitos multifatoriais.

E forma-se um infeliz paradoxo nas palavras de Modesto (2014), pois os filhos têm o direito de viverem suas sexualidades e precisam da ajuda da família, mas os pais vêem seus sonhos desmoronar por terem acreditado que teriam filhos heterossexuais que cresceriam e constituiriam suas famílias.

A proposta da homossexualidade em conciliação com a religião é sempre ecumênica, muitas vezes tratada como um tema transversal de diálogo inter-religioso. Mesmo que a Igreja Santa Católica Apostólica Romana não queira refazer sua conduta doutrinária, ou ao menos se abrir um pouco mais para as tendências comportamentais contemporâneas, como por exemplo, na própria reforma da liturgia com o Concílio Ecumênico Vaticano II (*Sacrosanctum Concilium*)<sup>55</sup>, onde abriu-se ao povo em celebrações não mais na forma tridentina em *Latim* língua vernácula original.

Mas frente a isto, que buscase se manter responsável ou corresponsável socialmente com menos fundamentalismos e clericalismos (e que fosse responsabilizada por seus atos

---

<sup>55</sup>Constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia.

nocivos) e que buscasse aconselhar pais, mães e familiares de homossexuais para a superação de dificuldades e não para a promoção do rompimento de vínculos, visto que, o que converge para o desmembramento familiar é o ódio propagado e fomentado muitas vezes pela própria igreja.

Outra questão inaceitável é o argumento imaturo e superficial dos católicos praticantes que afirmam diuturnamente que sob os espelhos da moral católica a homossexualidade ainda é um tema muito difícil de estabelecer um debate, visto que nos bastidores muito se fala sobre o assunto, o que é difícil é mantê-lo de maneira explícita, ou seja, as sexualidades dos homossexuais é um assunto que chama atenção de todos, mas prefere-se falar baixo para acolher e elevar a voz para ofender, mesmo que se diga de boca cheia que o maior ensinamento de Jesus Cristo foi amar o próximo.

E assim, ressalta-se, que ele não disse que para amar o próximo ele precisa ser perfeito, pois como está contido no evangelho de Mateus 5:48 perfeito é o pai que está no céu. Parece que os cristãos têm se esquecido do mandamento amar o próximo como a ti mesmo. Mateus 22:39. A igreja dedica muita atenção em acusar os que muitas vezes são pessoas feridas, amarguradas sem aconselhamento para confortar e aliviar o sofrimento. Sobre isso, temos muito o que questionar e rebater se necessário for, pois como afirma Modesto (2014, p. 8) “Jesus não escolheu para amar somente aqueles que estavam de acordo com as leis consideradas divinas.”

Todas as vezes que as pautas de gênero avançam no conjunto da sociedade a igreja se sente atacada, e usa seus meios para protestar e divergir, quando os movimentos sociais que lutam pela igualdade de gênero em todas as suas formas reivindicam espaços de direitos na sociedade são criticados e atacados sobremaneira. E fica a pergunta até quando será estabelecido esta relação de poder?

O catecismo em seu artigo 2.358, pede “respeito, compaixão e delicadeza” frente a isto, encontros esporádicos são promovidos com professores de Teologia Moral das próprias Pontifícias Universidades Católicas (PUCs), para explicar que a igreja é compreensiva para com os homossexuais e alguns afirmam que combater o preconceito e a violência contra estes não pode deixar de acontecer, e que o homossexual pode e deve ser aceito e acolhido em suas famílias especialmente nos espaços da igreja.

Mas estes mesmos teólogos morais, continuam alertando os católicos homossexuais que para seguir os ensinamentos da santa igreja, precisam abdicar dos atos sexuais cuja prática é condenada pela igreja e por assim dizer não é a pessoa homossexual, mas seus atos praticados, neste sentido, contradizem-se, pois, como desvincular o que é um processo natural

do ser humano o interesse pelo sexo e praticá-lo e nos perguntamos uma pessoa dentre os quais os jovens consegue abdicar de sua sexualidade? Ou seja, essa lógica se resume apenas ao processo sexual e esquece da parte afetiva.

Importa considerar que o ser humano tem sua vida marcada pela evolução e progressão social, espiritual e psicológica atreladas as suas sexualidades, ou seja, não se pode desconsidera-las como um fator preponderante que condiciona o sentido espiritualizante e assim, mais do que se imagina é difícil de dissociá-la deste contexto cujas práticas remetem ao ato sexual natural, por ter desejo em seu corpo sexuado, para tanto, a sexualidade abrange o todo do humano.

O papa Bento XVI em sua primeira encíclica *Deus Caritas est* (Deus é amor)<sup>56</sup> explorou a categoria sexualidade ao afirmar que o ser humano em consequência não pode ser concebido sem ela, sem o *eros*, que implica o corpo, a *philia*, a dimensão da amizade, e o *ágape*, a relação afetiva que abre o ser humano para uma relação transcendente.

É impensável um ser humano criança, adolescente, jovem, adulto ou pessoa idosa, desvinculada de sexualidade, o ato sexual que pode iniciar desde a adolescência concentra-se em aprender, a saber, o que se trata e começar a experimentar o prazer que propicia e saber lidar com eles.

Para a igreja isso pode representar uma dificuldade, pois poderá dar margem ao que tanto acusa de sexo desregrado, sem compromisso um dos assuntos mais explorados na sociedade atual que se tornou objeto de intensa vigilância pelos representantes ordenados da igreja, ou seja, observa-se a existência de um grande impasse para a vivência humana que busca na religião respostas para tais circunstâncias hodiernas da privacidade e intimidade pessoal.

Nesta atmosfera de natureza doutrinária, entendemos que a religião pode ser e se tornar causa de grande sofrimento para os filhos homossexuais, do ponto de vista do seu desenvolvimento integral de sua subjetividade, personalidade e caráter, bem como do equilíbrio psicoemocional. Assim, qualquer expressão e movimento de acolhimento é fundamental neste processo de ajuda mútua, integração destes e seus familiares nas comunidades religiosas católicas no Brasil e no Estado da Paraíba.

Nesta dimensão, a escola sejam instituições públicas ou religiosas de ensino pode ser grande aliada para o desenvolvimento de atividades e um forte trabalho social com alunos, famílias, professores e profissionais de educação, para aprenderem a lidar com os processos

---

<sup>56</sup>Publicada em dezembro de 2005.

de negação das sexualidades não-normativas que culmina com preconceitos, exclusão e *bullying* que promove evasão escolar e distorção idade-série. Por isso, capacitações são importantes principalmente para os jovens que vêem suas sexualidades como problema.

Nem sempre os religiosos dão exemplo e testemunho de fraternidade e solidariedade cristã, onde nos perguntamos o presbitério e o episcopado católico como também leigo estão preparados para aconselhar, ou falam de suas experiências próprias de vida? Sobre isso, uma premissa se estabelece como a igreja pode ensinar sobre um assunto que desconhece ou não conhece com profundidade? E usam as redes sociais e plataformas digitais para publicar e propagar ódio e mentiras, pois o que se observa é que a igreja é mais ante a homossexualidade do que pró-homossexualidade é nítido e notório em todo território paraibano.

Disto são conscientes, pois as indicações pastorais direcionadas a toda a comunidade católica de fé afirma esta prerrogativa. Mas o que se indica de fato na atualidade? Embora a igreja exponha seu pensamento ético e moral sobre a homossexualidade a complexidade do tema coloca a religião em uma situação delicada pois sozinha não dá conta de responder aos clérigos e leigos é preciso buscar amparo nas ciências humanas e sociais.

É preciso dizer que ainda estão caminhando para uma compreensão diante do desconhecimento generalizado e superficial. Pois muitas vezes as experiências pessoas trazias à tona com o propósito de se ter como exemplo não contempla com a real situação apresentada. Mesmo sabendo que muitos padres em sua grande maioria tiveram em algum momento contato com situações que os colocaram a refletir sobre isso, ou seja, boa parte do clero brasileiro e paraibano mostra cotidianamente que há um desconhecimento sobre o que a igreja tem dito e repetido sobre a ética sexual em geral, sobre tudo a homossexualidade.

Nas palavras de Valle (2014) o que se escuta são generalizações imprecisas de quem é a favor e contra que dão margem ao entendimento que muitos integrantes da igreja continuam a considerar a homossexualidade como uma anomalia (desvio patológico) ou que ofende a lei natural (enquanto um pecado necessariamente grave).

O que corresponde aos fatos é que sabemos que a igreja caminha para uma compreensão teológica e pastoral e não para uma nova compreensão pois nunca antes teve o cuidado e a preocupação com a situação dos homossexuais cristãos católicos. Apesar da pequena abertura eclesiológica, ainda assim não é uma novidade, pois acenam constantemente para a questão da *parúsia* que compreende a segunda vinda de Jesus à terra e irá salvar apenas os puros de coração que buscaram seguir nos caminhos do Senhor seu *sumo* e eterno Deus.

Alguns teólogos católicos como Edênio Valle (2014) acreditam que um exemplo significativo da abertura da igreja sobre isto é justamente a declaração feita e sintetizada pela

Congregação para a Doutrina da Fé já mencionada, que a cúria romana de forma destemida mas ainda com endurecimento doutrinário e disciplinar, que em linha gerais só reforça o que dizemos ao contrário, ou seja, se contrapõe ao que os estudos de gênero atuais tem colocado estando a frente quando não se pode resumir a pessoa humana apenas ao sexo binário.

No caso da homossexualidade de forma secular, a igreja no mundo inteiro é constantemente desafiada a enfrentar os escândalos que envolvem também seus presbíteros, de quando são acusados de abusos e “destemperos comportamentais sexuais” e até mesmo de pedofilia, fato este, que a igreja da Paraíba também assistiu eclodir na cena pública no passado recente que envolveram padres do clero arquidiocesano, que ganhou maior notoriedade a partir da imprensa local e nacional por ter vinculado matéria a respeito dos casos e dos tramites legais.

Esses episódios representaram dolorosos escândalos no seio do clero, que a partir de então fez surgir de forma escancarada o que transcorreu de maneira sigilosa e em segredo de justiça, os clérigos envolvidos foram afastados das funções e outras medidas pastorais e disciplinares foram tomadas. Ao recordarmos esse acontecimento cabe abrir um parêntese para destacar a chaga aberta e a dificuldade de solucionar um problema histórico que tornou-se um impasse pastoral em que a igreja se debate.

Sobre essa realidade complexa, mas tão fundamental de discussão e para uma análise detalhada, precisamos resgatar e conferir atenção para alguns documentos que a igreja oferece em torno do tema, quais sejam: a citada Declaração de 1979 que trata a espécie humana como um ser libidinal congênito em sua composição e sua capacidade de reciprocidade (de ser-com) como também na relação (eu-tu)

Para o que a igreja chama de no documento de homofilias reconhece que não podem ser definidas apenas sob um único ponto de vista (teológico-doutrinal), mas também, sob o olhar histórico e ético-cultural. O que se estabeleceu como influência para o avanço dos estudos da homossexualidade a partir do avanço das ciências modernas da qual o aporte destas para a igreja e para a sociedade é fundamental sob essa ótica o texto deixa claro que a teologia e a ética cristã não podem desprezar às descobertas científicas.

Em termos de acolhimento da temática nos documentos da igreja, que representa um passo significativo, é justamente a busca também pelas evidências científicas, não se limitando apenas a Escritura e a Tradição, tendo em vista esta propositura de aceitação de outros primas de investigação a igreja tem encontrado caminhos que tem levado as respostas para os desafios existentes sem negligenciar ou abandonar o papel que lhe cabe

essencialmente no exercício de sua missão evangelizadora no contexto do mundo contemporâneo.

Temos acompanhado e observado que a condução do Papa Francisco em uma perspectiva aberta ao diálogo com diferentes gerações tem possibilitado voltar-se a sua proposta de um olhar atento aos excluídos e marginalizados da sociedade e esses determinantes mencionados poderá ter uma relação direta ao seu papado, onde muitos de seus pronunciamentos e posicionamentos têm demonstrado desafeição aos próprios moralistas católicos de clara fama, sejam autoridades eclesiásticas ou ligadas a setores mais conservadores.

Importa para nós observar que o Papa Francisco desde o início de seu pontificado aponta para manter um diálogo com a modernidade mesmo ela crise como afirmam alguns teóricos, mas existem dificuldades que na maioria das vezes são subestimadas. “Uma delas reside no fato de o magistério eclesiástico continuar mantendo uma visão e um referencial unilateralmente patriarcais.” (VALLE, 2014, p. 12)

Nessa esteira, estão teólogos, pastoralistas e psicanalistas que tem se debruçado sobre a temática da homossexualidade sem se limitar e ater-se unicamente ao mérito teológico e doutrinário das argumentações como; Marc Oraison (1976), Jaime Snoek (1981), Eduardo López Azpitarte (1997), Marciano Vidal (1985), Benjamin Forcano (1996), Antônio Moser (2001), Donald B. Cozzens (2001), Bernardino Leers e José Trasferetti (2002) e Edênio Valle (2011), dentre outros.

O que se observa é que muitos membros dos presbitérios e episcopados na posição de defensores da igreja tem defendido que a mesma tem se mantido coerente com os seus ensinamentos tradicionais, argumento este que está inserido estritamente dentro da lógica doutrinária e bíblico-teológico, mas ao trazer para a realidade pastoral a situação pode ser mais complexa, no tocante ao acolhimento e acompanhamento de homossexuais, onde tem se tem vislumbrado de forma efetiva uma atitude de maior compreensão para com estes.

Para Valle (2014, p. 11) a transição processual das posições da Igreja está longe de ter chegado a resultados conclusivos. Conforme o autor existe uma vontade de entender e dialogar. “Ao lado dessas inegáveis aberturas, aparecem, porém, resistências e fechamentos. Há grupos fundamentalistas de tendência quase diametralmente oposta, e nesse embate cabe à Igreja preservar dons e valores preciosos.”

Na realidade sociocultural contemporânea, torna-se primordial para o magistério da igreja discutir sobre sexualidade e não apenas padrões de comportamento sexual assim como vem a séculos tentando enquadrar a todos por ser contra as outras “naturezas criadas” como

sexualidades alternativas. Visto que as “minorias” das quais a categoria homossexual se enquadrou ao longo dos anos não se aglutinam em guetos, mas se articulam na coletividade.

Nesse sentido, não precisam do aval da igreja para se manifestar e se expressar na sociedade. Na qual, o movimento LGBTQIAPN+ se apresenta como legítimo representante de da luta libertária em defesa dos direitos proclamados elementares em sociedades democráticas, seguindo uma tendência mundial na aprovação de leis que legitimam esses direitos dos cidadãos(as) homossexuais, bissexuais, transexuais e outros.

A Igreja (a grande comunidade de fé) e os pastores (os que são postos à frente do povo de Deus) podem estarem buscando compreender a cultura identitária homossexual nas palavras de Castells (1983), mas veem-se presos a amarras que os impedem de lidar, de forma mais destemida e desimpedida com a velha mentalidade existente frente a lógica secularizada e permissiva.

Os textos emanados da Santa Sé, bem como, pronunciamentos dos seus representantes buscam indicar caminhos e normas eclesiais como alternativas para o acompanhamento pastoral, no sentido de repensar atitudes e posições que fere a dignidade da pessoa humana, das quais, as normas tradicionalmente tidas como inquestionáveis que corroboram preconceitos e relações de dominação e submissão e desconfiguram as relações sociais de gênero.

No âmbito da teologia da sexualidade esta não pode estabelecer uma relação *vis a vis* entre homossexuais e heterossexuais dadas as suas especificidades, mas o que se percebe é mais uma tentativa de silenciamento e esvaziamento das sexualidades não heteronormativasem detrimento dos valores essenciais da fé cristã, visto que se não houvesse também um movimento dos féis leigos entorno da denúncia dos abusos por parte da Igreja esta jamais teria buscado abrir-se ao diálogo e a mudanças de sua rigidez doutrinária.

Soma-se a isto, o importante movimento social-político-cultural que luta pelo direito da plena cidadania em sociedades laicas e democráticas. Também vale destaque para a questão das igrejas inclusivas, pois estão reproduzindo o padrão heteronormativo de casamento, de família, da ideia de opressão e assim alguns padrões são reproduzidos, ainda que tente sair dessa lógica, das quais existem estudos que apontam a desconstrução desse romantismo que foi instaurado em torno destas.

Vale lembrar da existência das igrejas inclusivas pelo fato da não aceitação das igrejas tradicionais cristãs, e aqui chamamos atenção para as regras impostas pela igreja católica que excluem todo um conjunto de homossexualidades crescidas e amadurecidas no seu interior e

no seio religioso católico e por isso muitos ao preferirem continuar nesta tradição são silenciados e impedidos de participar ativamente da comunhão da comunidade fé.

Importa ainda dizer que a proposta de inclusão das igrejas inclusivas não é uma solução, mas uma possibilidade de manter a fé e a religiosidade, e uma fuga para os problemas enfrentados no ambiente católico. O problema maior não é a religião ou a igreja católica é o próprio sistema societário machista e sexista.

Neste estado da questão, oficialmente e documentadamente, nas palavras de Lima (2014) o acolhimento pastoral de homossexuais recomendado pelo Papa Francisco, encontra apoio na leitura crítica da Bíblia, na evolução histórica, nas conclusões das ciências, no ensinamento da igreja e em iniciativas regionais promovidas pelos bispos para viabilizar e fomentar esse acolhimento, entre outras produções bibliográficas que envolvem este tema de estudo.

Lima (2014) coloca que a Igreja Católica vive um tempo de renovação a partir do chamado do Papa Francisco de ir ao encontro do outro nas periferias existenciais, dos que sofrem com as diversas formas de injustiças, conflitos e carências. O próprio Papa critica uma igreja “ensimesmada” entrincheirada em estruturas caducas incapazes de acolhimento e fechada aos novos caminhos que Deus apresenta.

Frente a isto nos perguntamos: Qual o retrato da igreja na atualidade? Uma igreja aberta e sensível aos apelos dos marginalizados? Ou uma igreja que fecha em si mesma? Ou está atenta aos sinais dos tempos? De que é preciso dar visibilidade as camadas historicamente excluídas entre as quais os guetos homossexuais que se esconderam e por não encontrarem espaço ainda permanecem presos em decorrência da aversão e homofobia encontrada dentro da própria igreja.

Por entender que é de fundamental importância combater todas as formas de preconceitos e hostilidades na sociedade, precisamos requerer da igreja efetivamente um posicionamento que não fira a integridade dos homossexuais homosacrossantos em todos os contextos territoriais na Paraíba, no Brasil e no mundo, pois muitos *gays* foram levadas a estes ambientes desde a infância e criadas dentro dos referenciais cristãos católicos até descobrirem suas orientações sexuais que pode também ter sido dentro da igreja.

Os homosacrossantos participam ativamente de sua comunidade, mas com o tempo de afastam por se depararem com as incompreensões frente as suas homossexualidades ligeiramente externadas em estereótipos, essa realidade é comum em toda igreja católica mundial.

É preciso nas palavras de Lima (2014) que os fieis e ministros religiosos sejam e estejam sensíveis aos seus talentos e potencialidades e não os trate como seres feridos e doentes considerando o repertório histórico das patogêneses e seus agentes infecciosos na procura pela cura e tratamento (*vide* bula) da lei medicamentosa da fé com unção dos enfermos antes da páscoa definitiva.

No tocante a Nunciatura Apostólica na esfera da evangelização foi proposto desde o Concílio Vaticano II (1962-1965) a preparação da palavra de Deus<sup>57</sup> de maneira adaptada à realidade de todos os povos, havendo um intercâmbio permanente entre igreja e as diversidade de culturas contemporâneas das quais a fé católica precisa dialogar com outros saberes legítimos existentes.

Os fiéis precisam saber ouvir e interpretar as várias linguagens ou sinais do nosso tempo, para avaliá-los adequadamente à luz da Palavra de Deus, de modo que a Revelação divina seja bem compreendida e apresentada de modo conveniente (*Gaudium et Spes*, n. 44). Lima (2014, p. 30) acrescenta que “só se pode saber o que a Palavra de Deus significa hoje, e que implicações ela tem, com suficiente conhecimento da realidade atual, que inclui a visibilização da população LGBT e o reconhecimento dos seus direitos humanos.”

Mas é preciso voltar ao passado e se perguntar: quando foi que os cristãos começaram a se preocupar com o sexo? E começou-se a abominar a homossexualidade? Lima (2014) explica que

No judaísmo antigo, acreditava-se que o homem e a mulher foram criados um para o outro, para se unirem e procriarem. Supõe-se uma heterossexualidade universal, expressa no imperativo “crescei e multiplicai-vos” (Gn 1,28). Isso foi escrito no tempo do exílio judaico na Babilônia. Para o povo expulso de sua terra e submetido a uma potência estrangeira, crescer era fundamental para a sobrevivência da nação e da religião. Não se nega o desígnio divino de que a humanidade se espalhe pela terra, mas a necessidade de sobrevivência do povo judeu naquele tempo era urgente. O sêmen do homem, supostamente, continha o ser humano inteiro e deveria ser colocado no ventre da mulher assim como a semente é depositada na terra. Não se conhecia o óvulo. O próprio nome sêmen está ligado a semente. Ele jamais deveria ser desperdiçado, como mostra a história de Onã. Este praticou coito interrompido e ejaculou fora da vagina da esposa. Por isso, Onã foi fulminado por Deus por causa dessa transgressão (Gn 38,1-10). É nesse contexto que a relação sexual entre dois homens era considerada uma

---

<sup>57</sup> Lima (2014, p. 30) atesta que para se tratar corretamente da homossexualidade na Bíblia, convém ir além da leitura ao pé da letra. A Revelação divina testemunhada nesse livro é proposta e expressa de modos diversos. Segundo o concílio, o leitor deve buscar o sentido que os autores sagrados, em determinadas circunstâncias, segundo as condições do seu tempo e da sua cultura, pretenderam exprimir, servindo-se dos gêneros literários então usados. Devem-se levar em conta as maneiras próprias de sentir, dizer ou narrar em uso no tempo deles, como também os modos que se empregavam frequentemente nas relações entre as pessoas daquela época (*Dei Verbum*, n. 12).

abominação. Israel devia se distinguir das outras nações de várias maneiras, com seu culto, sua lei e seus costumes, segundo o código de santidade do livro do Levítico. Aí se inclui a proibição do homoerotismo, considerado abominação (Lv 18,22). Proíbe-se também, e com rigor: trabalhar no sábado, comer carne de porco ou frutos do mar, aparar o cabelo e a barba, tocar em mulher menstruada durante sete dias, usar roupa tecida com duas espécies de fio, semear no campo duas espécies de semente e acasalar animais de espécies diferentes. Quando o cristianismo, nascido em Israel, expandiu-se entre os povos não judeus, a santidade do Levítico não se tornou norma para esses povos, mas a proibição do homoerotismo sim. (LIMA, 2014. p. 31)

O autor ainda coloca que

A essa proibição se somou a história de Sodoma e Gomorra, cujo pecado clamou aos céus e resultou no castigo divino destruidor (Gn 19). Esse pecado foi recusar hospitalidade aos homens abrigados na casa do patriarca Ló, a ponto de tentarem estuprá-los. Com frequência, o estupro era uma forma de humilhação imposta por exércitos vencedores aos vencidos. Inicialmente, o delito de Sodoma era visto como “orgulho, alimentação excessiva, tranquilidade ociosa e desamparo do pobre e do indigente”. Por meio do profeta, o Senhor diz: “Tornaram-se arrogantes e cometeram abominações em minha presença” (Ez 16,49-50). Vários séculos depois, tal pecado foi identificado com o homoerotismo, mas na origem ele nada tinha que ver com o amor entre pessoas do mesmo sexo ou mesmo com relações sexuais livremente consentidas entre pessoas adultas do mesmo sexo. No Novo Testamento, a carta aos Romanos afirma que quem ama o próximo cumpriu a lei, pois os mandamentos se resumem no amor ao próximo como a si mesmo (Rm 13,8-10). Esse é o espírito dos mandamentos e o critério de sua interpretação. Mas, ao refutar o politeísmo, o apóstolo Paulo o associa ao homoerotismo (Rm 1,18-32). Os pagãos não adoravam o Deus único, mas as criaturas. E ainda permitiam essa prática sexual vista como abominação pelos judeus. Esse comportamento era considerado castigo divino pela prática religiosa errada: “Por tudo isso, Deus os entregou a paixões vergonhosas”. Outros escritos paulinos têm a mesma posição, ligando o homoerotismo à idolatria e à irreligião (1Cor 6,9-11; 1Tm 1,8-11). No contexto judaico-cristão da Antiguidade, esse argumento era compreensível. Não havia o conceito de orientação sexual, de uma tendência profundamente enraizada na pessoa, com relativa estabilidade, atraindo-a para o sexo oposto ou para o mesmo sexo. Tal orientação nada tem que ver com a crença em um ou em vários deuses ou com alguma prática religiosa. Mas, no contexto da Antiguidade, a Igreja herdou a visão antropológica da heterossexualidade universal com suas interdições. (LIMA, 2014. p. 31-32)

Com o passar dos anos o cristianismo se tornou hegemônico em diversos países, até chegar a ser a religião do Estado, com isso o homoerotismo foi classificado como sodomia e criminalizado.<sup>58</sup> Sobre o início da descriminalização da sodomia Lima (2014) lembra que

---

<sup>58</sup>Para a Igreja, era um crime horrendo: provocava a ira de Deus, a ponto de causar tempestades, terremotos, pestes e fome que destruíam cidades inteiras. Era algo indigno de ser nomeado, um “pecado nefando”, que não

Com o advento do Iluminismo e da razão autônoma, independente da Revelação, a prática sexual exercida sem violência ou indecência pública não devia cair sob o domínio da lei. Começou uma crescente descriminalização da sodomia. A modernidade, impulsionada pelo Iluminismo, trouxe a separação entre Igreja e Estado, a autonomia das ciências e os direitos humanos, que restringem o poder do soberano sobre o súdito e ampliam a liberdade da pessoa em relação à coletividade. O termo sodomia foi substituído, no século XIX, por “homossexualismo”. A questão é trazida do âmbito religioso e moral para o âmbito médico. O que então era visto como abominação passa a ser considerado como doença. Por muitas décadas, pessoas homossexuais eram internadas em sanatórios. Chegou-se até mesmo ao uso do choque elétrico. (LIMA, 2014. p. 32)

No contexto da modernidade, o concílio Vaticano II legitimou a separação entre Igreja e Estado. No ensino da igreja e as perspectivas pastorais atuais “há ênfase demais na proibição, gerando ameaça de condenação eterna, culpa e medo que paralisam as pessoas. O ponto de partida do ensinamento cristão deve ser o seu elemento positivo, que é boa notícia (evangelho).” (LIMA, 2014. p. 33)

O anúncio do amor salvífico de Deus precede a obrigação moral e religiosa. Hoje, por vezes, parece que prevalece a ordem inversa”. Para ele, a prioridade da pregação deve ser curar todo tipo de ferida. Depois se pode falar de todo o resto. O anúncio, concentrando-se no essencial, é também aquilo que mais apaixona e atrai, aquilo que faz arder o coração, como aos discípulos de Emaús (FRANCISCO, 2013c). (LIMA, 2014. p. 34)

Ainda sobre o ensinamento da igreja sobre a homossexualidade Lima (2014) acrescenta

Uma carta pastoral afirma que nenhum ser humano é mero homo ou heterossexual. Ele é, acima de tudo, criatura de Deus e destinatário de sua graça, a qual o torna filho seu e herdeiro da vida eterna (CDF, 1986, n. 16). A posição da moral católica deve se basear na razão humana iluminada pela fé e encontrar apoio também nos resultados seguros das ciências humanas (n. 2). Toda violência física ou verbal contra pessoas homossexuais é deplorável, merecendo a condenação dos pastores da Igreja onde quer que se verifique (n. 10). Os atos homossexuais, por sua vez, são considerados intrinsecamente desordenados e, como tais, não podem ser aprovados em nenhum caso (n. 3). Sobre a culpabilidade da pessoa, porém, deve haver prudência no julgamento. São reconhecidos casos em que a tendência homossexual não é fruto de opção deliberada da pessoa e que esta não tem alternativa, mas é compelida a se comportar de modo homossexual. Por conseguinte, em tal situação, ela agiria sem culpa. Alerta-se para o risco de

---

se podia mencionar, muito menos cometer (VIDE, 2007, p. 331332). Tribunais eclesiásticos, como a Inquisição, julgavam os acusados desse delito e entregavam os culpados ao poder civil para serem punidos, até mesmo com a morte. (LIMA, 2014, p. 32)

generalizações, mas podem existir circunstâncias que reduzem ou até mesmo eliminam a culpa da pessoa (n. 11). Nesta situação, não se pode dizer jamais que a pessoa está em pecado mortal e deve se afastar dos sacramentos. A castidade, hoje, é definida primeiramente como a integração bem-sucedida da sexualidade na pessoa, na sua unidade de corpo e alma (Catecismo, n. 2.337). Essa integração é um caminho gradual, um crescimento em etapas marcadas pela imperfeição e até pelo pecado (n. 2.343). Não é o reino do tudo ou nada. É preciso levar em conta a situação em que a pessoa se encontra e os passos que ela pode e deve dar. Só há uma integração bem-sucedida se a pessoa viver em paz com a sua sexualidade, amando o seu semelhante e a si mesma. (LIMA, 2014. p. 34)

Como se sabe “o estudo crítico da Bíblia, dá à devida atenção aos resultados das ciências, a fidelidade à própria consciência e os matizes da moral são referências que tornam o ensinamento da Igreja um componente rico e dinâmico na vida dos fiéis.” (LIMA, 2014, p. 34) o autor ainda coloca expressamente que não se deve buscar a Bíblia como um “manual de instruções próprio de um eletrodoméstico ou um código moral detalhado, universal e imutável. Muitas vezes se fazem citações descontextualizadas da Bíblia e simplificações indevidas da doutrina, com extrema rigidez e terrível ímpeto condenatório dirigido aos *gays*.”

A pregação, em vez de curar feridas e aquecer o coração, traz mais devastação e a Palavra do Deus da vida acaba se tornando palavra de morte. Os *gays* jamais devem ser tratados como endemoninhados a serem exorcizados ou submetidos a orações de “cura e libertação” para mudar a sua condição.<sup>59</sup>

Que a Igreja Católica Apostólica e Romana no Sertão da Paraíba, no Brasil, e em todos os confins da terra, seja um espaço acolhedor, onde mentes sejam iluminadas e corações sejam aquecidos onde sintam e vivam as necessidades do outro e que recebam jugo leve tenham seus fardos são suavizados pela presença santificadora de Deus uno, trino e rico em misericórdia.

---

<sup>59</sup>Bispos norte-americanos escreveram uma bela carta pastoral aos pais dos homossexuais. O título é oportuno e profético: “Sempre nossos filhos”. Os bispos afirmam que Deus não ama menos uma pessoa por ela ser gay ou lésbica. Deus é muito mais poderoso, mais compassivo e, se for preciso, mais capaz de perdoar do que qualquer pessoa neste mundo. Os bispos exortam os pais a amar a si mesmos e não se culpar pela orientação sexual de seus filhos, nem por suas escolhas. Os pais não são obrigados a encaminhar os filhos a terapias de reversão para torná-los heterossexuais. Os pais são encorajados, sim, a lhes demonstrar amor incondicional. E, dependendo da situação dos filhos, observam os bispos, o apoio da família é ainda mais necessário (USCCB, 1997).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: Que fique claro; Deus não condena!**

Ao longo deste estudo ficou evidente que na conjuntura atual é preciso desconstruir padrões e modelos historicamente impostos sobre os corpos, gêneros e sexualidades e para isso sem dúvidas é necessário “descristianizar” e “descatolicizar” em um processo de desfiliação do que foi estabelecido como errado, dentre as quais a homossexualidade e por isso mesmo não é objeto de castigos divinos direcionadas pela condenação humana.

Deus pai/mãe ama os seus filhos, e como pai os acolhe, os protege e os direciona. Apenas ele tem o poder de ser onipotente, onipresente e onisciente. E assim Deus é amor! Infimamente e incondicionalmente. Os cristãos são chamados a levarem esse amor à força transformadora do criador.

Subtende-se a grosso modo, que teremos uma sociedade mais conservadora no futuro, mais do que no presente (pois o que se prega e se objetiva) dentro das instituições religiosas cristãs é justamente o que vimos acontecer no cenário político nacional, com discursos de ódio em tempos nefastos de ataques consolidados contra a democracia e a Educação Pública brasileira.

Não tem como conseguir uma sociedade livre de preconceitos se o fator da religião independente de qual seja ainda é preponderante na vida e na atividade pública. E sendo assim, muito difícil trabalhar a questão da tolerância com os considerados conservadores. O nível de alienação e fanatismo ainda permanece muito latente.

Acreditamos que as vivências de gênero e sexualidade precisam ser debatidas frente à violação de direitos de livre manifestação da referência sexual pessoal. Faz-se necessário reafirmar cotidianamente os espaços institucionais de ensino como as escolas e universidades para o diálogo de todos(as), e para formação de cidadãos e cidadãs críticos, difundindo e socializando o saber.

Esse cenário apela para que estudos sobre: relações sociais de gênero e diversidade sexual no âmbito das religiões cristãs sejam realizadas e intensificadas por programas de pós-graduação em nível *stricto sensu*, para que haja o aprofundamento diante da dificuldade no trato da temática e exercício da liberdade de pesquisa, comprometida com a produção crítica do conhecimento.

É de suma importância a luta pelos Direitos Humanos, promoção da diversidade e pluralidade de opiniões, livres de padrões preestabelecidos e discriminações, facilitando e abrindo caminho para o enfrentamento e solapamento, até chegarmos a uma sociedade

respeitosa erradicada de todas as formas de violências estruturais dentre as quais a homofobia, e as LBTfobias.

A consolidação de pesquisas como esta torna-se mais um aparato, para dar embasamento teórico as organizações e movimentos sociais e populares, onde sinalizamos o respaldo colaborativo desta, com o caráter interdisciplinar apresentando relevância para a produção e socialização da ciência, que ensejará no aumento de pesquisas acerca da temática em questão.

Pretendeu-se dessa maneira, intensificar e contribuir com a produção científica na área das Ciências das Religiões a partir da integração das concepções teóricas e proporcionar aprofundamento nas questões relacionadas com esta vertente de estudo, abrindo caminho para discussões e possibilitando o acesso à comunidade acadêmico-científica em geral.

Emerge a necessidade urgente do fortalecimento da comunidade acadêmica, buscando estratégias de resistência, realçando seu caráter democrático e emancipador, visando contribuir para a transformação da realidade educacional para além dos muros da academia, perante a democratização do ensino público, gratuito, laico, de qualidade e inteiramente estatal e socialmente referenciado.

Neste estudo não se pretendeu esgotar a discussão aqui trazida e colocada, e assim salientamos que não são conclusões definidas e estabelecidas, o intuito maior foi horizontalizá-la fundamentalmente nas bases científicas a fim de trazer ao público (acadêmica e comunidade em geral) não resultados, mas elementos e contribuições para enriquecer o debate para que possam desenvolver estratégias significativas no combate a todas as formas de opressão que permeiam as instituições religiosas na atualidade e a superação destas no conjunto da sociedade.

Portanto, é fundamental continuamente galgar processos de enfrentamento com vistas à erradicação do estigma e promoção de políticas públicas a estes segmentos socialmente vulneráveis, e minimamente contribuir para a efetivação do projeto utópico de sociedade, livre de preconceitos e conseqüentemente, mais respeitosa, fraterna e humana em sua completude. E assim seguimos lutando, resistindo e sonhando, pois a vida é sobre constância, insistência e resistência.

## REFERÊNCIAS

ALETEIA BRASIL. **O que é a Doutrina Social da Igreja?** Publicado em: 28/06/2020. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2020/06/28/o-que-e-a-doutrina-social-da-igreja/> Acesso em: 03 de nov. de 2022.

ALMEIDA, F. A. MOREIRA, R. C. **Neopentecostalismo e teologia da prosperidade: história e implicações no Brasil contemporâneo.** In: ALMEIDA, F. A. (Org). Ciências das Religiões uma análise interdisciplinar. Disponível em: [https://ihac.ufba.br/wp-content/uploads/2021/11/Livro-Ciencias-das-Religoes-III\\_compressed.pdf](https://ihac.ufba.br/wp-content/uploads/2021/11/Livro-Ciencias-das-Religoes-III_compressed.pdf) Acesso em: 05 de mar. de 2023.

ASSIS, Maria Cristina. **Metodologia do Trabalho Científico.** Disponível em: encr.pw/wuP2z Acesso em: 12 de set. de 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: Informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

AZPITARTE, E. L. **Ética da sexualidade e do matrimônio.** São Paulo: Paulus, 1997.

BÍBLIA SAGRADA, A.T. **Gênesis.** In: Bíblia de Jerusalém (Ed. Revista). São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada, N.T. **Apocalipse.** In: Bíblia de Jerusalém (Ed. Revista). São Paulo: Paulus, 2002.

BORILLO, Daniel. **Homofobia: História e crítica de um preconceito.** Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 1 ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BRASIL. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012.** Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2012.

BRASIL. **Relatório de violência homofóbica no Brasil: ano 2013.** Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2016.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_201](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_201) Acesso em: 10 de mai. de 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).** Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis, São Paulo: Vozes/Paulus/Loyola/Ave Maria, 1998.

CEPESC. **Gênero e Diversidade na Escola**: formação de professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Cadernos de Atividades. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009.

COSTA LIMA, Marcos. A Questão das Fronteiras no Norte do Brasil, a Amazônia e a construção de uma Unidade SulAmericana. In: Estevão Chaves de Rezende Martins e Filipe Kern Moreira (Orgs.): **As Relações Internacionais na Fronteira Norte do Brasil**. Boa Vista: Editora UFRR, 2011.

COUTINHO, R. Z., & MIRANDA-RIBEIRO, P. Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência e juventude: lições de uma revisão bibliográfica sistemática de mais de meio século de pesquisas. **Revista Brasileira de Estudos de População**, 31(2), 333–365. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S010230982014000200006> Acesso em: 03 de mar. de 2023.

COUTO, Cleber. Ocorpo que habito: sobre o direito ao próprio corpo. **RJLB**, Ano 7, 2021, nº 2. Disponível em: [https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2021/2/2021\\_02\\_0429\\_0460.pdf](https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2021/2/2021_02_0429_0460.pdf) Acesso em: 12 de mai. de 2022. p. 430.

COZZENS, D. B. **A face mutante do sacerdócio**: reflexão sobre a crise de alma do sacerdote. São Paulo: Loyola, 2001.

Curiel, Ochy. (2005). "**Gênero, raza, sexualidad: debates contemporáneos**". Disponível em: [http://www.urosario.edu.co/urosario\\_files/1f/1f1d1951-0f7e-43ff-819fdd05e5fed03c.PDF](http://www.urosario.edu.co/urosario_files/1f/1f1d1951-0f7e-43ff-819fdd05e5fed03c.PDF) Acesso em: 20/07/2022

DATHEIN, Ricardo, (Org.). **Desenvolvimentismo o conceito, as bases teóricas e as políticas**. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8m95t/pdf/dathein-9788538603825.pdf> Acesso em: 01 de mai. de 2022.

DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em revista**, Curitiba, n. 39, p. 39-50, jan./abril. 2011. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-18G%C3%AAAnero-Sexualidade-e-Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 10 de dez. de 2021.

DOCUMENTO DE PUEBLA. **Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina**: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. São Paulo: Paulinas, 1979. Disponível em: <https://www.infosbc.org.br/site/legislacao-canonica/2414-documento-de-puebla> Acesso em: 20 de jun. de 2022.

DOCUMENTOS DO CELAM. **Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo**. São Paulo: Paulus, 2004.

ECO, Umberto; MARTINI, Carlo Maria. **Em que crêem os que não crêem?** Rio de Janeiro: Record, 1999.

FERNANDES, Sílvia. **Sociologia da Juventude – Olhares interdisciplinares e internetáticos**. Disponível em: <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/2316-1329.095> Acesso em: 14 de mai. de 2022.

FORCANO, B. **Nova ética sexual**. São Paulo: Musa, 1996.

FOUCAULT, M. (Org.) **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50-ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 4.ed. paz e terra. 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação RBCE**, p. 71-83. Março, 2010.

GOMES, R. MURTA, D. FACCHINI, R. MENEGHEL, S. N. **Gênero, direitos sexuais e suas implicações na saúde**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(6):1997-2005, 2018.[periódico na internet] (2018/Fev). Disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/genero-direitos-sexuais-e-suas-implicacoes-na-saude/16631?id=16631&id=16631> Acesso em: 04/04/2023.

GONDAR, J. Memória, poder e resistência. In: BARRENECHEA, M. A.; GONDAR, J. (Org). **Memória e espaço: trilhas do contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7letras, 2003.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós modernidade: a identidade em questão**. DP&A Editora, 1ª ed. 1992, Rio de Janeiro. p.7

HARDT, M. A sociedade mundial de controle. In: ALLIEZ, Eric (Org). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Editora 34, 2000.

HÜBNER, Maria Marta. **Guia para Elaboração de Monografias e Projetos de Dissertação de Mestrado e Doutorado**. São Paulo: Pioneira Thonson Learning. 2004.

IRINEU, Bruna Andrade. Gênero, sexualidade e educação violência epistêmica e pânico moral em tempos de recrudescimento do conservadorismo. **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**. ABPSS, 2019.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. Michel Foucault, ou como nos tornamos sujeitos. **Revista Educação/especial biblioteca do professor**. p.84

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LARAIA, Roque de Barros. Da natureza da cultura ou da natureza à cultura. In: **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2001.

LEERS, B.; TRASFERETTI, J. **Homossexuais e ética cristã**. Campinas: Átomo, 2002.

LIBANIO, J. B. **Para onde vai a juventude?** Reflexões pastorais. São Paulo: Paulus, 2013.

LIMA, Luís Corrêa. **Homoafetividade e evangelização**: abrir caminhos. Revista Vida Pastoral. n. 297. Jul-ago, 2014, p. 29-36.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Revista Pró-Posições. V. 19, n. 2 (56). Maio-ago, 2008. p. 2.

LUCCHETTI G, Lucchetti ALG, Vallada H. Measuring spirituality and religiosity in clinical research: a systematic review of instruments available in the Portuguese language. Sao Paulo Med J 2013; 131(2):112-122. In: FORTI, S. SERBENA, C. A. SCADUTO, A. A. Mensuração da espiritualidade/religiosidade em saúde no Brasil: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, 25(4):1463-1474, 2020.

MACHADO, R. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. (Org.) **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MANCE, E. **O capitalismo atual e a produção de subjetividade**. Disponível em: <http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/subjetividade.htm> Acesso em: 24 de jan. de 2022.

MARTINS, F., ROMÃO, L., LINDNER, L., & Reis, T. (2010). *Manual de Comunicação LGBT* Curitiba, PR: Ajir Artes Gráficas. In: NASCIMENTO, G.C.M. COMIN. F.S. A Revelação da Homossexualidade na Família: **Revisão Integrativa da Literatura Científica**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tpsy/a/M7ckhVvTmWTxRDQcFN9YYmK/> Acesso em: 03 de jan. de 2023.

MEDEIROS, J.T. LIMA, S.K.F. BÉLENS, J.N.M. MONTEIRO, J.M. RASIA, A. (Orgs) **Sujeito, cultura e contemporaneidade**. Coletânea de textos didáticos. (Especialização em fundamentos da educação: práticas pedagógicas interdisciplinares). UEPB, 2013.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MENDES, M. I. S. NÓBREGA, T. P. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. **Revista Brasileira de Educação**. Set/dez. Nº 27. (2004). Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/h7f73sRjXLczGQ5BxWCqf4B/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 02 de fev. de 2022.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. Ciências das Religiões: de que mesmo estamos falando? **Ciências das Religiões: História e Sociedade**, Ano 2, n.2, 2004, p.17-34. Disponível em: encr.pw/zXQM8 Acesso em 10 de abr. de 2021.

MENEGUEL, S.N. FACCHINE, R. MURTA, D. GOMES, R. **Gênero, direitos sexuais e suas implicações na Saúde**. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.04872018> Acesso em: 03 de mai. de 2022.

MIGUEL, Luiz. **O que é liturgia?** Paulus. 2018. Disponível em: <https://www.paulus.com.br/portal/o-que-e-liturgia/#:~:text=Liturgia%20%C3%A9%20uma%20palavra%20de%20origem%20grega%2C%20cujo,o%20culto%20prestado%20a%20Deus%20por%20essa%20Igreja>. Acesso em: 04 de jan. de 2023.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MODESTO, Edith. **Religiosidade e homossexualidade: como conciliar?** Revista Vida Pastoral. Paulus, 2014. p. 5-8.

MOSER, A. **O Enigma da esfinge, A sexualidade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NOGUEIRA, Daniela Márcias. Gênero e Sexualidade na Educação. I simpósio sobre estudos de gênero e políticas públicas. Londrina. **Anais**. Londrina, RS: UEL. 2010.

ORAISON, M. **A questão homossexual**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção para a Eliminação de Todas as Formas da Discriminação Contra as Mulheres**, 1979.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção sobre a Luta contra a Discriminação na Educação**, 1960.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção sobre os Direitos da Criança**, 1989. Disponível em: <https://www.unric.org/html/portuguese/humanrights/Crianca.pdf> Acesso em: 20 de fev. de 2022.

PEREIRA, Diogo Fagundes. **Homossexualidade em cena: da naturalidade ao preconceito. revisitando a produção científica nacional**. V,13. Nº 2017. Disponível em: <file:///D:/HOMOSSEXUALIDADE%20EM%20CENA.pdf> Acesso em: 04 de jan. de 2023.

POSSEBON, Fabricio. **Espiritualidade e saúde: a experiência grega arcaica**. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3130/313049300009.pdf> Acesso em: 24 de jan. de 2023.

PROJETO ALEGRANDO. **O que é Pastoral de Conjunto ou Orgânica?** Publicado em: 20/05/2011. Disponível em:

<https://projetoalegrando.webnode.com.br/news/o%20que%20e%20pastoral%20de%20conjunto%20ou%20org%C3%A2nica/> Acesso em: 15 de dez.de 2022.

RABELO, A. O. **A memória das normalistas do IESK de Campo Grande/RJ**. 2004. 124f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2004.

RABELO, A. O. Memória e subjetividade: elementos para refletir sobre a singularidade das professoras. *Educação*. v. 32 - n. 01, p. 183-200, Santa Maria, 2007. Disponível em: <https://www.ufsm.br/unidades-universitarias/ce/revistas> Acesso em: 16 de nov. de 2022.

RIBEIRO, J.C. **Juventude, desafio e enigma**. São Paulo. Vida Pastoral. Paulus. 2013.

RODRIGUES, Beatriz. Diversidade Sexual, Gênero e Inclusão Escolar. **Revista Brasileira de Educação Básica**. Vol. 2, n. 6. Nov-Dez. 2017. p. 2.

SALLAS, A. L. F.; BEGA, M. T. S. “Por uma Sociologia da Juventude – releituras contemporâneas”. **Revista de Sociologia e Política**. Abril, vol. 5, n. 8. Florianópolis, 2006.

SALVADOR, Nayara Rios Cunha. FRANCO, Neil. “Todo mundo tá sempre tomando conta da vida dos outros”: vivências e trajetórias LGBTQIA+ em contextos interioranos. **Revista debates Insubmissos**. Caruaru: ano 3, v.3, nº 9, edição especial. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das Epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, 1990; 16(2):5-22.

SEFFNER, F. Atravessamentos de gênero, sexualidade e educação: tempos difíceis e novas arenas políticas. In: Reunião Científica Regional da ANPED, 11., 2016, Curitiba. **Anais eletrônicos [...]**. Curitiba: UFPR, 2016.

SEFFNER, Fernando. **Sigam-me os bons**: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013000100010> Acesso em: 20 de jan. de 2022.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, L.V. **A influência da espiritualidade/religiosidade na subjetividade de jovens homossexuais: uma proposta de compreensão fenomenológica**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões). Universidade Federal da Paraíba, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8777> Acesso em: 23 de mai. de 2022.

SILVA, T. (Org) **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIMPSON, J.A.; Weiner, E.S. - **The Oxford English Dictionary** 2.ed. 20 V. Clarendon Press, Oxford, 1989.

SNOECK, J. **Ensaio de ética sexual**. São Paulo: Paulinas, 1981.

SOFIATI, F. M. **Religião e juventude**: Os novos carismáticos. São Paulo: Idéias& Letras/FAPESP, 2013.

TAVARES, Cássia Quelho. **Moral sexual**: a visão da Igreja Católica e sua influência na sociedade brasileira. In: Entre certezas e desafios: Ética Sexual Católica e Concepção de Sexualidade Humana Hoje. 2006. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8591/8591\\_1.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8591/8591_1.PDF) Acesso em: 20 de mar. de 2023.

USCCB (United States Conference of Catholic Bishops). Always our children. Washington, 1997. Disponível em: <www.usccb.org>. Acesso em: março de 2021.

VALLE, E. (Org.). **Tendências homossexuais em seminaristas e religiosos**: visão psicoterapêutica e pedagógica. São Paulo: Loyola, 2011.

VALLE, Edênio. **A igreja Católica ante a homossexualidade**: contextualizações e indicações pastorais. Revista Vida Pastoral. Paulus, 2014. p. 09-27.

VATICANO II – **Mensagens, Discursos, Documentos**. São Paulo: Paulinas, 1998.

VICENTINO, C. DORIGO, G. **História Geral e do Brasil**. Scipione. São Paulo, 2010.

VIDAL, M. **Homossexualidade**: ciência e consciência. São Paulo: Loyola, 1985.

World Health Organization (WHO). Fifty-second World Health Assembly, Geneva, 17-25 May 1999: verbatimrecordsofplenary meetings andlistofparticipants. Genebra: WHO; 1999.